



O SUJEITO DA PSICANÁLISE

Sonia Campos Magalhães (organizadora)



**O SUJEITO
DA PSICANÁLISE**

© 2004, Associação Científica Campo Psicanalítico.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta coletânea poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem permissão por escrito.

O SUJEITO DA PSICANÁLISE

Publicação da Associação Científica Campo Psicanalítico
Av. Reitor Miguel Calmon, 1210
Vale do Canela, Salvador – Bahia
Cep.: 40.110-100
Tel.: (71) 245-5681 Fax.: (71) 331-4565
accp@campopsicanalitico.com.br
www.campopsicanalitico.com.br

Diretoria da Associação Científica Campo Psicanalítico

Diretora: *Angélica Teixeira*
Secretária: *Amélia Almeida*
Tesoureiro: *Ubirajara Cardoso*

Comissão Editorial

Ida Freitas, Jairo Gerbase, Sonia Campos Magalhães

Apoio

FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia

Edição Gráfica

2Designers (2designers@uol.com.br)

Revisão

Solange Mendes da Fonseca

Capa

Picasso – escultura Cabeça de Mulher, 1957

-
- S42 O sujeito da psicanálise: topologia do sujeito, sujeito e discurso, clínica do sujeito, sujeito e gozo/Sonia Campos Magalhães (org.). – Salvador : Associação Científica Campo Psicanalítico, 2004.
142 p. : il.

ISBN 86-893-8803-04

1. Sujeito (Psicanálise) – Coletâneas. I. Gerbase, Jairo. II. Rodella, Roseli. III. Castanet, Didier. IV. Freitas, Ida. V. Dunker, Christian. VI. Teixeira, Angélica. VII. Silva, José Antonio Pereira da. VIII. Magalhães, Sonia Campos. IX. Carvalho, Soraya. X. Otoni, Vitória. XI. Correia, Carlos Pinto. XII. Gatto, Clarice. XIII. Teixeira, Marcus do Rio. XIV. Título.

CDU – 159.964.2

CDD – 150.195

Sonia Campos Magalhães
(Organizadora)

O SUJEITO DA PSICANÁLISE

TOPOLOGIA DO SUJEITO
SUJEITO E DISCURSO
CLÍNICA DO SUJEITO
SUJEITO E GOZO



Apoio



Novembro 2004

Apresentação

TOPOLOGIA DO SUJEITO

A metáfora do sujeito – 15

Jairo Gerbase

**A puberdade como um momento de efetuação
da estruturação subjetiva – 21**

Roseli Rodella

Verdade, via sujeito – sintoma – 27

Didier Castanet

SUJEITO E DISCURSO

Pode a biogenética suprimir o sujeito? – 37

Ida Freitas

**O sujeito interpassivo: um problema
para a teoria dos discursos – 47**

Christian Dunker

O campo do Outro na psicanálise – 53

Angélica Teixeira

CLÍNICA DO SUJEITO

O sujeito em questão na psicose – 67

José Antônio Pereira da Silva

O evanescimento do mundo infantil – 77

Sonia Campos Magalhães

O sujeito do suicídio – 85

Soraya Carvalho

O sujeito e o sintoma – 91

Vitória Otoni

SUJEITO E GOZO

O homem contra o sujeito – 109

Carlos Pinto Correia

As pulsões, seus destinos e o sujeito em análise – 121

Clarice Gatto

O Supereu e o imperativo de gozo – 131

Marcus do Rio Teixeira

APRESENTAÇÃO

O sujeito em questão na psicanálise é aquele de origem marcado pela divisão. Trata-se do sujeito do inconsciente: aquele que não sabe o que diz quando alguma coisa é dita pela palavra que lhe falta, assim como por uma conduta singular que ele crê ser sua.

O sujeito pode ser definido em relação ao *fading*, ao cansaço, que é fruto da relação entre o sujeito e si próprio, não entre o sujeito e o mundo.

Pode também ser definido como um efeito de sentido do significante, o que quer dizer, sobretudo, que é sem conteúdo. O sintoma da dúvida é uma boa ilustração do que significa um efeito de sentido sem conteúdo. O sintoma da dúvida é, em si, sem conteúdo. O conteúdo da dúvida é derivado, secundário. A dúvida primária é sem conteúdo. Talvez até possamos dizer que a dúvida primária é real e, para fazer um dialeto, dizer que essa concepção do sujeito permite defini-lo como real.

Um discurso modela a realidade, sem esperar nenhum consenso do sujeito, dividindo-o, seja o que for que ele enuncie. Disso resulta possível situá-lo nos mais diversos discursos. O *discurso do analista* exprime o sujeito como outro, ou seja, lhe remete a chave de sua divisão. O *discurso da ciência* torna o sujeito mestre, na medida em que o desejo que lhe dá validade ao mesmo tempo o subtrai. É também por isso que aí se manifesta um real próximo do *discurso histórico*.

Dado que o significante representa um sujeito, não um significado, para um outro significante, não para um outro sujeito, o significante não pode sucumbir ao signo, que representa alguma coisa para alguém. O psicanalista está advertido de que esta alguma coisa da qual deve se ocupar é a divisão do sujeito, que não deve ser tomada por uma coisa, posto que é falha e de estrutura.

A divisão do sujeito ressoa as vicissitudes do saber do sexual sempre traumático, sempre condenado ao fracasso pelo fato de que o significante não está apto para formular na estrutura a relação sexual.

A coletânea – **O sujeito da psicanálise** – está distribuída em quatro seções: topologia do sujeito, sujeito e discurso, clínica do sujeito, sujeito e gozo.

A seção **Topologia do sujeito** compreende três artigos: no primeiro, se encontrará a justificação da metáfora como operação sig-

O SUJEITO DA PSICANÁLISE

nificante, equivalente à condensação freudiana, a metáfora como mecanismo primário das formações do inconsciente.

No segundo, se relaciona o primeiro momento de efetuação da estrutura, o *Fort-da*, como correlativo ao domínio da linguagem falada, e o segundo, a castração, como correlativo domínio da leitura e da escrita. A esses dois momentos de efetuação da estrutura, Roseli Rodella acrescenta um terceiro, a puberdade, momento em que o sujeito encontra-se com o Outro sexo, com a ausência do significante que nomeia **A** Mulher. Este terceiro momento, a autora coloca como correlativo ao domínio da matemática. O número, aí, como uma forma de se representar no Outro, tal como somos representados pelo significante.

No terceiro, Didier Castanet define a estrutura do sintoma como estrutura da metáfora, tal como Freud fez a ilustração mais patente na formação do sonho. Pode-se, então, dizer que, se o inconsciente é efetivamente estruturado como uma linguagem, o sintoma, enquanto substituição constitutiva da linguagem, é parte integrante, sempre possível, da linguagem. Dessa forma, ele é uma especificidade do *parlêtre*. O corolário disso seria saber por que haveria substituição de prazer ou de desprazer. Então, a função do sintoma não é somente significante, mas também de gozo. Ele não se reduz a uma verdade a ser interpretada, mas é também gozo a ser decifrado. O sintoma, na sua função de gozo, pode se fazer ouvir tanto quanto nós procuramos encontrar para ele um sentido. É a questão de uma clínica para além dos limites, ou seja, uma clínica do objeto, do real e do gozo, que está também para ser interrogada.

A seção – **Sujeito e discurso** – também reúne três artigos: no primeiro, Ida Freitas pergunta: ante a insistente questão veiculada na mídia, não sem intenção, claramente calculada – a psicanálise vai acabar? –, questão que é reflexo da cultura moderna, ante os avanços tecnológicos, da biogenética, das neurociências, qual o lugar do psicanalista nesta cultura tecnicamente aparelhada, onde tempo e espaço são redefinidos? A biogenética, ao reduzir a mente a um objeto de manipulação tecnológica, ao reduzir o homem a um mero objeto natural, apresenta-se como uma ameaça à humanidade, ao nosso censo de dignidade e autonomia. Como nós psicanalistas de-

APRESENTAÇÃO

veríamos agir diante desta ameaça que, em última instância, é uma ameaça ao sujeito particular, singular, único?

O segundo artigo, de Christian Dunker, examina a noção de crença à luz da psicanálise. O autor parte de uma apresentação das formas da incidência subjetiva da crença, tendo em vista sua fenomenologia, para, em seguida, discernir alguns elementos lógicos de suas constituição. O objetivo do trabalho é contribuir para o enfrentamento clínico de apresentações subjetivas, fortemente marcadas pela crença. O autor propõe uma distinção entre interatividade, interpasividade e ato analítico como forma de clarificar a abordagem psicanalítica da crença.

O artigo de Angélica Teixeira, encerra esta seção. A autora evoca a concepção psicanalista do Outro para falar da barbárie contemporânea. Recorre à teoria lacaniana dos discursos, onde Lacan dá um tratamento teórico ao discurso do capitalista, para evidenciar o impacto causado pelos elementos próprios ao capitalismo sobre a subjetividade.

Em **A clínica do sujeito**, José Antonio Pereira da Silva, autor de “O sujeito em questão na psicose”, primeiramente se pergunta se é possível estabelecer a diferença do conceito de sujeito na neurose e na psicose, para, em seguida, apresentar algumas possíveis distinções, e concluir com esta máxima: o sujeito do inconsciente em questão na neurose é evanescente, descontínuo; na psicose, é permanente.

O que é uma criança? É a pergunta colocada por Sonia Campos Magalhães em seu artigo “O evanescimento do mundo infantil”. Pode-se dizer que a autora põe em destaque a importância da amnésia infantil como pré-história do sujeito. Referindo-se a Royo, ela observa que cada época inventa seu conceito de criança – a forma de pensar a infância. Em Freud, o conceito de infância é correspondente ao de sexualidade infantil, que é dividido em dois momentos: antes e depois do período de latência. A hipótese principal do artigo, no entanto, também referida a Royo, é a de que no último meio século, vem ocorrendo um desaparecimento do mundo infantil, na medida em que vêm crescendo, progressivamente, as exigências de se tratar uma criança como um adulto. Em suma, a criança de Royo não brinca mais. A autora parece contrariar sua referência, ao apresentar o conceito de infantil em Lacan, que é equivalente ao conceito de estrutura, isto é,

O SUJEITO DA PSICANÁLISE

ao efeito do significante que, por definição, está sujeito a um necessário evanescimento. Como no “Bloco mágico”, não no nível do comportamento, mas da linguagem (isto é, d’alíngua), a criança-sujeito de Lacan está sempre sujeita a aparecer e desaparecer. O que a autora nos leva a pensar é que o evanescimento do mundo infantil é necessário, e que é impensável que ele possa deixar de acontecer no adulto. Dito de outra maneira: provavelmente, haverá sempre (é o necessário) evanescimento do mundo infantil, e, provavelmente, nunca haverá (é o impossível) a suposta permanência do mundo adulto.

O que leva um sujeito ao ato suicida? A resposta direta da autora, Soraya Carvalho, com base, principalmente, no estudo de 2600 casos, é: a perda de um significante-mestre. Este S_1 , a autora acrescenta, é correspondente ao Ideal do eu, um significante ideal que dava suporte ao sujeito. Para o sujeito suicida, conclui, ser morto é a única maneira de dispor de um lugar no campo do Outro, o que, de resto, ainda demonstra a reserva que devemos ter de encarná-lo em pessoas do ambiente familiar.

Com o artigo de Vitória Ottoni Carvalho, “O sujeito e o sintoma”, conclui-se a seção **Clínica do sujeito**. A autora se ocupa da conjunção, sujeito e sintoma, correlativa da conjunção, Freud e Lacan, isto é, da conjunção, sintoma-formação do inconsciente e sintoma-sujeito. Segundo a hipótese lacaniana, sujeito coincide com corpo, e, desse modo, a conjunção que finalmente a autora quer demonstrar situa-se entre sintoma e corpo.

E, em – **Sujeito e gozo** –, Carlos Pinto Corrêa, em seu artigo “O homem contra o sujeito”, sustenta o argumento, segundo o qual, parece irresistível a vocação que o homem possui para estar sempre voltado para o seu exterior, fugindo àquilo que tem de mais próximo, que é o seu próprio interior. Seja nas ciências, na filosofia, na literatura, sempre existiu uma dificuldade no homem de pensar sobre si mesmo. Sócrates confessava não saber. Pensar é não saber e, mais, quando se pensa não se pretende saber, quando se pretende saber não se pensa. Assim, o homem tem vivido sem saber de si, mesmo com a proposta psicanalítica de revelar o sujeito do seu inconsciente.

Clarice Gatto, por sua vez, em seu artigo “As pulsões, seus destinos e o sujeito em análise”, se pergunta: qual a relação entre a noção

APRESENTAÇÃO

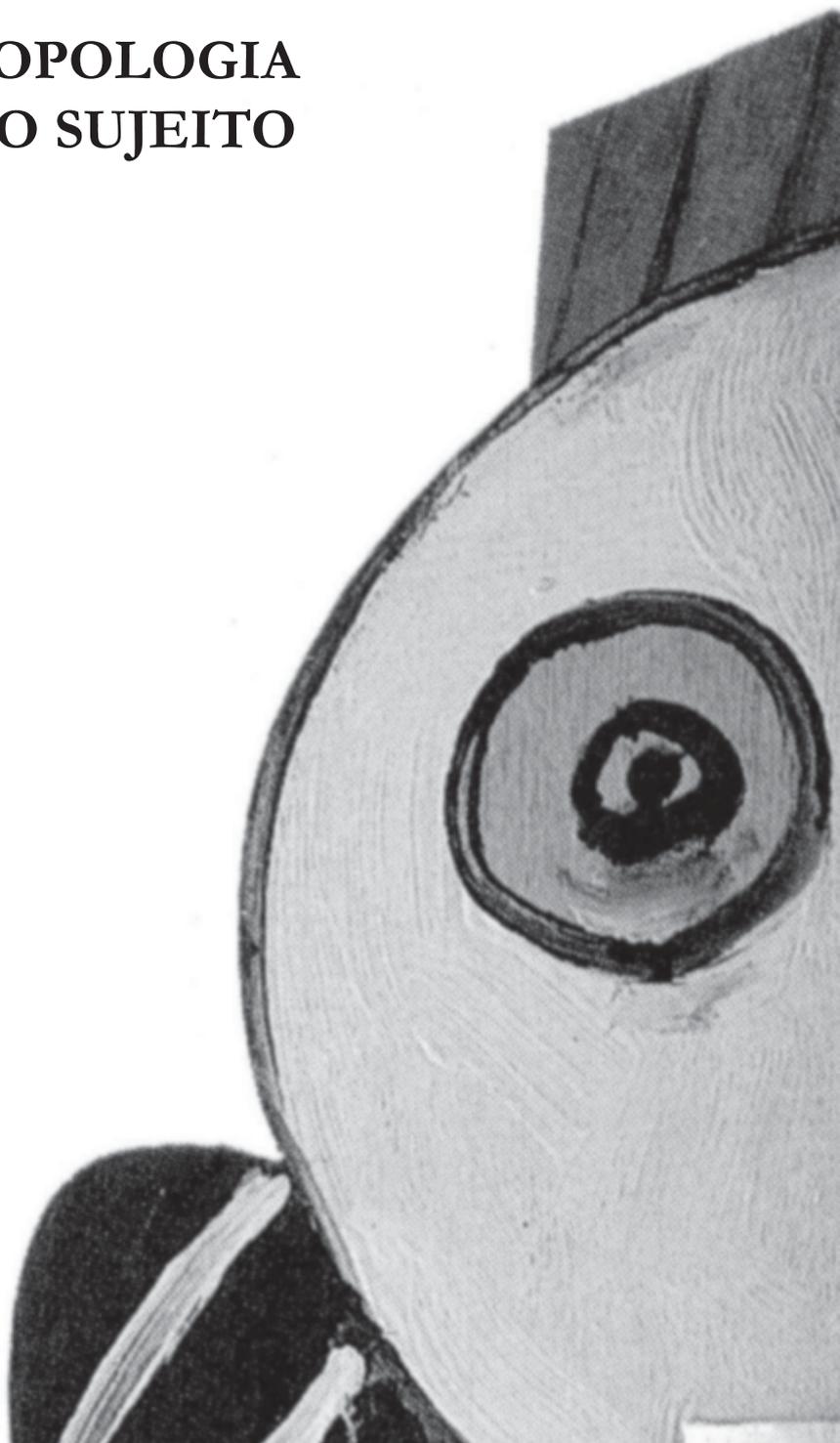
de pulsão em Freud e a de gozo (*jouissance*) em Lacan? Em que a distinção demonstrada por Freud para os destinos possíveis da pulsão aparelha o psicanalista na direção do tratamento? Segunda questão: se um sonho, via régia da psicanálise, testemunha a existência das *formações do inconsciente*, e, o sintoma testemunha o retorno do recalçamento: será que posso referir os *destinos da pulsão* à estrutura da fantasia e, por conseguinte, ao modo de gozar de um sujeito além do princípio do prazer, em sua *versão do pai* (*péversion*)?

Finalmente, Marcus do Rio, em “O Supereu e o imperativo de gozo”, também se coloca uma questão, que lhe parece um tanto ingênua, mas que, longe disso, parece conter muita malícia, acerca da naturalidade com que nos referimos à definição lacaniana do supereu. De fato, diz, esta definição já faz parte das nossas referências teóricas há tanto tempo que costumamos esquecer – ou, no caso das novas gerações de analistas, saltar – a definição freudiana, evitando cotejá-la com a leitura de Lacan. A nossa questão poderia ser resumida desta forma: Lacan está sendo coerente com Freud quando fala do supereu?

Boa leitura.

Jairo Gerbase

TOPOLOGIA DO SUJEITO



A metáfora do sujeito

Jairo Gerbase

Se, dando início a um congresso, digo: “declaro encerrado o congresso...”, faço um chiste, ou melhor, um lapso calculado. Isto é um ato, um ato falho. Um ato falho é uma metáfora do sujeito.

Se me engano de significante, se uso encerrado em lugar de aberto, não faço outra coisa senão metáfora: substituição de um significante por um outro significante. Igualmente, quando tento abrir a porta do consultório com a chave da residência, faço metáfora, ou seja, substituição de uma chave por outra.

A partir das formações do inconsciente (atos falhos, chistes, sonhos e sintomas), das quais se ocupou enquanto analista, Lacan desenvolveu uma teoria dos efeitos do significante que o conduziu à conclusão de que o psicanalista é um retórico.

Há um apêndice nos *Escritos*, intitulado “A metáfora do sujeito”¹, no qual ele dialoga com Perelman acerca da metáfora “*an ocean of false learning*”, de autoria de Berkeley. Este artigo foi objeto de comentário de Grigg ao qual tivemos acesso por intermédio do comentário de Motta².

O debate retoma, segundo Motta, o primeiro matema da metáfora, desenvolvido em *Poética*, no exemplo retirado de Empédocles, no qual Aristóteles lê duas metáforas analógicas: a *velhice* está para a *vida* assim como a *tarde* está para o *dia*, de tal forma que a velhice é a “tarde da vida” e a tarde, por sua vez, a “velhice do dia”.

Perelman considera a metáfora de Berkeley, “um oceano de falsa ciência”, uma analogia condensada e mais rica que o exemplo aristotélico. Lacan, ao contrário, considera que neste exemplo não se trata de analogia porque ensino [*learning*] não é ciência, o que confirma

¹ LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 903-907.

² GRIGG, R. Metaphor and metonymy. *Newsletter of the Freudian Field*, v.3, n.1/2, p. 58-79. Spring/Fall 1989, (apud) MOTTA, V. *O conceito de estrutura e a dimensão do significante nas formações do inconsciente*. 1992. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1992.

A METÁFORA DO SUJEITO

que o ensino tem tão pouco a ver com o oceano quanto a mosca com a sopa.

Por esta razão, evoca sua fórmula da metáfora paterna, por um lado, para discordar da redução da metáfora à analogia, mas, por outro lado, para concordar que, se a metáfora joga com quatro termos [oceano/ciência . falsa/x] sua heterogeneidade, no entanto, se reparte em três termos contra um e se distingue por ser a que vai do significante ao significado.

Assim se justifica sua reiterada homenagem a Jakobson³, por ter formulado com precisão que a metáfora e a metonímia devem ser situadas na cadeia significante, isto é, na substituição de um significante por um outro, para a metáfora, e na conexão de um significante a outro, para a metonímia, embora, para a poética, a substituição se faça por similaridades e a conexão por contigüidades, enquanto para a psicanálise, o resultado seja outro, na medida em que lhe interessa o que Lacan chamou de efeito Saussure, efeito de dirupção do significado pelo significante. O ponto de basta, ponto no qual o significante detém o deslizamento da significação, que de outro modo seria indefinido, quer ilustrar esse efeito⁴. Diversos paradigmas psicanalíticos ocupam a posição de ponto de basta, a saber: o complexo de Édipo, o Nome-do-Pai, o significante do falo [Φ], o objeto *a*, o significante mestre [S_1], o sintoma [Σ], etc.

Porém, o que notadamente neste diálogo vai interessar a Lacan é a metáfora do sujeito, isto é, a metáfora enquanto equivalente à condensação freudiana [*Verdichtung*]⁵, a qual define como uma das duas vertentes do jogo do inconsciente, a outra, é bem sabido, sendo a metonímia, por sua vez equivalente ao deslocamento freudiano [*Verschiebung*]. Isto quer dizer que, na dimensão do inconsciente, ou seja, na dimensão do significante, a metáfora é sempre e radicalmente substituição de um significante por um outro significante.

Estamos, nesse caso, no nível primário dos processos do inconsciente, que é o nível governado pelo princípio do prazer, ou pela

³ LACAN, J. *O Seminário. Livro 20* (1982 p. 24); *O Seminário. Livro 3* (1985 p. 250); *Escritos*. (1998 p. 509); *Outros Escritos*. (2003 p. 413). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

⁴ Id., (1985, p. 292-305); (1998, p. 820).

⁵ FREUD, S. A elaboração onírica. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XV. p. 204; 207.

modalidade do possível – do que pára de se escrever – ou, ainda, o nível da energia livre, não vinculada. Isto é necessário introduzir, para poder dizer que este é o nível do significante, e que o outro nível, o nível do significado, onde cabe o catálogo das diferentes metáforas – analógicas, de aposição, de justaposição, de substituição, etc. – é o nível dos processos secundários de pensamento, o nível da energia vinculada, o nível do princípio da realidade.

Deve-se ainda destacar, no apêndice, a dimensão de injúria onde se origina a metáfora, tal como no acesso de raiva do menino que foi o Homem dos Ratos de Freud, que uma vez contrariado por seu pai, diz: “*Du Lampe, du Handtuch, du Teller usw*” [“Seu lâmpada, seu toalha, seu prato etc.], o que suscita o comentário de seu pai: “esse menino será ou criminoso ou talentoso”.

Injúria mais grave do que se imagina, diz Lacan, quando ela é reduzida ao doesto da guerra. É dela que vem a injustiça, como se pode atestar na indignação de qualquer sujeito quando é atingido gratuitamente por um atributo insultante do outro, notadamente do sujeito alucinado diante da voz pérfida da alucinação: “cocorocó” dizia a voz, aludindo injustamente, com esta onomatopéia do canto do galo, a que o sujeito, porque tivera dois ou três namoricos, era galinha. A alucinação é sempre metafórica, é sempre pensamento de processo primário.

Aliás, não existe bendizer humano que se diga sozinho, que não vá sem seu parceiro que é o maldizer. No Gênesis, enuncia-se esta lógica: o mundo só aparece através de seu parceiro que é o imundo – não há terra sem caos, não há luz sem trevas. Este conflito entre a treva e a luz, entre o que, no léxico freudiano, se denomina de afirmação primordial, de sim primordial (*Bejahung*) e de negação primária, de não primário (*Verwerfung*), tem toda ressonância na relação do sujeito e do outro⁶.

Tratar a metáfora como equivalente à condensação é levar a coisa longe demais? Dever-se-ia tratá-la, como quer Perelman, como analogia: o nadador/o erudito . a terra firme/a verdade? A tese de Lacan é esta: a metáfora não tem nada a ver com a significação. Significação [*Bedeutung*] é, segundo Frege, referência⁷. A metáfora incide so-

⁶ Ver a exposição de Alain Didier-Weil. In: LACAN, J. *Le Séminaire. Livre XXIV*. [1976-1977].

⁷ FREGE, G. *Sobre o sentido e a referência*. [*Über Sinn und Bedeutung*]. São Paulo: Cultrix, 1975, p. 61-86.

A METÁFORA DO SUJEITO

bre o significante. E isso implica destacar que o recalque incide sobre o termo metaforizado. No exemplo de Aristóteles, “o anoitecer da vida significa a velhice”, mas também significa a paz. No de Victor Hugo – “Seu feixe não era nem avaro nem odioso” –, significa que o rico não ama, mas também que o amor evoca sempre a falta fálica.

A realidade humana, porque está suportada na metonímia, no deslizamento incessante do desejo, só pode ser apreendida na metáfora. Ela não poderá ser tangida senão pela metáfora. E, se é assim, o ideal científico de objetividade é de uma retórica solerte.

Dito de uma maneira mais técnica: uma enunciação jamais se reduzirá ao enunciado de um discurso, porque o eu da enunciação está em um lugar distinto do eu do enunciado, isto é, o eu da enunciação está naquele que escuta, no outro.

Se este for o *status* dos efeitos da retórica, como quer Lacan, então se pode concluir que esses efeitos se estendem a qualquer significação. No discurso matemático por excelência, uma vez que esse discurso não significa nada.

Foi por isso que Mallarmé enunciou que nenhum lance de dados no significante jamais abolirá o acaso, enunciado que Lacan prolongou, nas últimas linhas deste apêndice, acrescentando que nenhum acaso existe senão na linguagem, seja sob o aspecto do automatismo ou da casualidade.

O psicanalista é um retórico⁸. Ele retórica [*rhétifîe*], quer dizer retifica [*rectifîe*]. *Rectus*, a palavra latina, equivoca com retoricação [*rhétification*]. Tentamos dizer a verdade, mas não é fácil, porque há grandes obstáculos a que se a diga, salvo quando nos enganamos na escolha das palavras. A verdade tem a ver com o real, e o real é duplicado, se assim podemos dizer, pelo simbólico. A verdade [V] é um valor lógico, mas é também um lugar no discurso: agente/verdade.

O real [R] é o impossível. Pelo menos nesse sentido, a verdade [V] e o real [R] têm a ver: a verdade e o real são formas do impossível de dizer, de escrever. O simbólico [S] tenta então dizer tanto a verdade [V] como o real [R], mas, dado que não consegue, diz outra coisa, alguma coisa paralela, uma fantasia, uma racionalidade, uma

⁸LACAN, J. Une pratique de bavardage ORNICAR? 19. Paris: Navarin. 1979, p. 7.

significação ao quadrado, e é por isso que Lacan acaba dizendo que o real [R] é duplicado pelo simbólico [S].

A noção de que o significante significa algo, de que alguém se serve do significante para significar algo, chama-se *Signatura rerum*⁹, assinatura das coisas, prevalência da analogia natural sobre o simbolismo, superioridade da coisa sobre o significante. O significante, como tal, não significa nada. É mesmo esta a idéia do inconsciente. O inconsciente é o significante, isto é, um saber que não significa nada. O fato de, por intermédio dele, serem esclarecidos alguns temas míticos, poéticos, religiosos e ideológicos, não quer dizer que se trata de uma semiologia generalizada, mas da estrutura de linguagem¹⁰.

Qualquer explicação das formações do inconsciente exige a noção de significante como oposta à de significado. Oposição que se radicaliza pelo fato de que é o significante que determina essa sua paixão que é o significado. Esta paixão do significante torna-se uma nova dimensão da condição humana, torna-se uma nova razão. Não só porque o homem fala, mas também porque Isso [o Outro] fala nele. Esta nova razão a partir de Freud não é culturalista, não está na dependência da relação do homem com a linguagem como fenômeno social¹¹.

A relação do significante e do significado, que se exprime no algoritmo [S/s], é uma relação um pouco mais complexa do que se imagina. Para que um significante produza um tipo de efeito chamado significado é preciso transpor essa barra, que não é uma simples barra de fração, mas a barra do real. Este algoritmo, primeiramente usado por Saussure para o sistema do fonema, para explicar nosso acesso à língua, é estendido por Lacan a toda a rede do simbólico. E creio que ele dá um passo a mais, quando explora uma outra propriedade dessa relação do significante e do significado, quando diz que, na passagem do significante ao significado e por conta da resistência da barra do real, se produz um efeito de sentido que chamamos de sujeito e escrevemos com essa letra [] .

Ou seja, Saussure explora no signo lingüístico [S/s] o efeito de significado de um significante, e Lacan diz que Freud explora um

⁹ Id., *O Seminário, livro 3*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1985, p. 211.

¹⁰ Id., *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998 p. 445; p. 599.

¹¹ Ibid., p. 689-690.

A METÁFORA DO SUJEITO

outro tipo de efeito de significado de um significante, que é chamado de efeito de sujeito.

A metáfora opera um efeito de sentido, isto é, um efeito de sujeito [], efeito que um significante [S_1] representa diante de um outro significante [S_2]. Este efeito é o que interessa à experiência psicanalítica e não o efeito de significado.

A puberdade como um momento de efetuação da estrutura subjetiva

Roseli Maria Rodella Oliveira

Questões sobre os momentos de efetuação da estrutura subjetiva surgiram, para mim, a partir do que tenho observado na experiência clínica, a saber, os sintomas de fracasso escolar ocorridos durante o aprendizado da leitura e da escrita, e os desencadeados na puberdade com a aprendizagem da matemática.

Os estudos teóricos recentes levaram-me a um novo encontro: primeiro, a aula de 02/12/71, de Lacan¹, no Seminário *O saber do Psicanalista*, em que comenta uma questão a ele dirigida sobre a incompreensão de seu discurso. Em sua resposta, introduz a incompreensão psicanalítica e, na seqüência, a incompreensão matemática que muito me interessou. Outra referência que tomo para fundamentar minhas questões vem de Colette Soler². No texto “Le désir du psychanalyste: où est la différence?”, ela evoca Freud para falar de dois momentos da efetuação da estrutura. O terceiro autor é Nílson José Machado³, um matemático que empreende uma aproximação entre matemática e língua materna, sendo este, talvez, um desconhecido para a maioria de nós.

Questionando-me sobre os momentos do desencadeamento dos sintomas já citados – o aprendizado da leitura e da escrita no final das vivências edípicas e a incompreensão matemática, muito comumente, no início da puberdade –, retomo Lacan⁴, quando afirma que as incompreensões são geradas por associações desprovidas de sig-

¹ LACAN, J. *O saber do Psicanalista*: aula de 02 de dezembro de 1971. Texto estabelecido e traduzido por Jairo Gerbase, Salvador.

² SOLER, C. Le désir du psychanalyste: où est la différence? *Lettre Mensuelle*, nº 131, jul. 1994.

³ MACHADO, N. J. *Matemática e língua materna*: análise de uma impregnação mútua. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

⁴ LACAN, J. *O saber do psicanalista*, op. cit.

A PUBERDADE COMO UM MOMENTO DE EFETUAÇÃO DA ESTRUTURA SUBJETIVA

nificado. Nesse mesmo seminário, explicando a incompreensão matemática, ele cita Russel para dizer que “a matemática ocupa-se dos enunciados dos quais é impossível dizer se são uma verdade nem se significam alguma coisa”⁵.

Lacan aprende com Freud e nos ensina que o entendimento situa-se bem além das palavras e de seu sentido literal. O Outro discurso participa de forma ativa nas operações cognitivas. Cordié⁶ é bem clara quanto à explicação sobre a arte de compreender:

[...] para compreender, é necessário estabelecer laços, [...] religar as informações que lhe chegam de todas as partes, através da percepção, da sensação ou das palavras [...] [além de] [...] triar, classificar os dados, *façonner escolhas*. A criança identifica analogias, os elementos que coincidem, os que são comuns a várias situações ou várias estruturas de linguagem. Ela deverá abstraí-los, guardá-los na memória, transpô-los para apreender seu sentido. Entretanto, aquilo que é eliminado, não-retido, aparentemente esquecido, não desaparece totalmente. Esses restos vão constituir uma reserva, um estoque sempre vivo, pronto a interferir, sem o conhecimento do sujeito, em todas as operações do pensamento.

O sujeito utiliza a fala para decodificar o mundo e lidar com a ausência e com a presença da mãe. É pela via da repetição, quando a criança dá o salto da borda do berço, como diz Lacan⁷, que ela pode sair da posição passiva, de objeto, para a posição ativa, de sujeito. As primeiras simbolizações do neto de Freud, com o apoio da brincadeira do carretel, possibilitam a ele perceber o papel que a linguagem tem para o humano. As primeiras simbolizações proporcionam às crianças um novo recurso para dar o salto da fronteira de seus domínios e para aprender a obter prazer diante da angústia que a ausência da mãe produziu.

Mais adiante, quando a criança coloca o traço da escrita sobre o papel, também podemos verificar a relação com a ausência e com a

⁵ Id., *Ibid.*

⁶ CORDIÉ, A. *Os atrasados não existem: psicanálise de crianças com fracasso escolar*. Tradução de Sônia Flach e Marta D'Agord. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

⁷ LACAN, J. [1964] *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Seminário XI. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

presença, tal como o carretel no *Fort-da* de Freud⁸. Com seus primeiros escritos, a criança aprende a dominar essa falta que a ausência da mãe veio criar. O escrito é a presença do ausente e escreve-se para um ausente como uma tentativa de domínio da separação. Juntamente com a aprendizagem da escrita, vemos diminuir os desenhos que a criança produz, no momento do recalque secundário e da entrada na latência.

Com o recurso da escrita, para realizar o processo de decodificação do mundo que o rodeia, o humano tem também “novos níveis de significados, novos objetos que antes eram inacessíveis à fala”, dizia Machado⁹. Ao mesmo tempo em que possibilita o acesso a novos níveis de significado, a escrita pode gerar incompreensões quando nos deparamos com algumas associações desprovidas de significado. Freud é claro quando introduz também, nos lapsos de escrita, o desejo inconsciente.

Encontrei ainda, em Machado¹⁰, uma aproximação entre a Matemática e a Língua Materna que também me ajudou a pensar na questão da incompreensão matemática. Ele diz:

[...] tanto a Matemática quanto a Língua Materna constituem sistemas de representação, construídos a partir da realidade e a partir dos quais se constrói o significado dos objetos, das ações, das relações. Sem eles, não nos construiríamos a nós mesmos enquanto seres humanos.

Inclusive, vai mais além ao dizer que o ensino da matemática é indispensável porque, sem sua aprendizagem, é como se a alfabetização não se tivesse completado. A matemática relaciona-se com o desenvolvimento da capacidade de interpretar, analisar, significar, extrapolar, projetar. Tal como as linguagens falada e escrita, a matemática, ao mesmo tempo em que possibilita o acesso ao significado, pode gerar incompreensões.

⁸ FREUD, S. [1920]. Além do princípio do prazer. In: __. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XVIII.

⁹ Op. cit.

¹⁰ MACHADO, N. *Matemática e língua materna...*, op. cit.

A PUBERDADE COMO UM MOMENTO DE EFETUAÇÃO DA ESTRUTURA SUBJETIVA

Na clínica, encontramos sujeitos que fazem sintomas no momento em que a eles é possível utilizar esses recursos de decodificação do mundo: atraso em iniciar a falar, dificuldades em aprender a ler e a escrever e com o aprendizado da matemática. Nesses três sintomas, está presente a incompreensão em entender a linguagem falada, a escrita e a matemática.

Agora, procedo à relação entre esses três recursos próprios do humano – a linguagem oral (a fala), a linguagem escrita e a matemática – com o tema da estruturação do sujeito.

Gerbase¹¹ relaciona o domínio das linguagens falada e escrita com os dois momentos da efetuação da estrutura significante, distinguidos por Soler em seu artigo na *Letre Mensuelle* e que retomo agora:

Não podemos falar de psicanálise de crianças [...] sem questionar, para cada criança, o estado da efetuação da estrutura que ela apresenta. Eu noto [...] que os dois casos evocados por Freud, a criança no Fort-da e Hans, ilustram, cada um, o momento preciso dessa efetuação. O primeiro ilustra o efeito de perda, conectada à simbolização primordial; o segundo ilustra o momento crucial da apreensão da castração, enquanto ela marca o acesso ao Outro¹².

Ou seja, Gerbase relaciona o primeiro momento, o *Fort-da*, como correlativo ao domínio da linguagem falada, e o segundo, a castração, ao domínio da leitura e da escrita.

A esses dois momentos de efetuação da estrutura, eu acrescentaria um terceiro, a puberdade, quando o sujeito encontra-se com o Outro sexo, com a ausência do significante que nomeia a mulher. Freud¹³ nos mostra que o mais-de gozar genital produz sentido, mas, principalmente, “faz buraco no real”. Este terceiro momento, eu colocaria como correlativo ao domínio da matemática. O número, aí, como uma forma de se representar no Outro tal como somos representados pelo significante, somos contados ou não, como pertencentes a tal estrutura familiar.

¹¹ GERBASE, J. *Comentários sobre o Saber do Psicanalista*, em 01/05/2001, Salvador, xerocopiado.

¹² SOLER, C. *Le désir du psychanaliste...*, op. cit..

¹³ FREUD, S. [1905]. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. VII.

TOPOLOGIA DO SUJEITO

Criamos a ilusão de três momentos: na verdade, o terceiro é uma reedição do segundo que, por sua vez, é reedição do primeiro. Nos três momentos, o ser falante depara-se com a impossibilidade da relação sexual. O terceiro momento, na puberdade, é uma reedição da castração e nele está colocada a relação com o Outro sexo. No segundo momento, quando da dissolução edípica, está colocada a separação da relação com a mãe já vivida no primeiro momento, entrando novamente aqui, a relação do menino com a mãe anteriormente verificada na angústia diante do desaparecimento do Outro sexo.

Nos três momentos, o ser falante depara-se com a impossibilidade da relação sexual e pode utilizar os recursos da linguagem falada e escrita e do número, como formas de representação dessa impossibilidade.

Verdade, via sujeito – sintoma

Didier Castanet

Introdução

Retorno a Freud

Recomeçamos de Freud. É sua experiência que o levou a distinguir dois aspectos na aporia do sintoma. Em primeiro lugar, o sintoma conserva os traços do conflito do qual ele é originário. É neste sentido que ele deve primeiramente ser considerado como uma formação de compromisso. O segundo aspecto que Freud vai ressaltar – e é, sem dúvida, o mais importante para nós – é que o sintoma resulta da substituição de alguma coisa do conteúdo recalçado e é nesse ponto que ele se define, desde então, como uma formação de substituição: formação de substituição que constitui seu caráter essencial e o mais problemático.

Pode-se entender, então, do trabalho de Freud duas formulações distintas no sintoma: um objetivo de defesa pura contra os elementos recalçados, e sabe-se bem que é o que organiza essencialmente a neurose obsessiva, ou uma visada de obtenção de uma satisfação desviada que define o procedimento histérico.

A partir dessa descrição freudiana, Lacan vai, sobretudo acentuar o caráter metafórico do sintoma, metáfora em que o representante, quer dizer, o significante recalçado, vai-se encontrar substituído em uma relação de associação com um outro significante.

Vertente metafórica do sintoma

Daí decorre a definição de que a estrutura do sintoma é a estrutura da metáfora, tal como Freud fez a ilustração mais patente no trabalho e na formação do sonho. Pode-se, então, dizer que, se o inconsciente é efetivamente estruturado como uma linguagem, o sintoma, enquanto substituição constitutiva da linguagem, faz parte

integrante, sempre possível, da linguagem. Dessa forma, ele é uma especificidade do *parlêtre*. O corolário disso seria saber por que haveria substituição de prazer ou de desprazer. Este será um ponto que abordarei em minha conclusão.

O que eu já posso sublinhar é que a função de substituição concerne à relação da cadeia significante com a função fálica e, mais precisamente, que é pela via dessa substituição que se introduzem a função fálica e o sentido, o sentido sexual, na relação do sujeito com o real. Eu retornarei a este ponto.

No ensino de Lacan, parece-me que as duas referências principais sobre a questão do sintoma e da verdade são os dois textos que se encontram nos *Escritos*, que são “A instância da letra no inconsciente” e “Do sujeito enfim em questão”. A tese que resulta das considerações de Lacan sobre esse tema, é o estatuto da verdade, ou seja, a identificação da verdade com o recalcado freudiano.

Sintoma e verdade

Tomando a questão sob o ângulo da linguagem e, como consequência, da metáfora, Lacan define a verdade como “o que se instaura da dimensão significante”. O significante metafórico “não dizendo tudo”, assim como o sintoma enquanto manifestação inconsciente mascara a verdade do desejo. O sintoma seria, assim, a tradução desse desejo, a verdade inconsciente e não um ser de saber.

Diferentemente do signo, da fumaça, que não existe sem fogo, fogo que ela indica como o apelo, eventualmente, de que seja apagado, o sintoma não se interpreta senão na ordem do significante. O significante só tem sentido por sua relação com um outro significante. É nessa articulação que reside a verdade do sintoma. O sintoma mantinha uma vaga representação de alguma irrupção da verdade. A rigor, ele é verdade, por ser talhado na mesma madeira da qual ela é feita, se afirmamos materialisticamente que a verdade é aquilo que se instaura a partir da cadeia significante¹.

¹ LACAN, J. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966, p. 234-235.

TOPOLOGIA DO SUJEITO

O sintoma como ser de verdade é um significante gelado, inerte, enquanto o saber é uma articulação. Esta concepção do sintoma como ser de verdade se encontra no próprio fundamento da articulação lacaniana da complementação do sintoma constituído na análise, do sintoma incompleto. A essa concepção do sintoma como ser de verdade, Lacan acrescenta três precisões.

1. A verdade não tem conteúdo.

2. A verdade fala, o que nos traz a tese segundo a qual todo sintoma não constituído não é analisável. No ato analítico, o sintoma não existe senão no dito do analisante. Mas esta verdade não se pode dizer toda, ela fala sobre o modo do meio-dizer. Nisso, ela tem uma relação com o real.

3. A verdade que está em questão no sintoma é uma verdade prescrita, uma verdade proscrita.

No Seminário RSI, Lacan vai prolongar essa idéia e desenvolvê-la, acrescentando que o sintoma é alguma coisa na qual o sujeito crê.

Todo homem que vem a apresentar um sintoma acredita. O que isso quer dizer? Se ele demanda nossa ajuda, se ele demanda nosso socorro, é porque ele acredita que o sintoma seja capaz de dizer alguma coisa e que basta apenas decifrá-lo. A diferença é, portanto, manifesta entre acreditar no sintoma e acreditar nele. É o que faz a diferença entre a neurose e a psicose. Na psicose, as vezes, tudo está lá, eles acreditam. Não só eles acreditam, mas acreditam nelas. Ora, tudo está aí nesse limite².

Se o sintoma é valor de verdade, a recíproca não é verdadeira. No Seminário RSI, Lacan nos diz: “A verdade não é separável de outras funções senão da palavra, razão a mais para insistir sobre o fato de que, mesmo ao reduzi-la ao valor de verdade, ela não se confunde com o sintoma”.

Até os anos 1974/1975, o sintoma era uma metáfora, uma superimposição de significante. A partir do Seminário RSI e de “A terceira”, ele é também alguma coisa de real. Em “A terceira”, Lacan diz: “Eu chamo sintoma o que vem do real”, e no RSI, de maneira

² LACAN, J. RSI. Seção do 21/01/1975.

mais abrupta: “O sintoma é do Real”, ou ainda: “O sintoma é o efeito do simbólico no Real”³.

A propósito de um caso clínico

Quando recebo pela primeira vez L., ele não consegue mais conciliar o que para ele é um dever – sustentar sua mãe em uma situação material precária e avançar em seu projeto – a redação de uma tese de doutorado em direito público, quer dizer, ele não consegue mais pensar nele próprio. Os ideais sustentaram muito tempo sua crença no Outro: seu engajamento político primeiramente, mas também seu fervor na prática religiosa. Agora, entrou em um período de trabalho na análise em que começa a tocar na questão de sua responsabilidade e também a perceber que o outro não pode fazer nada por ele.

Sua relação com as mulheres é marcada pela insatisfação. A questão da escolha está sempre presente, sempre com um ideal no horizonte, mas um horizonte que nunca se aproxima.

Seu trabalho de tese permanece no mesmo ponto há muito tempo. Todas as razões são boas para evitar se encarregar disso, quer dizer, redigir – soltar. Ele protela, como protela também encontrar meios para satisfazer suas necessidades. No impasse, ele encontra sempre uma solução, *in extremis*.

Sua questão atualmente é: o que é que eu vivo atualmente e o que é que eu quero me tornar? Para ele, toda resposta permanece insuficiente. O que especifica sua questão, não é que ele responda em termos de saber, mas é antes de tudo a esperança de que sua resposta possa ficar sem resto. E nós conhecemos a fúria que podem experimentar alguns pacientes em querer tudo explicar, em querer reduzir a nada este real que os interpela. Essa fúria, eu acho que nós podemos conceber como o equivalente de um “eu não quero escolher, para nada perder”.

E é dele esta declaração: “eu estou em uma curva. Eu não posso sempre me queixar e continuar a ficar dentro disso a me “*complaindre*”. *Complaindre*: lapso, ao mesmo tempo “comprazer” (deleitar-se) e

³ Ibid., 10/12/1974.

“queixar”. Muito interessante esse lapso, sobre o qual eu suspendo a seção. Lapso que ele próprio entendeu.

O que estava subjacente era prazer, isto é, continuar a banhar-se no prazer que se solta do queixume. Em *complaintre*, há a dor e a queixa. Há também a cantilena, quer dizer, a pequena canção que conta as infelicidades de alguém como um gemido. Quase um refrão.

Vê-se aí como o sintoma é uma máscara. Ele é máscara no sentido de que vela a relação que há entre o que o sujeito sabe e o que ele não pode saber de forma alguma, entre o que nós sabemos e esta parte excluída do real a que Lacan nomeia gozo. Coberto de um desejo de saber, de uma elaboração pelo saber, o neurótico tem de fato horror de saber. Isso não quer dizer que ele não sabe. Ao contrário, pode-se perfeitamente saber e, ao mesmo tempo, não se querer nada saber. “O neurótico reinterroga essa fronteira que nada pode de fato suturar”⁴, aquela que se abre entre esse saber e a parte que ele exclui.

O que faz toda a dificuldade de meu paciente é a questão da dívida, dívida para com essa mãe abandonada por seu marido. Como se meu paciente tomasse por sua conta a inconsistência desse pai, que ele esperava de noite, com angústia, junto de sua mãe (porque temia que ele não voltasse). Esse pai que ele alucinou sob os traços de um *fantôme*. É então a questão do pai, do desejo do pai que é a sua questão. Dito de outra forma, após o abandono pelo outro, que carga pesa sobre seus ombros? Para ele, esse pai “traiu” sua mãe e o deixou em dívida. “Eu não sei por que eu tenho medo de não estar à altura. Como se eu tivesse medo de que meu pai chegasse, que minha mãe o esteja esperando, que ela não se satisfaça comigo”.

E também de nos dizer: “As obsessões, os medos, os pensamentos racistas, as obsessões sexuais, isso me entrava, me impede de viver. Eu tenho uma maneira neurótica de tirar benefício das coisas que me fazem sofrer. Desde que tudo vai bem, é necessário que algo vá mal. Isso me faz bem. Eu me privei, eu pensava que meu pai se privava. Eu queria “*l’imiter*”. Eu devo “*le limiter*”. [risos]. Essa imitação, ou essa limitação, nos informa sobre a relação de gozo que mantém o sujeito com seu sintoma.

⁴ LACAN, J. *Seminário “De um outro ao Outro”*. Sessão de 21 de maio de 1969.

Isso me permite, agora, cernir melhor o que é essa renúncia da qual o neurótico não sabe o que fazer, e sobre a qual vem chocar-se sua impotência em escolher.

Renunciar, parece-me, não é perder tal ou tal gozo cuja intrusão marca o destino de um sujeito. Uma análise não promove nenhuma renúncia dessa ordem. Renunciar é produzir, para retomar um termo de Lacan, um saber “*déssexorisé*”⁵. Isso consiste em separar um gozo das representações nas quais ele estava preso. Um saber “*déssexorisé*” não é um saber que cessa de manter em reserva o gozo que ele contém. É um saber que leva esse gozo em conta: ele o leva em conta como seu limite⁶.

Para introduzir a dimensão do gozo

Eu terminarei com essa definição do sintoma por Lacan nos *Escritos* como a “dimensão que se articula do que ela representa do retorno da verdade como tal na falha do saber”. O sintoma é o efeito do simbólico no Real. É o sinal do que não vai bem no Real, diz-nos Lacan em seu Seminário RSI.

Então, o problema é o da articulação entre o sintoma e o Real, o que nós observamos na clínica. A realidade, Freud já deixava claro, é definida pelo simbólico, quer dizer, a linguagem, ao contrário do Real, que dela é excluído, e que, portanto, está fora do significante.

O real é o irrepresentável, o impossível, nos diz Lacan. E nós não podemos apreendê-lo senão através da articulação significante, o simbólico tentando recobri-lo, e mesmo reabsorvê-lo, entretanto sempre com um resto que resiste e escapa aos significantes, pontas de real que designam o lugar do gozo.

Nós reencontramos aí a questão essencial que Lacan colocou, após seu ensinamento, a do sujeito dividido, a saber, o sujeito do significante e o do gozo. A questão do desejo do sujeito não é somente a da castração, quer dizer, a do gozo submetido à lei fálica, mas também a do gozo inominável, que falta ao Outro. O sujeito encontra a incompletude do Outro ao dar o significante que o desig-

⁵ Ver Seminário “De um outro ao Outro. Sessão de 21 de maio de 1969.

⁶ Ver o jogo de palavra desse paciente que eu evoco aqui.

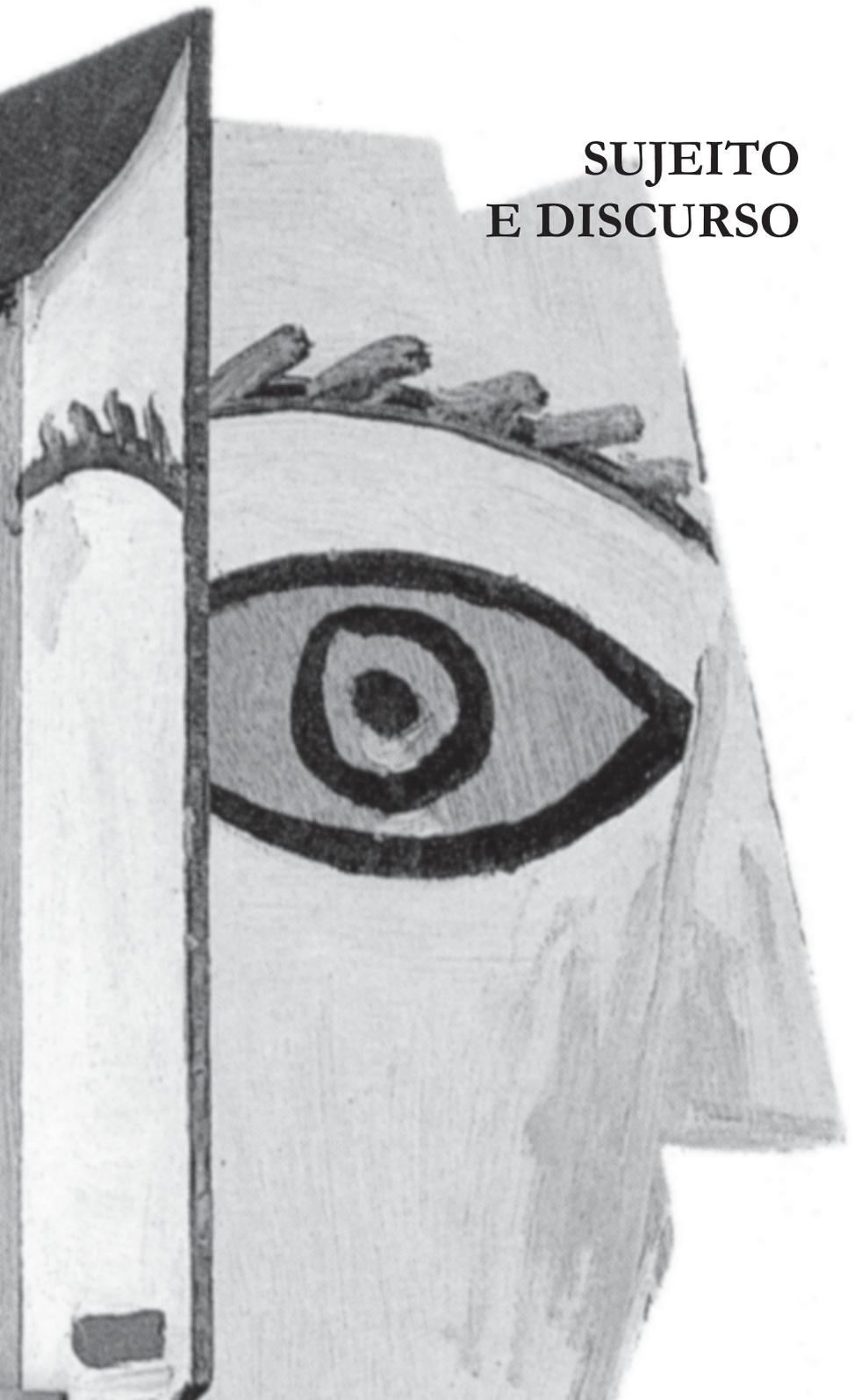
TOPOLOGIA DO SUJEITO

nária: $S(\quad)$. Este buraco no Outro nos indica a marca do gozo como sinal do Real.

Então, a função do sintoma não é somente significante, mas também de gozo. Ele não se reduz a uma verdade a ser interpretada, mas é também gozo a ser decifrado. O sintoma, na sua função de gozo, pode se fazer ouvir tanto quanto nós procuramos encontrar para ele um sentido. É a questão de uma clínica para além dos limites, ou seja, uma clínica do objeto, do real e do gozo, que está também para ser interrogada.

A

**SUJEITO
E DISCURSO**



Pode a biogenética suprimir o sujeito?

Ida Freitas

Início este comentário com uma citação bastante conhecida de Freud em “O mal-estar da civilização”¹:

Através de cada instrumento, o homem recria seus próprios órgãos, motores ou sensoriais, ou amplia os limites de seu funcionamento. A potência motora coloca forças gigantescas à sua disposição, as quais, como os seus músculos, ele pode empregar em qualquer direção; graças aos navios e aviões, nem a água nem o ar podem impedir seus movimentos; por meio de óculos corrige os defeitos das lentes de seus próprios olhos; através do telescópio, vê à longa distância; e por meio do microscópio supera os limites de visibilidade pela estrutura de sua retina. Na câmera fotográfica criou um instrumento que retém as impressões visuais fugidias, assim como um disco de gramofone retém as auditivas, igualmente fugidias; ambas são, no fundo, materializações do poder que ele possui de rememoração, isto é, sua memória. Com o auxílio do telefone, pode escutar as distâncias que seriam respeitadas como inatingíveis mesmo num conto de fadas. A escritura foi em sua origem, a voz de uma pessoa ausente...

As épocas futuras trarão com elas novos e provavelmente inimagináveis grandes avanços nesse campo da civilização e aumentarão ainda mais a semelhança do homem com Deus. No interesse de nossa investigação, contudo, não esqueceremos que atualmente o homem não se sente feliz em seu papel de semelhante a Deus.

O presente trabalho tem uma pergunta como título, pergunta esta que me conduziu a uma rede de outras tantas, através das quais desenvolvi este comentário até aqui inconcluso.

¹ FREUD, S. O mal-estar na civilização [1930]. In:---. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXI, p. 110-112.

PODE A BIOGENÉTICA SUPRIMIR O SUJEITO

Ante a insistente pergunta veiculada na mídia, não sem intenção, claramente calculada – A psicanálise vai acabar? –, pergunta que é reflexo da cultura moderna e se reflete nesta, ante os avanços tecnológicos, tecnocientíficos, da biogenética, das neurociências, pergunto: Qual o lugar do psicanalista nesta cultura tecnicamente aparelhada onde tempo e espaço são redefinidos?

A biogenética, ao reduzir a mente a um objeto de manipulação tecnológica, ao reduzir o homem a um mero objeto natural, apresenta-se como uma ameaça à humanidade, ao nosso censo de dignidade e autonomia, como comentou Slavoj Žižek no texto “A falha da bio-ética”, publicado na *Folha de S. Paulo*².

Como nós psicanalistas deveríamos agir diante desta ameaça que, em última instância, é uma ameaça ao sujeito enquanto particular, singular, único?

Não me parece um bom caminho o de “não querer saber nada disso”, fazendo de conta que as perspectivas das intervenções biogenéticas não atingirão a prática da psicanálise, ou que seu saber teórico e clínico é imune às mudanças de nosso tempo. Os sujeitos são afetados de modo universal pela linguagem de sua época e cada um irá encontrar sua forma particular de lidar com isso, seu gozo próprio.

Será, cada vez mais difícil, debater contra argumentos científicos que acabam por tornar imprecisa a separação entre o que conquistamos por conta própria e o que conquistamos devido aos níveis de várias substâncias químicas em nosso cérebro. Até porque o que alcançamos com esforço pessoal, através, por exemplo, de um processo analítico, de um trabalho de elaboração subjetiva, significativa, pode depender de um grau diferente de níveis dessas mesmas substâncias no cérebro, numa perspectiva neurocientífica.

É evidente a tentativa de suprimir o sujeito do inconsciente, ou foracluí-lo, retirar qualquer causa outra do sintoma mental que não a bioquímica. Nossa clínica nos mostra, todos os dias, que o efeito sujeito insiste em comparecer à cena contemporânea, que as formações do inconsciente são produtos incansáveis e que, no mundo simbólico, ainda que advenha cada vez mais real, a linguagem conti-

² ŽIZEK, S. A falha da bio-ética. *Folha de S. Paulo*. Caderno MAIS, 22/06/2003.

nuará a ampliar o horizonte do homem à medida que retira deste sua condição de mero objeto natural, como o pretende a biogenética.

Nadar contra a corrente deste momento parece ser inevitável, mas como fazê-lo sem cair no anacronismo? Como fazê-lo com consistência? Como afirmar o Campo Psicanalítico, campo da linguagem, campo do gozo no mundo contemporâneo?

Os impasses da clínica psicanalítica na atualidade

Recentemente, em minha clínica, mais especificamente com crianças e adolescentes, repetiu-se um fato que me causou indignação e perplexidade. Numa mesma época, pais de três crianças de idades distintas, que apresentam dificuldades escolares provenientes de causas diversas e que se encontravam em momentos diferentes do tratamento psicanalítico, foram orientados, pelas respectivas escolas, a procurar um neuropsiquiatra a fim de avaliar a possibilidade de estarem apresentando TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade), também chamado de DDA (Distúrbio do Déficit de Atenção).

No DSM-IV, encontramos que a sintomatologia principal do TDAH é: desatenção, hiperatividade e impulsividade da criança. Atinge mais meninos em idade escolar. A hiperatividade se caracteriza pela inquietação, pelo remexer-se na cadeira excessivamente, quando isso é inapropriado, e falar em excesso.

O tratamento é realizado com estimulantes, sendo o mais usado, no momento, a ritalina R, ou com antidepressivos tricíclicos ou, até, com antipsicóticos, como neuleptil ou melleril, que são indicados para maior conforto dos pais e a socialização adequada da criança.

Como vem mostrando a clínica, esse moderno diagnóstico está ganhando terreno, atingindo o mercado da infância e da adolescência.

Todos os casos que acompanhei foram submetidos ao mesmo processo de sugestão, que compreende em apresentar ao paciente manual dos sintomas da doença intitulado “Tendência a distração”. O paciente ou os pais devem ler, para posteriormente aderir ao tratamento.

Nesse manual, o TDAH é descrito como síndrome neurológica, configurada pela tríade de sintomas que incluem impulsividade, fal-

PODE A BIOGENÉTICA SUPRIMIR O SUJEITO

ta de concentração, hiperatividade ou excesso de energia, e relaciona-se com ansiedade, com depressão, com distúrbios de aprendizagem, com agitação ou mania, com estados dissociativos, com personalidades limítrofes, com distúrbio obsessivo-compulsivo, etc...

Ainda no manual descreve-se que “[...] esse grupo de distúrbio do espectro afetivo além da depressão e do TDAH, inclui ainda a bulimia, o distúrbio obsessivo-compulsivo, a cataplexia, a enxaqueca, o distúrbio do pânico e a síndrome do cólon irritável”. Esta ligação é confirmada na resposta a medicamentos semelhantes, assim como indícios clínicos. Se, como é o caso, uma medicação que trata com êxito a depressão maior, também trata com êxito o TDAH, não deveríamos supor que haja um elo entre esses dois distúrbios? É o que se perguntam os psiquiatras americanos Hallwell e Ratey. Como se observa, a amplitude do diagnóstico pode incluir grande parte da população do mundo, poucos não se encaixam em algum dos muitos sintomas relativos ao TDAH.

Ao pensar sobre esse procedimento médico, ressoa a pergunta: em nome de que é preciso se drogar crianças e adolescentes? Precisamos, no mínimo, se não intervir, refletir sobre essas práticas modernas psicofarmacológicas, e avaliar como nos podemos posicionar diante desses acontecimentos, confrontos de abordagem na clínica.

Desde os anos 80, as neurociências têm incidido na psiquiatria de maneira maciça, mas não pela contribuição de um saber científico que esclareça os feitos da clínica dos transtornos psíquicos, senão pela produção de novos psicotrópicos. A ciência produz objetos e esses novos objetos reduzem o psiquiatra a ser um varejista das “pílulas de bem-estar” divulgadas pelos laboratórios farmacêuticos. Atualmente, a chamada Psiquiatria de evidência pretende basear-se na prova terapêutica para dar crédito ao saber das neurociências³.

Testemunhamos hoje, em toda sociedade, a predominância da pressa, da rapidez e da eficiência, da urgência de resultados. A gíria tão utilizada entre os jovens – ‘tá ligado’ – não é à toa. É preciso estar ligado, plugado, conectado, sem que isso desvie sua atenção. Mas é preciso estar ligado na coisa certa, no momento certo. De-

³ GALLANO, C. Psicanálise e neurociências. *Heteridade* 2. Rio de Janeiro: Campo Lacaniano, 2002, p.132.

manda de um sujeito hiperativo sem que isso chegue a ser um transtorno. Caso contrário, você é DDA.

A era tecnológica fez emergir um “sujeito-tecnológico”, afetado pela linguagem eletrônica. A forma de assimilação da informação e do conhecimento segue as leis dessa cultura, que hoje já faz sua passagem da tecnocultura para a cibercultura, donde surgem novas dimensões de tempo e espaço. O tempo é real, instantâneo, o espaço é um espaço de saber coletivo, inserido numa nova economia, baseada na aceleração de trocas e na abolição de limites geográficos.

As perspectivas das intervenções da biogenética e da tecnocultura tornam sem sentido, desta forma, a própria idéia de educação. Se posso desenvolver minha inteligência, minha capacidade de concentração, a partir de uma intervenção química, ou se posso obter as informações que desejo num simples *click* no *mouse*, isto implica que tanto eu como meu professor nos desobriguemos dessa tarefa. E é exatamente isto que vem ocorrendo. Os fracassos escolares, hoje, também estão sendo atribuídos a um desequilíbrio dos neurotransmissores. Nem escola, nem aluno, nem família, nem conflito mental, nem a televisão, nem os jogos eletrônicos são culpados por isso. O sujeito é uma vítima do mau funcionamento do seu corpo biológico.

Até pouco tempo, as escolas encaminhavam seus alunos ao psicólogo ou ao psicanalista, hoje encaminham para as terapias psicofarmacológicas, que prometem uma solução mais imediata para o problema, ou para seus coadjuvantes, os terapeutas cognitivistas, bio-comportamentais, sempre prontos a utilizar as técnicas do funcionamento cerebral para condicionar o comportamento rapidamente.

Quais serão as conseqüências dessa interferência química tão precoce no metabolismo cerebral desses sujeitos? De que forma isso marcará esta geração dos plugados? Como mensurar o preço que poderá ser cobrado pelo simbólico, por soluções sem elaboração subjetiva, pela supressão do sintoma, do qual sabemos bem sua importância na estruturação mental? Neste caso, mais do que em outras atuações da psicofarmacologia, sente-se um cheiro de controle social, de seleção, segregação e, conseqüentemente, de exclusão dos que não se adaptam às demandas de seu tempo.

PODE A BIOGENÉTICA SUPRIMIR O SUJEITO

Freud dizia que, diante do corpo, o médico tem uma atitude de senhor que desmonta uma máquina. A tecnociência, com seus objetos, foraclui o sujeito, suprime a suplência do sintoma, pensando o corpo como um aparelho biologicamente inadequado que demanda uma outra suplência que não é simbólica, uma suplência tecnológica, a fim de torná-lo perfeito à semelhança de Deus. Será este um ideal possível de ser alcançado? E seríamos mais felizes sendo perfeitos?

Àqueles que não se adaptam as exigências superegóicas, vorazes, do capitalismo, resta a opção de o conseguirem mediante a correção da química cerebral e se, ainda assim, não a conseguirem, graças à saudável insistência do sintoma mental em falar e gozar, resta-lhes a exclusão ou, quem sabe, uma escuta psicanalítica para lidar com o mal-estar da cultura.

Num dos casos a que me referi, a família cumpriu à risca a orientação escolar e, posteriormente, as indicações do psiquiatra. Após algum tempo do uso de ritalina, chegou o boletim com cinco notas abaixo da média. Diante dessa verdade, a esse furo no saber médico, na promessa de que o remédio faria pela criança o que ela não estava sendo capaz de realizar, o sujeito comparece com uma crise de hipertensão e uma cegueira momentânea. Vitória do sintoma!

A ética e as ciências humanas, em geral, acusam a tecnologia de ser um sistema que funciona em circuito fechado, sem finalidade, sem causa, a não ser a de produzir bens, provocar o consumo sem limites, para tornar a produzir mais, e ganhar mais – é a máxima do lucro. Mas o discurso capitalista tem uma causa muito bem definida e se apropria da ciência como um dos seus instrumentos. Marx denunciou essa causa ao mundo, a mais valia. Lacan a situou para articular o princípio da produção capitalista que utiliza os achados da ciência na tecnologia e a exigência do consumo generalizado, inepto a procurar um gozo que a freie.

O psicanalista se ocupa do sujeito do inconsciente, portanto o que nos interessa é situar a incidência da ciência no sujeito contemporâneo e nos modos de retorno deste sujeito, tangíveis nos novos avatares da clínica.

A reunião das neurociências e do capitalismo propõe, cada vez mais, o corpo como a única referência do indivíduo. Os su-

jeitos de hoje estão cada vez mais confinados em seus corpos e cada vez mais desligados do saber. O sujeito moderno, como nos diz Colette Soller⁴ no seu artigo “Os direitos do sujeito”, é convidado a ceder de sua diferença em benefício do mais-de-gozar produzido nas vias prescritas pelo saber do tempo. O resultado é que essa vontade não faz senão manter, correlativamente, a falta-de-gozar.

Não somos simples organismos biológicos. Estes supostos antagonismo e precariedade da psicanálise, dado o avanço das neurociências, somente se produz naqueles que ignoram que a psicanálise não é uma psicoterapia, e que a causalidade na psicanálise não é etiologia de um transtorno, senão a causalidade de um sujeito que é resposta de um real, assim como demonstra o caso que mencionei anteriormente.

Zizek aponta para o fato de que hoje temos terapias que tornam imprecisa a separação entre o que conquistamos por conta própria e o que conquistamos devido aos níveis de várias substâncias químicas em nosso cérebro. Para essas terapias, até o que conquistamos por mérito próprio também depende do grau diferente de níveis de várias substâncias químicas em nosso cérebro. O que nos dizem é que nunca houve sujeito do inconsciente, que a linguagem não produz efeitos no homem. Nesse mesmo texto, Zizek faz um paralelo entre talento, esforço e drogas, tomando exemplos como desempenho em provas, ou tocar um instrumento musical. Nesses casos, tanto o trabalho duro como o talento são considerados partes do Eu, enquanto o possível aperfeiçoamento através da droga resulta de uma manipulação externa. Mas isto nos leva ao mesmo problema: quando sabemos que o talento natural depende de uma substância química no cérebro, continua importando se o obtive do exterior ou ao nascer? Ou, ainda, se minha própria disposição para me dedicar ao esforço interior, à disciplina e ao trabalho duro dependeria de uma substância química?

O professor belga Philippe Willemart, que esteve recentemente em Salvador, especialista em crítica genética e diretor do Laboratório do Manuscrito Literário, que é ligado ao Núcleo de Apoio à Pes-

⁴ SOLER, C. Os direitos do sujeito. *A psicanálise na civilização*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

PODE A BIOGENÉTICA SUPRIMIR O SUJEITO

quisa em Crítica Genética da USP, sustenta que o valor de uma obra, um romance, um conto, um poema, normalmente esconde um trabalho braçal e intelectual de noites a fio, revelado através dos manuscritos. Rascunhos ou bilhetes, todo o material que antecede o nascimento de frases, versos e capítulos inteiros, valem como indícios do árduo trabalho anterior a uma obra.

Tal pesquisa, não negando o talento natural de escritores como Marcel Proust, a cuja obra Philippe Willemart está-se dedicando, demonstra que a genética não basta, que o processo criativo envolve muito esforço em sua construção e o que impulsiona este esforço é o desejo de atingir um grau zero da escritura, que é uma obsessão dos gênios, segundo Roland Barthes.

Concordo inteiramente com Zizek, quando argumenta que talvez o problema não seja a biogenética em si, mas, sobretudo o contexto social das relações de poder no qual esta funciona. Seria anacrônico e absurdo, pregar o cerceamento do progresso científico, mas é impossível não condenar o mau uso de suas conquistas.

É preciso questionar todas as implicações filosóficas das novas ciências e tecnologias da mente, situando-as em seu contexto socioeconômico antagonico. Esta é também, a meu ver, uma das possibilidades de atuação da psicanálise diante da realidade tecnológica pós-humana.

Então, o problema não é como reduzir a mente em processos neurais “materiais”, substituir a linguagem da mente pela linguagem dos processos cerebrais, traduzir a primeira na segunda, mas, sobretudo, compreender como a mente pode surgir somente ao ser incrustada na rede das relações sociais e complementos materiais.

Deveríamos, portanto, mudar a ênfase da metáfora para a metonímia, propõe Zizek. O verdadeiro problema não é: Como seria possível as máquinas imitarem a mente humana? Mas como a própria identidade da mente humana depende de complementos mecânicos externos, como ela pode incorporar a máquina? O futuro é a combinação e não a substituição da mente humana pelo computador.

Enfim, é difícil encontrar idéias conclusivas para este tema. Minha intenção, ao me dedicar minimamente até aqui sobre a realidade tecnocientífica de nossa época e seus efeitos sobre o homem,

SUJEITO E DISCURSO

sobre a psicanálise, sobre nossa clínica, que é a do sujeito dividido pela falta, foi de reflexão, buscando clarear um pouco as dúvidas que surgem, em relação a nossa prática, a partir dos novos paradigmas da ciência. Será que estamos realmente na trilha certa? Não deveríamos avançar do que Freud e Lacan nos deixaram até aqui, ou, usando um significante de Soller, não deveríamos reinventar?

O sujeito interpassivo: um problema para a teoria dos discursos

Christian Ingo Lenz Dunker

Introdução

Freqüentemente, o analista se depara em sua clínica com apresentações subjetivas fortemente marcadas pela crença. Independente do conteúdo específico destas crenças, de natureza religiosa ou política e até mesmo psicanalítica, já nas entrevistas preliminares verifica-se uma relativa tensão, por vezes explícita, sobre os destinos da crença no decorrer do tratamento. Problema similar ao do artista que teme perder sua fonte de inspiração neurótica. Devemos mencionar, ainda, a presença crescente, na clínica, de uma outra configuração, oposta à do crente convicto em um sistema de significações. Trata-se daquele que parece não constituir nenhuma crença na qual se implique realmente. Virtualmente, este segundo caso se associa ao cinismo.

Uma rápida inspeção sobre as fontes psicanalíticas acerca da crença sugere que não se trata de um tema dotado de grande autonomia. Podem-se encontrar referências importantes quando se pensa que a crença indiretamente se liga à noção de crença desejante, que seu conteúdo geralmente se articula ao pai e seus sucedâneos, bem como às formações de ideal dele decorrentes. Em última instância, a crença aparecerá como um fenômeno fortemente ligado à sustentação narcísica do sujeito e ao encobrimento fantasmático da castração. Um fenômeno composto capaz de combinar saber, sugestão e amor com uma certa passividade do sujeito. Crenças funcionam como garantias, submetem o crente a esquemas de ação e pensamento irrefletidos, associáveis à compulsão ou à sistematização do delírio.

Do ponto de vista da teoria dos discursos,¹ tanto a crença fortemente amparada por um sistema restrito de significantes investidos

¹ LACAN, J. *O Seminário, livro XVII: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

O SUJEITO INTERPASSIVO: UM PROBLEMA PARA A TEORIA DOS DISCURSOS

de autoridade, quanto o cinismo, em que nenhum significante parece implicar suficientemente o sujeito a ponto de que outro significante o represente, parecem convergir para o discurso do mestre. Claramente, neste caso, vemos a presença de um significante mestre, asemântico e insensato, ocupar o lugar do agente. Deus, o pai ou qualquer outra fonte inspiradora de autoridade inquestionável fazem bem esta função. No lado do outro, o que se constata é a produção de um saber, cuja função estruturante na relação com o outro é patente, ou seja, o saber no lugar do outro é o que faz com que associemos o crente à figura do escravo. A moral do rebanho, como dizia Nietzsche ou esta realidade posta diante dos seus olhos para que você nada veja, como dizia Morpheus, personagem do filme “Matrix”. O que se produz sob a barra deste saber é o objeto: o corpo de Cristo, cuja materialização enigmática se precipita do ritual religioso. Resta então, no lugar da verdade, o sujeito, que é afinal a única garantia do sistema de crenças assim formado. Esta formulação é consoante com as observações de Lacan sobre a religião em “A ciência e a verdade”². Ali se afirma que na religião se trata da verdade utilizada como causa pelo sujeito, estando esta relação marcada pela denegação (*Verneinung*). Ou seja, não se trata da verdade como causa material, como seria o caso na psicanálise, ou como causa eficiente, como se verifica na ciência, mas a verdade como causa final que, para tanto, tem que negar a posição instituinte do sujeito, daí a denegação.

Aqui, podemos contrapor o cinismo como o melhor exemplo desta posição do sujeito no lugar da verdade, mas em denegação. O encaaminhamento narcísico de seu discurso mostra também que é o sujeito, neste lugar, que sustenta o discurso em sua causalidade de tipo final. Os fins justificam os meios, tal máxima utilitarista surge justamente no contexto da filosofia moralista do século XVIII, que descobre, como em LaRochefoucault, a força do amor próprio como motor último das ações humanas. No fundo, o cinismo é uma espécie de religião de si, onde o sujeito afirma constantemente seu desejo ao negá-lo.

Mas, em nosso exemplo, a noção de crença acabou por se ligar demasiadamente à que se constata no universo da religião. Este não

² LACAN, J. A ciência e a verdade. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

é um bom caminho. Freud acreditava firmemente na ciência, e todo bom universitário sabe como sua prática depende da crença em um, sabidamente, inconsistente sistema de saber. Quanto a histérica, não há fato clínico mais antigo do que sua crença nos ideais. Ideais que ela mesma pressente serem dotados de uma pequena lacuna, na qual ela se pode inserir. Portanto parece conveniente, ao enfrentar o problema da crença, dissociá-lo do tema da religião.

O Sujeito Suposto Crer

Um autor que segue esta estratégia é Slavoj Žižek³. Para ele, a crença é um fenômeno inerente ao caráter estrutural do deslocamento. Toda crença é crença deslocada porque é, antes de tudo, crença no Outro. Crer é crer na crença do outro. Neste sentido, o sujeito suposto saber é apenas um caso específico de uma condição mais genérica e constitutiva: o sujeito suposto crer. Saber e crer não são, apesar disso, implicações subjetivas simétricas. A crença é simbólica, o saber é real. A crença é reflexiva, o saber não é. Posso crer através dos outros, mas não posso saber através dos outros. Passamos pelo ritual do Papai Noel porque nossas crianças supostamente acreditam. Como não queremos desapontá-las, acreditamos através delas. O sujeito que crê não precisa existir para a crença funcionar, basta pressupô-lo de forma impessoal ou denegatória para que a crença seja eficaz. Ela o será, portanto, sempre baseada no perpétuo deslocamento do significante. O saber, assim como o amor, exige provas. E é como prova de amor que a transferência se organiza imaginariamente. A crença, ao contrário, é refratária às provas. Ela depende desta região intermediária entre o positivamente verdadeiro e o falso. A prova transforma a crença em saber, apagando o fenômeno.

Mas a crença é crença no Outro porque é do Outro que ela procede originariamente. Como dizia Pascal: *ajoelhe e reze, a partir disso a fé virá por si mesma*. É porque o ritual significativo se impõe desde o Outro que a crença se forma, e não o contrário. Isto se verifica facilmente pela eficácia das antigas carpideiras e também no execrável, porém eficaz, riso de auditório. Não precisamos rir da piada, basta

³ ŽIZEK, S. *The Interpassive Subject*. Disponível em <http://lacan.com/frameziz.htm>.

0 SUJEITO INTERPASSIVO: UM PROBLEMA PARA A TEORIA DOS DISCURSOS

acreditarmos que alguém está rindo por nós para que a crença se efetive. Eu não preciso gozar, o outro goza por mim. Mas, quando o outro goza por mim, eu gozo através dele.

Aqui é preciso distinguir duas formas como esta operação se pode realizar. Há, por assim dizer, duas maneiras como o outro faz algo por nós, em vez de nós. No primeiro caso, o sujeito diz *Eu não acredito*, e a enunciação que corresponde à verdade deste enunciado é *Eu acredito através do Outro*.

No segundo caso, o sujeito diz *Eu acredito*, mas aqui o objeto da crença é o próprio gozo. Eu acredito e o ato de acreditar liga-se pragmaticamente ao gozo. Acreditar e gozar tornam-se sinônimos. As grandes experiências de conversão, a graça ou a iluminação atestam o fenômeno de forma pontual. O amor à primeira vista é a outra face deste mesmo fenômeno. Mas a verdade no plano da enunciação diz: *Não é você quem goza, mas o Outro*. Você realmente acredita que gostou, mas na verdade alguém gostou por você.

Interpassividade

Este segundo tipo de conformação da crença depende do que Zizek chamou de sujeito interpassivo. A noção de interpassividade opõe-se à de interatividade ou interação. Ou seja, eu creio que estou interagindo com o outro, portanto, em posição ativa, quando, na verdade, estou ativamente mantendo minha passividade diante do Outro. Ora, é exatamente esta posição subjetiva que se verifica no fantasma, ou seja, nem atividade como crê o obsessivo, nem passividade, como crê a histérica, mas interpassividade. O obsessivo previne-se frenética e ativamente para que *aquilo* não aconteça. Mas esta atividade que ele *acredita* corresponder a seu gozo é, na verdade, a passividade da crença fantasmática: *não é você quem goza, mas o Outro no seu lugar*. A histérica, ao contrário, mantém laboriosa e ativamente o desejo do Outro. Esta atividade cultiva a *crença* de que esta falta no Outro corresponde ao seu gozo na posição passiva. A verdade da crença fantasmática é: *não é você quem goza, mas o Outro no seu lugar*. Daí se depreende que a solução do fantasma passe por uma destituição subjetiva, ou seja, passar de *o Outro goza em vez de mim* para *me faço de objeto para um gozo que não pode ser do Outro*. Vê-se assim que a

interpassividade corresponde ao deslocamento, não apenas entendido como deslizamento significante, mas também como deslocamento do sujeito ao objeto. A substituição do objeto pelo sujeito é anterior e condicionante da substituição de um significante por outro. A relação do sujeito com o significante é interativa, a relação do sujeito com o objeto é interpassiva.

Mas o que importa, realmente, nesta discussão, para o problema clínico da crença é que, se a tese da interpassividade é procedente, isto implicaria rever a noção de agente na teoria dos discursos. Como se sabe, segundo este aspecto da teoria, no discurso analítico teríamos justamente um objeto na posição de agente. Acostumamo-nos com a idéia de que o objeto é por natureza passivo, o objeto é aquilo sobre o que se exerce a ação, nunca o agente da ação. Todavia, o analista é de fato o agente do ato analítico, o que nos leva à idéia de que ele seria uma espécie de *objeto subjetivo*, para recuperar aqui a feliz noção de Winnicott, com outra conotação. A idéia ajuda a entender porque Lacan propõe que, em vez de agente, este lugar seja chamado também de semblante. A noção permite, ainda, distinguir a interpretação, na esfera da interatividade significante, do ato analítico, realizado na esfera da interpassividade.

Lembremos agora que a interpassividade se aplica melhor ao domínio da crença, e do sujeito suposto gozar (o ao menos um que escapa à castração), do que ao saber e ao campo da suposição de saber. Não seria isso compatível com a tese de que, no trabalho analítico, não é preciso *acreditar* no inconsciente, mas *contar* com seus efeitos? Quando se diz, por exemplo, que uma análise desabona o sujeito de seu inconsciente, não se está justamente falando da *crença* no inconsciente e não do *saber* inconsciente?

A tese do sujeito interpassivo pode interpretar muito bem o fato de que quando assisto interativamente um programa de televisão conforto-me gozando através do Outro, rio através do riso calculado do auditório, identifico-me com o objeto do qual extraio passivamente meu gozo. Tudo isso por meio desta *falsa atividade* proveniente do fantasma. O que não estava previsto, no discurso organizado pela crença, é que algo poderia, propositadamente, introduzir um curto-circuito no deslocamento da crença. Justamente aquele a quem eu posso, mais legitimamente, supor uma crença no inconsciente.

A Clínica da Crença

Podemos agora voltar ao problema representado pela apresentação subjetiva fortemente marcada pela adesão a um sistema de crenças. Sabemos que uma atitude indiferente à natureza legítima ou ilegítima desta crença é genericamente favorável ao início do tratamento. Ocorre que, em alguns casos, logo o analista se vê diante de uma rotação discursiva refratária ao prosseguimento da análise. Isto ocorre porque a histerização do discurso, ou seja, sinteticamente, a colocação do sujeito na posição de agente, é imediatamente revertida no discurso do mestre que visa reestabelecer a crença. A análise pode caminhar bem no plano da interatividade significante, mas a aparição do inconsciente é rapidamente absorvida ao discurso do mestre, ou seja, é lida como uma outra crença concorrente, a crença no inconsciente.

Em outros casos, percebe-se que a relação com o sistema de crenças muda, não por uma ação direta sobre ele, mas como efeito do deslocamento significante. Ocorrem efeitos benéficos no plano da redução do gozo. Efeitos que podem ser atribuídos à gradual passagem da crença ao saber, pela ação da transferência. Finalmente, a implicação subjetiva, que agora não se confundirá com o convite à atividade, permite uma subjetivação da crença: não é possível creditar a crença ao Outro, é preciso assumi-la como uma decisão, o que na verdade ela não é. Isso costuma levar a análise a uma redução do sistema de crenças que se forma numa posição mitigada, relativamente isolável e protegida ao longo do tratamento.

Finalmente, no caso da crença cínica no eu ideal, a análise da interpassividade do sujeito mostrará que o fato de que ele se declare não crente é francamente uma denegação de sua crença fundamental no gozo através do Outro. É comum, nestes casos, quando há um desenvolvimento favorável, que a crença na análise e, mais especificamente, no analista, torne-se imediatamente um problema.

Quero sugerir aqui que, nestas três circunstâncias – a do crente decidido, a da crença isolável e a do cínico – trata-se de encontrar, rapidamente, uma posição para o ato analítico, de apresentar o objeto subjetivo ao analistante antes que ele possa converter o trabalho de interpretação em fonte para sustentação de um sujeito suposto acreditar.

O campo do Outro na psicanálise

Angélia Teixeira

Tem sido cada vez mais necessário o debate entre várias áreas do conhecimento sobre a constituição do sujeito e do Outro, dada a velocidade com que as mudanças se operam no mundo da tecnologia, sobretudo porque o neoliberalismo obriga-nos a uma reflexão de vasto alcance sobre seus efeitos na subjetividade. A este respeito, a psicanálise tem preciosas contribuições a oferecer e muito a interrogar.

Neste trabalho, privilegiarei o *campo do Outro*, ou, como também estou chamando, *os desfiladeiros do Outro*, para refletir acerca da sua constituição, patologias e vicissitudes na atualidade.

O Outro primordial, Grande Outro chamado Deus, esteve presente em todas as épocas da cultura. Creio não ser demasiado dizer que a controvérsia que se instaura em torno da existência de Deus seja a maior evidência de que a existência do Outro está sempre em questão individualmente e em cada cultura que o constrói, de acordo com sua historicidade. Que Deus seja invocado e evocado como salvador ante o desamparo e como causa e garantia da existência humana é o que tem mostrado, para além das religiões, a história da cultura e do seu mal-estar.

Numa via contrária a esta, a psicanálise faz seu próprio percurso, definindo e interpretando o que vem a ser o *campo do Outro*, ao atribuir-lhe complexa dimensão simbólica de acordo com a teoria de Freud. Indiferente aos postulados religiosos, psicológicos ou míticos, Lacan preferiu identificar o *Outro primordial* à linguagem, concebida como estrutura significante a partir da qual se ordena a subjetividade e a constituição da realidade discursiva do ser falante.

Recoloca a problemática do campo do Outro, ou da alteridade, como usualmente é nomeado, de modo mais contundente, ao vincular o nascimento do sujeito ao campo do Outro, e o Outro à estrutura significante da linguagem.

O CAMPO DO OUTRO NA PSICANÁLISE

Desde o início, escreve o outro com letra maiúscula, *Outro*, ou *Autre* em francês, razão pela qual pode ser simbolizado pela letra O ou A, conforme sua tradução, para marcar a importância da anterioridade e exterioridade da estrutura de linguagem na constituição da subjetividade, princípio sobre o qual repousa a afirmação “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”.

Encontra-se no texto intitulado *Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval*, esclarecedora definição do Outro:

Do lado do Outro, do lugar onde a fala se confirma por encontrar a troca dos significantes, os ideais que eles sustentam, as estruturas elementares de parentesco, a metáfora do pai como princípio da separação, a divisão sempre reaberta no sujeito em sua alienação primária, apenas desse lado, e por estas vias que acabamos de citar, devem instaurar-se a ordem e a norma que dizem ao sujeito o que ele deve fazer como homem ou como mulher.¹

Há três distinções conceituais a serem feitas: a de *outro* (a), a de *Outro* (A) e a do *objeto a*. O *outro*, escrito com letra minúscula, vem marcar a importância da presença do outro semelhante no registro imaginário como operação especular, enquanto o conceito de *Outro* com letra maiúscula instaura a dimensão simbólica da linguagem, essencial para diferenciar a construção do eu imaginário do sujeito do inconsciente. Quanto ao objeto a, para defini-lo, recorro ao seu inventor:

[...] este objeto, que de fato é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido, a minúsculo. O objeto a minúsculo não é a origem da pulsão oral. Ele não é introduzido a título de alimento primitivo, é introduzido pelo fato de que nenhum alimento jamais satisfará a pulsão oral, senão convertendo-se o objeto eternamente faltante.²

¹ LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 863.

² LACAN, Jacques. *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979. p. 170.

SUJEITO E DISCURSO

Perde assim o Outro, o estatuto de ser um outro sujeito ou uma suposta relação intersubjetiva de dois, para ganhar o estatuto de *lugar*, pedindo novas definições e novo tratamento topológico, especialmente na sua articulação com o campo do sujeito. E quando o Outro é transformado em objeto, só comparece na condição de objeto *a*.

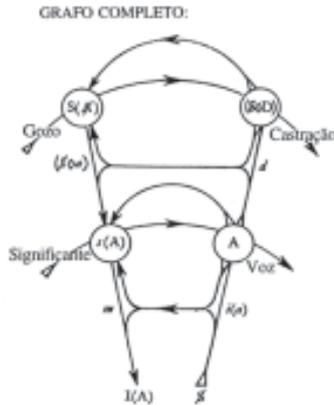
Do campo do sujeito ao campo do Outro, cito Lacan tentando precisá-los:

O *sujeito*, o sujeito cartesiano, é o pressuposto do inconsciente, como demonstramos no devido lugar.

O *Outro* é a dimensão exigida pelo fato de a fala se afirmar como verdade.

O *inconsciente* é, entre eles, seu corte em ato.³

O Outro deixa de ser definido puramente como o lugar do código e da mensagem, ou mesmo como o lugar do tesouro do significante para chegar à escrita radical do matema que estabelece a falta de um significante no campo do Outro, escrito com a barra $S(\bar{\quad})$, ponto crucial de elaboração psicanalítica. Assim, o circuito do sujeito barrado () se faz passando pelo que estou chamando desfiladeiros do Outro, em sua condição de barrado pela falta de um significante $S()$, como mostra de modo exemplar o texto “A subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano”⁴:



³ LACAN, Jacques. *Escritos*, op. cit., p. 852.

⁴ LACAN, Jacques. *Escritos*, op. cit., p. 831.

O CAMPO DO OUTRO NA PSICANÁLISE

Encontra-se no grafo a constituição do Outro em suas diversas formas. No andar superior, o matema do desejo como *desejo do Outro* e o da *pulsão*, que se traduz como *Demanda do Outro*; o matema da *fantasia* (com as operações de alienação e separação) no qual o Outro ganha estatuto de *objeto a*; no matema que representa o *gozo*, vamos encontrar a escritura do *significante que falta no Outro* e o *sintoma*, que nesta época é definido como *significado do Outro*.

No andar inferior, encontra-se a constituição do eu em suas relações imaginária e simbólica com os ideais, ressaltando-se a importância do *ideal do Outro* na identificação.

Afinal, a subversão que o grafo demonstra e que está posta como ponto de partida diz respeito ao sujeito na condição de assujeitado ao significante localizado no campo do Outro, e ao Outro marcado pela falta de um significante.

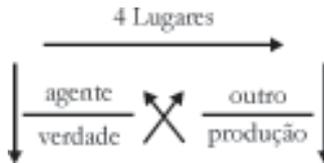
Interessou-me, portanto, destacar e percorrer as *vias do outro*, os *desfiladeiros do outro* em suas *diversas formas*, a fim de questionar e rever analiticamente o *estatuto do Outro* na atualidade, para refletir acerca da sua constituição e patologias, nestes tempos em que o Outro em sua dimensão simbólica sofre certo declínio, revelado pelo tão citado declínio da função paterna. Pode-se constatar, hoje, a perda da mediação simbólica que o pai encarnava com sua autoridade simbólica, bem como seu equivalente, numa dimensão macro, revelada pela perda da autoridade e da autonomia do Estado em grande parte do planeta. A hegemonia da política neoliberal e do discurso capitalista produz, em contrapartida, a hipertrofia do imaginário comandado pela tecno-ciência e pelo mundo das imagens. Entretanto, o que destaco com ênfase especial é a devastação da impossibilidade no campo do real que se verifica através do imenso esforço para tornar tudo possível e sem barreiras.

Pareceu-me oportuno fazer referência ao *Outro*, pois estamos frequentemente teorizando psicanaliticamente a respeito da constituição do sujeito e sobre os modos de abordá-lo na clínica, e parece-me que nem tanto assim quando se trata da atualização e da constituição do *Outro* em suas dimensões imaginária, simbólica e real, chegando-se, por vezes, a negligenciar o valor imprescindível do Outro na constituição da subjetividade, ainda que esteja posto por Lacan que o ser falante não encontra um significante que o represente no campo do Outro.

SUJEITO E DISCURSO

Observo que a complexidade apresentada por Freud sobre a construção da vida psíquica e suas operações singulares inconscientes regidas pelo desejo e pela pulsão, combinatórias imponderáveis situadas mais além das determinações especulares e duais, é interpretada por alguns como sendo uma fabricação mental que trabalha com absoluta autonomia interna, que prescinde da alteridade que estamos aqui chamando campo do Outro barrado.

Recorro aos discursos para avançar na concepção lacaniana do Outro. Tomo como primeiro ponto o princípio apresentado na teoria dos quatro discursos que define o outro como um lugar fixo entre os quatro lugares que compõem sua estrutura. Assim, a concepção de lugar, inicialmente restrita ao Outro, enquanto tesouro do significante, é ampliada e acrescida de mais três lugares, tornando-se o *outro* parceiro do lugar *da verdade*, *da produção* e *do semblante ou agente* na fabricação da subjetividade e do seu gozo. O campo do Outro ganha, então, a complexidade de se desdobrar em quatro lugares fixos por onde passam quatro termos ou letras que circulam multiplicando suas modalidades de subjetivação, fazendo aparecer o Outro na dimensão de um discurso entre outros, razão pela qual estou propondo chamar Campo discursivo do Outro.



Nosso interesse no momento se coloca na perspectiva de explorar a dimensão da *estrutura ordenada como discurso* para retomar a concepção da subversão do sujeito, pois esta permite articular de outro modo a dimensão da pulsão e do gozo no circuito do Sujeito e do Outro enquanto estrutura de linguagem.

Entendendo-se que a subjetividade está ordenada por certa mobilidade inerente ao sujeito dividido do inconsciente, que não está fechado em si mesmo, mas suscetível às vicissitudes dos laços sociais onde se inscreve o sintoma, é que vamos realizar o ato psicanalítico e dirigir a cura. Esta é a razão pela qual se torna importante recorrer

à álgebra lacaniana para abordar o sujeito do inconsciente, que não é causa, porém causado pela articulação *significante*, efeito da estrutura de *linguagem* e da *alíngua* como está posto na estrutura do discurso.

O sujeito e o Outro em questão, na psicanálise, vêm lembrar que sempre estiveram igualmente em questão em outras áreas do conhecimento.

Com a estrutura do discurso, quero, entretanto, evidenciar um outro circuito do sujeito no qual este se modaliza conforme os lugares que ocupa, especialmente quando ocupa o lugar do outro no discurso do psicanalista.

É importante situar o sujeito da psicanálise como aquele que, em sua historicidade, se inscreve na tradição dos avanços da ciência e da ética, favorecido pelo recurso do *significante* proposto por Saussure, que levou Lacan a renunciar à noção de relações intersubjetivas para, em um próximo passo, formular a definição paradigmática do sujeito do inconsciente como sendo aquele que um *significante* representa para um outro *significante*: “[...] efeito de linguagem, por nascer dessa fenda original, o sujeito traduz uma sincronia *significante* nessa pulsação temporal primordial que é o *fading* constitutivo de sua identificação. Esse é o primeiro movimento”⁵.

Este trabalho visa abordar a reflexão desenvolvida pela psicanálise sobre a controvertida relação do sujeito com o Outro, tomando como argumento teórico fundamental a concepção de discurso na qual ficam configurados o *sujeito* como um *termo* da estrutura do discurso, assegurado pelo estatuto das *posições do sujeito* que se modalizam em cada discurso de acordo com o lugar que ele ocupa, e o *outro*, que é tratado como um *lugar* do discurso que pode ser ocupado de distintos modos *significantes*. Parece, portanto, fundamental na clínica psicanalítica interrogar acerca das diferentes relações do sujeito com o outro nos diversos discursos ou laços sociais com seus modos próprios de gozo.

Vale ressaltar que a concepção da clínica psicanalítica, tendo como referência o discurso, traz em si certa dimensão de alteridade e de pluralidade ao estabelecer como necessária a relação dos discursos entre si. Nesta perspectiva, o princípio que valoriza a importância da

⁵ LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998. p. 849.

relação dos discursos entre si, ou seja, a importância dos outros discursos, inclui o valor imprescindível na constituição do sujeito de um significante que o represente para um outro.

Barbárie contemporânea

Se não privilegiei o caminho laciano que retoma o Outro na perspectiva do Um e do Outro ou do Outro que não existe é porque fiquei bastante interessada em refletir acerca do aparecimento de um quinto discurso, que é o do capitalista, que se consolida cada vez mais como um novo discurso, um outro discurso que produz enorme estrago nos demais discursos, ou seja, na realidade psíquica. Considero de grande importância eleger os discursos para evidenciar o impacto causado pelos elementos próprios ao capitalismo sobre a subjetividade.

Brevemente, lembraria que os princípios que regem a operação que regula e articula os quatro discursos, o do psicanalista, o do mestre, o da histórica e o da universidade, entre si – que é a castração – ficam feridos pelo discurso do capitalista. Nele, o sujeito perde sua mobilidade, porque se encontra confundido em sua condição de desejante diante do objeto que o causa, restando um sujeito iludido pelas promessas de satisfação, configurada pela maciça oferta dos objetos de consumo. Eis ao que foi reduzido o campo do Outro. Entretanto, como a realidade do ser falante é de discurso, é da responsabilidade do psicanalista interrogar sobre os efeitos do discurso do capitalismo no *campo dos discursos* – como passo a chamar o campo do Outro.

Parto da formulação de que o sintoma e o laço social equivalem a quatro discursos que se articulam numa ordem precisa porque o real é impossível.

Nossa proposta, neste artigo, é demonstrar que o discurso do capitalista rompe essa lógica articulada em que se sucedem os discursos do mestre, o da histórica, o da universidade e o do analista. O ponto de ruptura se apresenta como o real sem lei, logo ele não é mais impossível, e todos os gozos ficam à deriva. Enquanto o eixo dos quatro discursos tem a primazia do discurso do mestre, impe-

O CAMPO DO OUTRO NA PSICANÁLISE

rativo de renúncia que reduz o gozo a migalhas e o condena a só existir sob as espécies do objeto *a*, no discurso do capitalismo, tudo é permitido, não há mais impossível, em lugar nenhum.⁶

As patologias do Outro constituem, então, uma manifestação dessa estrutura. Quando tudo é permitido, nada é permitido, a ética do desejo dá lugar ao fardo pesado do imperativo do gozo. É o curto-circuito da fantasia, é a lógica do resultado imediato, direto, é o declínio da diferença e a proliferação do gozo não mediatizado pelo gozo fático. Explicam-se, assim, os efeitos de devastação que se apresentam no campo do Sujeito e do Outro na contemporaneidade.

A lógica articulada dos quatro discursos supõe que o Nome-do-pai desempenhe, na fantasia, a função de agente da castração. Ele transfere a potência simbólica do significante, para o imaginário. Permite transmutar o real do gozo impossível para as vias imaginárias de um real do gozo proibido. A violência, por exemplo, dá provas de uma falência da função do imaginário da proibição. Penso que a generalização de sua eclosão no campo social nos aponta os efeitos devastadores do discurso do capitalismo. Hoje, o gozo não é mais impossível, pois a via da fantasia não garante mais que o gozo se limite à transgressão da lei. *O gozo emerge sob a forma de um real sem lei, e não contra a lei, na contemporaneidade.* Ele não se opõe a essa ou aquela restrição legal. Ele se apresenta desencadeado pelas vias simbólicas, como puro sem sentido. Poder-se-ia avançar na direção de pensar suas relações com o capricho, e com a diversidade de modalidades do gozo não-todo de fazer suplência à desproporção entre o simbólico e o real.⁷

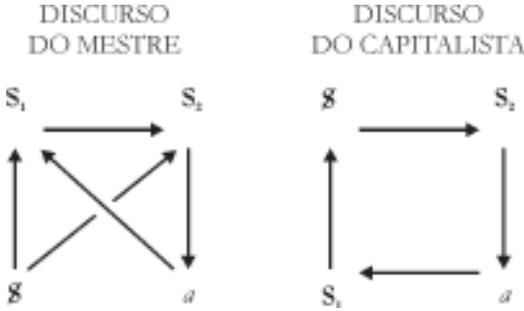
O discurso do capitalismo não se constitui a partir de um quarto de giro das letras como os demais discursos, mas se deduz por uma *torção* do discurso do mestre. Isto permite dizer que o discurso do

⁶ COELHO DOS SANTOS, Tânia; TEIXEIRA, Angélica. A violência na teoria psicanalítica: laço social ou ruptura? Trabalho apresentado no II Encontro Mundial dos Estados Gerais da Psicanálise. Rio de Janeiro, 2003.

⁷ Id., *ibid.*

SUJEITO E DISCURSO

mestre, na atualidade, sofre a concorrência do discurso do capitalismo, quinto discurso que se tornou hegemônico, devastando a relação dos antigos discursos entre si. Finalmente, a esta realidade discursiva, estou chamando devastação do campo do Outro.



O que o capitalista quer é apagar o efeito de impossibilidade ou, em outras palavras, qualquer evocação da fantasia, para manter o sujeito insatisfeito de modo bem particular.

Se, para o mestre antigo, interessava, sobretudo, que as coisas funcionassem, para o capitalista interessa sustentar a insaciedade como um modo de insatisfação do sujeito. Esta insaciedade deve garantir um mercado para o qual não há falta, nem falta objeto, e onde tudo é possível. A dimensão lógica *do não há relação*, modo como se escreve a impossibilidade, está foracluída. O objeto, neste caso, é produzido em escala veloz para ser imperativamente consumido, suprimindo a desproporção entre o que se busca e o que se alcança. A demanda perde valor para a oferta embrutecida. Gadjet é o nome do seu produto.

O discurso do capitalista, por um lado, promove o sujeito à posição de mestre, ou seja, o comando é exercido por um sujeito e não pela tradição impessoal, mas, ao mesmo tempo o apaga, ao diluir as expressões individuais de comando na estrutura do próprio discurso. Dessa forma, o ideal do sujeito autônomo, senhor do seu destino, que está na base não somente da economia liberal, mas da própria sociedade leiga moderna, sofre um violento abalo. Assim, embora o lugar de comando seja ocupado pelo sujeito, que se

O CAMPO DO OUTRO NA PSICANÁLISE

exibe na expressão das suas escolhas e da sua liberdade, o verdadeiro comando é exercido pelo objeto de consumo, que sustenta de fato o discurso.⁸

Nesse regime, é preciso que o consumo seja maníaco e fica elevada à máxima potência a constatação de Lacan que diz que o gozo, uma vez que o temos, é para gastá-lo e desperdiçá-lo.

Diante da barbárie da tecno-ciência, garantida por este discurso, interessa-me interrogar como abordar psicanaliticamente as modalidades brutais, violentas e segregadoras com as quais a realidade, ou seja, *o campo discursivo do outro*, no plural, se apresenta neste momento histórico no qual estamos regidos por um mercado cujo único valor é o capital. Em torno deste, organiza-se uma economia global, que nos submete a um discurso único, que é o discurso do capitalismo, que se encontra livre para agir amplamente, sem grandes oposições até o momento.

Vivemos submetidos à comunicação mercantil desenvolvida pelos meios de comunicação e pela biotecnologia em toda sua extensão, cuja lógica do pós-humano está baseada no próprio capital, e na qual se tem em princípio duas possibilidades para se situar como ser humano: ou se é mercadoria, ou se é dejetos excedente, conforme Betch Cleimman. Ademais as sociedades atuais apresentam um novo fascismo que é o do consumo, no qual não é mais necessário usar da força física.

O capital impõe a violência da exclusão a todos os sentimentos humanos, transformando-os em doenças, como temos visto aparecer em forma de doenças da tristeza e da alegria.

Urge discutir a respeito dos efeitos do discurso capitalista hoje, pois é preciso reconhecer esses efeitos subjetivos não apenas no âmbito coletivo como no individual.

Há um aspecto que deve ser ressaltado: é que, embora o discurso capitalista seja hegemônico ante os demais discursos, não tem o poder de excluir nenhum dos outros, restando sempre brechas para que a subjetividade se faça imponderável e particular.

⁸ TEIXEIRA, Marcus do Rio. Objeto de desejo, objeto do gozo, objeto de consumo. *O amor nos tempos da análise. Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba*, n. 7, p. 155.

Portanto, o discurso do psicanalista tem, neste cenário, grande valor, pois, como um laço social em estreita relação com os outros três, confere ao sujeito particular representação da divisão do aparelho psíquico, instaurada pelo inconsciente freudiano. Também é nesse discurso que o sujeito está bem articulado ao *objeto causa do desejo*, e ao *saber do inconsciente* como semidizer da *verdade*, para poder produzir os significantes de gozo que o singularizam.

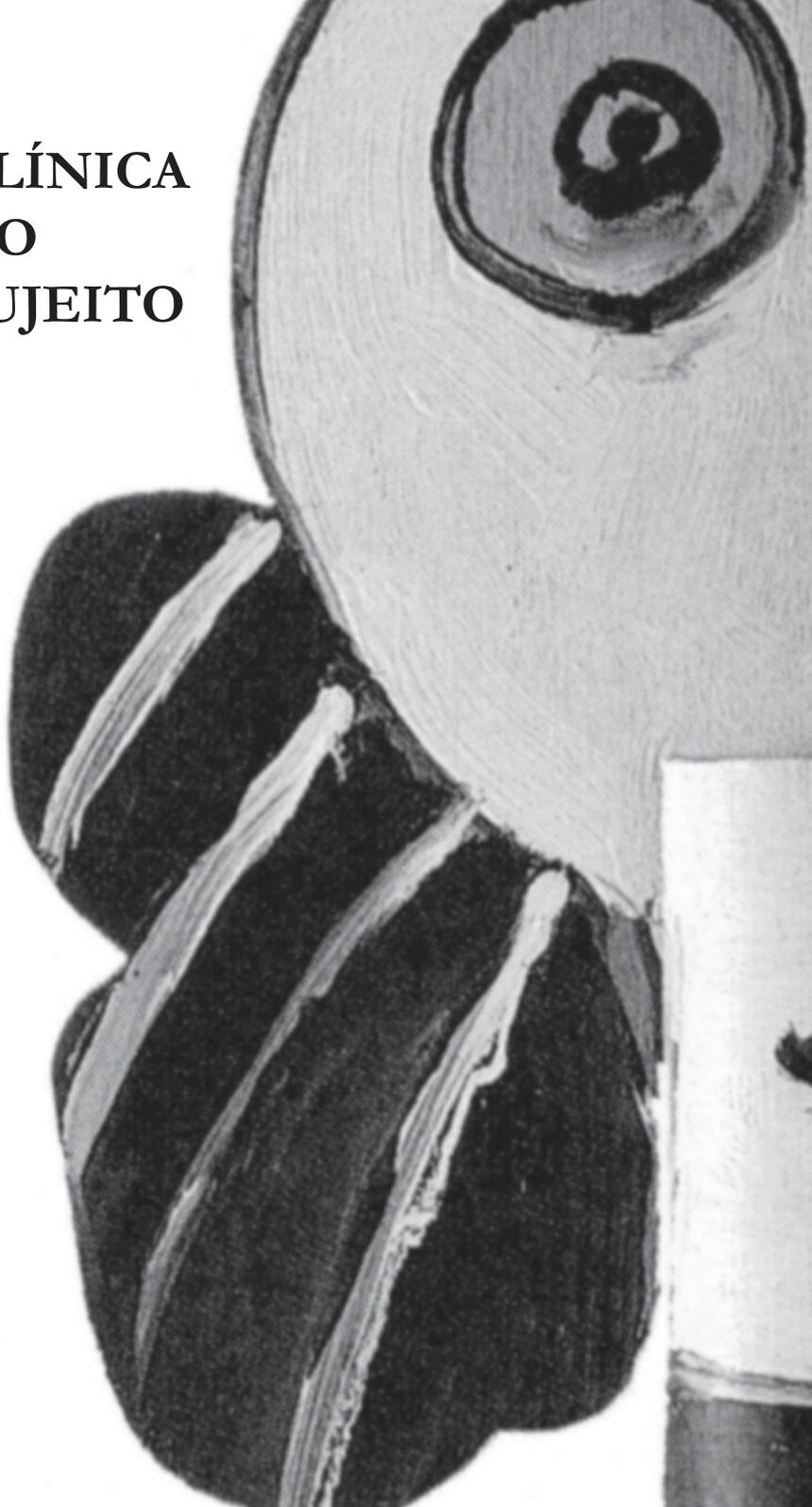
Há também certa intenção de abordar duplo aspecto que diz respeito à prática psicanalítica e ao analista.

Nesta perspectiva, cabe por um lado interrogar como é que este *outro incomum* que é o psicanalista, enquanto *outro essencial do dispositivo clínico sob transferência*, está sendo afetado no seu trabalho pelos efeitos do mal-estar da sua época, determinada pelo reinado do capital internacional, pela política neoliberal globalizada e pelo poder incontrollável da tecnologia e dos meios de comunicação, geradores de mudanças subjetivas inegáveis, como podemos conferir de muitos modos.

Por outro, sem perder o rigor conceitual, questiona-se como apresentar propostas teórico-técnicas que permitam humanizar a condução clínica de modo a que estes tratamentos possam escapar aos discursos dominantes, hegemônicos e segregadores, para poder preservar o valor da esperança e o prazer de viver aos sujeitos em análise.

Considero que as inquietações acima apresentadas atendem, de algum modo, à convocação que torna presente uma grande preocupação com os problemas próprios à ética da psicanálise e com sua inserção no mundo, neste momento histórico.

CLÍNICA
DO
SUJEITO



O sujeito em questão na psicose

José Antonio Pereira da Silva

Introdução

Ao tomar inicialmente a definição do sujeito em questão na psicanálise que se encontra no *folder*¹ destes encontros, onde é conceituado como aquele de origem marcado pela divisão, constatamos, na experiência quase que diária com indivíduos psicóticos, um sujeito marcado pela certeza. Uma certeza que podemos observar nas suas produções delirantes e nas alucinações verbais.

O sujeito do inconsciente do psicótico é um sujeito essencialmente marcado por um saber que se apresenta como se fosse absoluto, sem equívoco. Num delírio, um paciente diz: “...eu sou o filho do sol com a lua”, apresenta-se sem divisão quanto ao saber sobre esta verdade. Ao alucinar, um outro paciente, fala que uma voz o xinga e o comanda em suas ações. O sujeito inconsciente tanto neste, como no outro caso, aparece a céu aberto, ditando o saber sobre a verdade para estes pacientes e determinando a forma com que eles lidam com a realidade.

Pretendo, com este trabalho, pesquisar se existe uma diferença conceitual do sujeito em questão na psicanálise entre o neurótico e o psicótico. No neurótico, o sujeito do inconsciente é tomado como uma pulsação, onde por uma fenda, algo de não-sabido – de inconsciente – se abre e se fecha assim que é apreendido pela consciência. No psicótico, os sujeitos inconsciente e consciente se confundem, pelo menos quando os pacientes encontram-se em plena crise psicótica ou nos seus momentos delirantes e alucinatórios.

Como precisar estas diferenças? Quais as diferenças? Elas existem? O que pode a psicanálise diante do sujeito psicótico?

¹ GERBASE, J. O sujeito em questão na psicanálise [*folder*] Salvador: Campo psicanalítico, 2003.

O sujeito para a Psicanálise

O objeto de trabalho da psicanálise é o inconsciente, e este, por definição, escapa totalmente ao círculo de certezas no qual o homem se reconhece como um eu. É fora deste campo que existe algo que tem todos os direitos de se expressar, e que foi denominado por Freud de inconsciente. Com esta descoberta, Freud traz uma nova perspectiva que revoluciona, segundo Lacan², o estudo da subjetividade e que mostra justamente que o sujeito não se confunde com o indivíduo. As elaborações de Freud sobre o sujeito não se confundem com a inteligência do indivíduo, o sujeito não é a sua inteligência, não está no mesmo eixo, é excêntrico. Esta é, para Lacan³, a metáfora tópica – o sujeito está descentrado com relação ao indivíduo. Este sujeito é um outro, quer dizer, seria uma outra cena.

O eu não pode, aponta Lacan⁵, em caso algum, ser outra coisa senão uma função imaginária, mesmo que, num certo nível, ele determine a estruturação do sujeito. O sujeito se coloca como operante, como humano, como [eu], como sujeito inconsciente, a partir do momento em que aparece o sistema simbólico. A partir do momento em que o mundo simbólico está fundado, ele próprio pode servir de símbolo, e é com isso que o analista tem que lidar, advertido de que o eu não é o sujeito, pois eles têm funções diferentes.

A realidade do sujeito está no inconsciente, excluído do sistema do eu. O sujeito fala. Para se ter acesso à noção de sujeito da psicanálise, é preciso desprender-se da experiência da consciência. O que é este sujeito? Este sujeito, segundo Lacan⁶, é ninguém. Ele é decomposto, despedaçado. Ele é aspirado pela imagem, ao mesmo tempo enganadora e realizada do outro ou, igualmente, por sua própria imagem especular. A originalidade do sujeito é que ele não é materializado. Poderíamos dizer que o sujeito é imaterial e,

² LACAN, J. *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*: Seminário, livro 2 [1954-1955]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. p.16.

³ *Ibid.*

⁵ *Id.*, *ibid.*, p.72.

⁶ *Id.*, *ibid.*, p. 74.

assim como o objeto *a*, ele tem uma consistência lógica. Freud, desta forma, saiu de um modelo mecânico do aparelho psíquico para um modelo lógico.

O sujeito fala por intermédio dos sonhos, dos atos falhos, dos chistes, dos delírios, das alucinações, é um sujeito que existe para além do ego, um inconsciente, um sujeito que fala, desconhecido pelo sujeito. Ele fala no sujeito humano para além dele. É, para Lacan, a própria imagem da deslocação, do rasgamento essencial do sujeito. É a cessação de qualquer interposição entre o sujeito e o mundo⁷.

É preciso considerar, como nos diz Lacan, que existe uma inércia simbólica do sujeito. O simbólico preexiste ao sujeito, e por si só, gera suas necessidades, suas estruturas, suas organizações. Observa-se que a ordem simbólica é de fundamental importância para o sujeito humano, mas qual seria seu alcance? Este alcance seria apreensível, para Lacan, na perspectiva do que ele chama de imisção dos sujeitos⁸. Para que essa mistura ou intromissão dos sujeitos ocorra ou tenha efeito é preciso levar em consideração a posição do sujeito humano, sujeito consciente, em relação ao sujeito inconsciente, pois a transformação simbólica só será definida a partir daí. A parte essencial da experiência humana, aquela que é, propriamente falando, experiência do sujeito, aquela que faz com que o sujeito exista, situa-se no nível em que o símbolo surge.

É preciso que não haja a inércia, é necessário fazer o sujeito ir mais adiante, pois não há resistência por parte do sujeito inconsciente. Trata-se de libertar a insistência que existe no sintoma e nos fenômenos elementares. Só desta forma, o sujeito poderá nomear, articular, fazer passar para a existência, o seu desejo, eu diria, o seu gozo. Ao nomeá-los, o sujeito cria, não encontra algo dado, faz surgir uma nova presença no mundo⁹.

Lacan utiliza-se do esquema L como uma das formas de representar esquematicamente o sujeito analítico, cujo S o representa no esquema L, não em sua totalidade, porém em sua abertura. Como

⁷ Id., *ibid.*, p. 222.

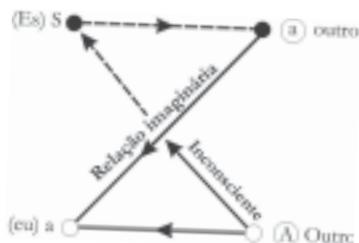
⁸ Id., *ibid.*, p. 244.

⁹ Id., *ibid.*, p. 287.

O SUJEITO EM QUESTÃO NA PSICOSE

de costume ele não sabe o que diz. Quando o sujeito fala com seus semelhantes, fala na linguagem comum, que considera os eus imaginários. Porém a hipótese analítica é que haja outros sujeitos que não nós, pelo fato de nos dirigirmos aos Outros, que aquilo que não conhecemos, verdadeiros Outros, verdadeiros sujeitos.

Esquema L:



Os sujeitos estão separados dos Outros, os verdadeiros, pelo muro da linguagem, lá onde, em princípio, jamais os alcança, a não ser por seus efeitos. Para Lacan, há dois sentidos a dar à frase de Freud – *Wo Es war, soll Ich werden* (Lá onde isso estava, o sujeito deve advir). O *Es* é tomado como sendo a letra S. Ele está aí, ele está sempre aí. É o sujeito. Ele se conhece ou não se conhece. Ele está ou não está com a palavra. No final da análise, é ele quem deve estar com a palavra, e entrar em relação com os verdadeiros Outros. Ali onde o *S* estava, lá tem de estar o *Ich*¹⁰.

Ainda sobre o esquema L, pode-se dizer que uma triplicidade está ali indicada no sujeito, que abrange o fato de que é o eu do sujeito que fala normalmente a um outro, e do sujeito, do sujeito S, em terceira pessoa. O que leva Lacan a estabelecer a seguinte relação, enquanto Aristóteles dizia que “o homem pensa com sua alma”, ele, Lacan, dizia, “o sujeito se fala com o seu eu”¹¹.

Neste ponto, Lacan faz uma distinção entre o sujeito neurótico e o psicótico, a relação do primeiro com seu eu não é nunca plenamente explicitável, sua relação com o eu é fundamentalmente ambígua, toda

¹⁰ LACAN, J. *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*: Seminário, livro 2 [1954-1955]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. p. 311.

¹¹ LACAN, J. *As psicoses: Livro 3* [1955-1956]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. p.23.

assunção do eu é revogável. No sujeito psicótico, ao contrário, certos fenômenos elementares, e especialmente a alucinação que é a sua forma mais característica, mostram-nos o sujeito completamente identificado ao seu eu com o qual ele fala, ou o eu totalmente assumido através do modo instrumental. É ele que fala dele, o sujeito, o S, nos dois sentidos equívocos do termo, a inicial S e o *Es* alemão. É isto que se apresenta na alucinação verbal. No momento em que ela aparece no real, isto é, acompanhada desse sentimento de realidade que é a característica fundamental do fenômeno elementar, o sujeito fala literalmente com o seu eu, e é como se um terceiro, seu substituto de reserva, falasse e comentasse sua atividade¹².

A contribuição da psicanálise na discussão sobre as causas da psicose está no modo de abordar os fenômenos psicóticos conforme a descoberta freudiana, pondo a questão no próprio registro em que o fenômeno nos aparece, isto é, no da fala. É o registro da fala que cria toda a riqueza da fenomenologia da psicose, é aí que vemos, segundo Lacan, todos os seus aspectos, as suas decomposições, as suas refrações. Falar, na definição lacaniana, é falar a outros e falar do outro enquanto objeto. É disso que se trata quando um analisando fala a um analista. Com um sujeito psicótico, ele fala de si e um pouco mais do que deseja, fala de um objeto, fala do objeto que é do desejo do outro. Sabemos que o eu humano, inicialmente, é o outro, e que no começo o sujeito está mais próximo da forma do outro do que do surgimento de sua própria tendência. Este é o verdadeiro sentido da expressão corpo espedaçado, a primeira síntese do ego é essencialmente *alter ego*, ela é alienada¹³.

O sujeito psicótico, ao falar, do que será que ele fala? Ele fala de um objeto que não é como os outros, ele fala de alguma coisa que lhe falou. O paranóico compreende que alguma coisa tomou forma de palavra falada, que lhe fala, e esta parte no sujeito que fala, é o inconsciente. É preciso admitir que é algo que fala no sujeito, além do sujeito, e mesmo quando o sujeito não sabe, e diz sobre isso mais do que crê. A análise diz que nas psicoses é isso que fala¹⁴.

¹² LACAN, J. *As psicoses...*, op. cit., p.23.

¹³ Id., *ibid.*, p.50.

¹⁴ Id., *ibid.*, p. 52.

O SUJEITO EM QUESTÃO NA PSICOSE

A análise do delírio nos revela a relação fundamental do sujeito no registro no qual se organizam e se desenvolvem todas as manifestações do inconsciente. Não se deve partir da idéia de que seu sistema é discordante. O discurso delirante deve ser analisado, em primeiro lugar, como um campo de significação que organizou um certo significante, de modo que, como apontava Lacan no Seminário III, a primeira regra de um bom interrogatório, e de uma boa investigação das psicoses, poderia ser a de deixar falar o maior tempo possível¹⁵.

O sujeito em questão na psicose

Lacan nos leva entender que o sujeito inconsciente do psicótico é um interlocutor permanente. Ao analisar o discurso de Schreber, Lacan revela que o sujeito que fala diz coisas muito claras como – *Aller Unsinn hebt sich auf!* Todo não-senso se anula, se levanta, se transpõe! O que leva Lacan a dizer¹⁶: “Eis o que o presidente Schreber nos diz ouvir, no registro da alocação a ele dirigida por seu interlocutor permanente”. O que nos leva a fazer uma diferenciação entre o sujeito inconsciente do neurótico e do psicótico, marcado por ser na neurose o sujeito evanescente, descontínuo e na psicose seria permanente.

No discurso delirante são contradições que se articulam, e, é claro, todo o sentido do delírio do sujeito está justamente aí, o que torna tão apaixonante o romance de Schreber. O sujeito do psicótico fala através do delírio e das alucinações verbais, além, é claro, das formações do inconsciente.

Lacan levanta uma questão que considero fundamental no trabalho com pacientes psicóticos: no discurso do psicótico qual é a articulação do sujeito que fala nas vozes, e do sujeito que nos relata essas coisas como significantes? Ele admite que isso é de uma grande complexidade. Mas vejamos sucintamente esta questão: o sujeito psicótico ao falar da sua alucinação traz no bojo de sua fala um caráter significativo da suspensão do sentido, que aparece pelo fato

¹⁵ LACAN, J. *As psicoses...*, op. cit., p.141.

¹⁶ Id., *ibid.*, p.143.

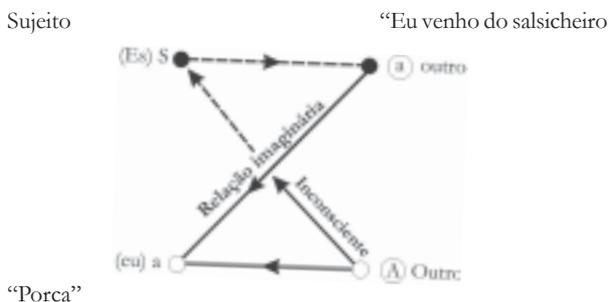
CLÍNICA DO SUJEITO

de que as vozes não completam as suas frases, na maioria das vezes em que acontece o fenômeno. Como no caso da paciente de Lacan, que ouviu lhe dizerem “Porca”, murmurava entre os dentes “Eu venho do salsicheiro” – a saber, a voz alusiva, a visada indireta do sujeito, para Lacan, há aí um procedimento particular de evocação da significação, que nos reserva sem dúvida a possibilidade de concebê-la como uma estrutura que demonstra a relação entre o sujeito que fala concretamente, que sustenta o discurso, e o sujeito inconsciente, que está ali, literalmente, nesse discurso alucinatório¹⁷.

Poderíamos aqui tomar o esquema L para localizar o que se passou com esta paciente: o *a* minúsculo é a pessoa que lhe disse “Porca”. O *a'* é o que diz: “Eu venho do salsicheiro”. E de quem se diz “Eu venho do salsicheiro” é o S.

Lacan¹⁸, ao construir a análise deste caso, tomando o esquema L, revela que a paciente recebeu sem dúvida, em alguma parte, sua própria mensagem sob uma forma invertida, do outro (com o *a* minúsculo), e o que ela diz concerne ao além do que ela própria é enquanto sujeito. Por definição, não pode falar, porque ela é sujeito humano, a não ser por alusão, simplesmente e o Outro está aí abordado por alusão. Este Outro que é aquilo diante do que nos fazemos reconhecer.

Esquema L:



¹⁷ Id., *ibid.*, p.144.

¹⁸ Id., *ibid.*, p.64

O SUJEITO EM QUESTÃO NA PSICOSE

Essa paciente fala de tal modo por alusão, sem saber o que diz, o que leva Lacan a construir: quem vem do salsicheiro? Um porco cortado. Este outro de que ela fala, ela lhe diz de si mesma – *Eu, a porca, eu venho do salsicheiro, já sou desconjuntada, corpo espedaçado, delirante, e meu mundo se vai em pedaços, como eu mesma.*

Qual seria a função das relações do sujeito com o significante nas psicoses? O que Lacan¹⁹ nos aponta neste sentido é que o próprio da dimensão intersubjetiva é que o ser humano tem no real um sujeito capaz de servir-se do significante como tal, isto é, não para informá-los, mas precisamente para iludi-los. Todo verdadeiro significante segundo Lacan, é, enquanto tal, um significante que não significa nada. A experiência prova que, quanto mais o significante nada significa, mais indestrutível ele é. Na psicose, trata-se de um impasse, de uma perplexidade concernente ao significante. O psicótico reage à ausência de significante pela afirmação tanto mais reforçada por um outro que, como tal, é essencialmente enigmático. No delírio, por exemplo, o que nos aparece é a imissão dos sujeitos (o duplo sujeito, seu eu e não seu eu). Como o caso Schreber, o seu delírio com o professor Flechsig, ou o Deus de tal modo capaz de seduzir que põe em perigo a ordem do mundo, em razão da atração.

O que vemos na psicose é o sujeito perdido no nível das significações, nas suas relações com o significante. O sujeito inconsciente do psicótico traz a tona um significante novo, traz a presença de um significante no real. Desta forma, ocorre a aparição de uma nova estrutura nas relações entre os significantes de base. A criação de um novo termo na origem do significante, afirma Lacan, tem um caráter devastador²⁰, é o que observamos diariamente nos relatos dos pacientes psicóticos.

Os fenômenos psicóticos demonstram que a psicose consiste num buraco, uma falta ao nível do significante. Precisamos conceber e não imaginar que, para o psicótico lhe vem uma questão, dali onde não há significante. É o buraco, a falta que se faz sentir como tal. Isto nos aponta para a *Verwerfung*, forclusão de um significante primordial, operação que caracteriza a estrutura psicótica.

¹⁹ LACAN, J. *As psicoses...*, op. cit., p.219.

²⁰ Id., *ibid.*, p.229.

CLÍNICA DO SUJEITO

Para concluir, diria, citando Lacan, que no desencadeamento da psicose trata-se algumas vezes de um empenho mínimo de tomada de palavra, a sua própria palavra e não a do seu semelhante, quando o sujeito vivia, até então, em seu casulo, como uma traça²¹. Paradoxalmente, ocorre o desfalecimento do sujeito no momento de abordar a palavra verdadeira; situa sua entrada, seu deslizamento, no fenômeno crítico, na fase inaugural da psicose, revelando um sujeito, ao mesmo tempo, permanente e enigmático que demanda decifração e construção.

²¹ Id., *ibid.*, p.285.

O evanescimento do mundo infantil

Sonia Campos Magalhães

Se imaginarmos uma das mãos escrevendo sobre a superfície do Bloco Mágico, enquanto que a outra eleva, periodicamente, sua folha de cobertura da prancha de cera, teremos uma representação concreta do modo pelo qual tentei representar o funcionamento do aparelho perceptual da mente¹.

Em 1905, nos seus “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud vai-se referir a um fenômeno psíquico a respeito do qual ele afirma não se ter encontrado, até então, uma explicação. Este fenômeno evocado por Freud é o de uma singular amnésia que vem ocultar, aos olhos da maioria dos homens, os primeiros anos da sua infância. Freud vai estranhar que a posição comumente observada nos seres humanos diante desta amnésia infantil seja a de uma ausência de surpresa. Ele diz acreditar que teríamos boas razões para nos situarmos em face deste fenômeno com uma posição de curiosidade. Pondera que, “se desses anos de infância, só preservamos na memória, algumas lembranças fragmentadas, incompreensíveis, no entanto, pelo que nos dizem de nós, nesta fase da vida, sabíamos expressar dor e alegria de maneira humana, mostrávamos amor e ciúme e, também, outras paixões nos agitavam, violentamente”². Freud lembra o quanto os adultos, muitas vezes, passam a registrar frases formuladas por crianças bem pequenas, frases que dão provas, já na tenra infância, de discernimento e de capacidade incipiente de julgamento.

No curso de suas considerações a respeito desta amnésia, Freud quer mostrar que não há, na verdade, um desaparecimento das impressões da infância, o que há, aí, é uma amnésia análoga à que se comprova nos

¹ FREUD, S. Uma nota sobre o Bloco Mágico [1925]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. XIX, p. 290.

² FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. *Edição standard...*, op. cit., v. VII, p. 163-164.

O EVANESCIMENTO DO MUNDO INFANTIL

neuróticos. Ele vai conceder a máxima importância a uma possível conexão entre a amnésia infantil e a amnésia histérica e chega, até mesmo, a afirmar que sem a amnésia infantil não existiria a amnésia histérica.

É no seu estudo da amnésia infantil que Freud vai comparar a infância a algo análogo a uma época *pré-histórica*. Enfatizando, mais uma vez, “a importância dos anos infantis na gênese de determinados fenômenos essenciais dependentes da vida sexual”, Freud convoca os pesquisadores a reunirem-se a ele neste estudo a respeito do que ele chama “o fator infantil em tudo que se refere às questões sexuais”³.

O interesse a respeito do *infantil* e o lugar de importância que Freud concede a esta noção no contexto da teoria psicanalítica podem ser observados em vários dos seus textos.

Em “O interesse científico da psicanálise”, por exemplo, vamos encontrá-lo a afirmar que

[...] a psicanálise trouxe à luz os desejos, as estruturas de pensamento e os processos de desenvolvimento da infância. Todos os esforços anteriores neste sentido foram, no mais alto grau, incompletos e enganadores, por menosprezarem inteiramente, o fator inestimavelmente importante da sexualidade em suas manifestações somáticas e anímicas⁴.

Ao avaliar a importância da psicanálise para a pedagogia, ele dirá que o interesse dominante que tem a psicanálise para a teoria da educação se baseia em um princípio: “só pode ser educador aquele que esteja capacitado para sondar a *alma infantil*.”⁵(grifo nosso).

Segundo Freud, se os adultos não podem entender as crianças é porque eles não mais entendem a própria infância.

No “Prefácio a Juventude desorientada de Aichhorn”, encontramos Freud a dizer:

A análise demonstrou como a criança continua a viver, quase inalterada, naquele que se analisa, assim como naquele que sonha e

³ FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. *Edição standard...*, op. cit., v. VII, p. 163-164.

⁴ FREUD, S. O interesse científico da psicanálise. In: _____. *Edição standard...*, op. cit., v. XIII, p. 224 -225.

⁵ Id., *ibid.*, p. 224.

CLÍNICA DO SUJEITO

no artista; a experiência analítica e, portanto, a psicanálise, lançou luz sobre as forças motivadoras e tendências que estampam seu selo característico sobre a *natureza infantil*.⁶ (grifo nosso).

Já se disse que, a partir de Freud, duas perguntas insistem em se apresentar, perguntas que concernem à experiência analítica:

- O que é um pai?
- O que quer uma mulher?

A estas duas, junta-se uma terceira:

- O que é uma criança?

Essa indagação sobre a criança, esta criança trazida por Freud, tem suscitado muitos escritos no campo da psicanálise e despertado interesse em outros campos do saber. Eu a encontrei formulada em um trabalho intitulado “*Acerca de la desaparición del mundo infantil*”⁷.

Neste texto, o seu autor, Mariano Royo, ao tecer considerações sobre a infância como uma invenção do adulto, uma criação da cultura, vai observar que cada época inventa uma forma de infância. Para exemplificar o que diz, traz Aristóteles em um fragmento da *Política*:

[...] a razão pela qual o homem é animal cidadão (político) em maior grau que as abelhas ou qualquer outro animal social é clara: [...] o homem é o único animal que dispõe da palavra (*logos*). A voz (*foné*) expressa a dor e o prazer e, por isso, os demais animais também dispõem da voz já que a sua natureza lhes permite sentir a dor e o prazer e expressá-los uns aos outros. Por outro lado, a palavra (*logos*), está destinada a manifestar o útil e o prejudicial, o justo e o injusto[...] e é a comunidade, (ou a comunicação destas coisas), que faz a família e a cidade. A cidade é, portanto, anterior, por natureza, (originalmente), de fato, à família e ao indivíduo; se cada um não se basta a si mesmo, separadamente, estará na mesma situação que uma das partes em relação ao todo. Assim, pois, o que não pode viver em sociedade ou não necessita de nada para sua própria suficiência, não forma parte da cidade e, em consequência, ou é uma fera ou é um deus.

⁶ FREUD, S. Prefácio a Juventude desorientada de Aichhorn, In: _____. *Edição standard...*, op.cit., v. XIX, p.341.

⁷ ROYO, Mariano. *Acerca de la desaparición del mundo infantil*. In: *El Niño-Revista del Campo Freudiano*, Barcelona, n.1, p.53-58.

O EVANESCIMENTO DO MUNDO INFANTIL

Ao introduzir este fragmento da *Política* no seu trabalho, o professor Royo observa que, a partir deste pensamento antropológico de Aristóteles, a criança não é um homem mas, sim, uma fera, um bárbaro, um infante. Em nota de rodapé, ele lembra que a palavra bárbaro, como *berbere*, vem da onomatopéia – *ba, ba, ba*, que denota os que não sabem falar. Infante, vindo do latim – *infans* – significa o que não sabe falar. Para Aristóteles, segundo Royo, é a cidade – a sociedade – que faz o homem. Este fazer é um fazer de pactos de todo tipo – éticos, políticos, estéticos... – o que hoje chamamos cultura – pactos que os homens se sentem obrigados a transmitir à criança para que esta seja um homem.

Ainda em busca de exemplos de como cada época inventa a forma de pensar a infância, Royo nos conduz à Idade Média cristã, para mostrar que aí a questão da infância dá um giro de 180 graus. Já não se trata mais, então, de que as crianças se façam adultos mas de que os adultos se façam crianças. Se entre os gregos se tratava do destino, a partir daí, trata-se de um Pai provedor e de homens, todos eles definidos como filhos, filhos de Deus, todos irmãos, e incentivados a assemelharem-se às crianças para que, assim, possam alcançar o reino dos céus.

Royo se desloca da Idade Média cristã para, ao longo da história, destacar a posição adotada por alguns pensadores, em relação a questões relativas aos modelos de infância e à forma de se pensar a criança. Vai lembrar Rousseau, Voltaire, Hobbes, Kant, evocar, também, autores como Marcuse e alguns educadores do século XX como, por exemplo, A..S. Neil, o criador de Summerhill.

Ao se referir a Freud, Royo observa que, embora pareça que a psicanálise tenha vindo apagar a linha divisória entre a infância e a vida adulta, no entanto, com a sua teoria da sexualidade humana, com a sua concepção da sexualidade infantil, Freud traça, claramente, diferenças entre a criança e o adulto e estabelece etapas na vida da criança.

Neste seu texto, no qual o autor traz como tema de discussão um possível desaparecimento do mundo infantil que estaria ocorrendo no mundo ocidental, nas últimas quatro décadas, pode-se encontrar uma indagação a respeito da posição que se vem concedendo à criança em nossos dias. Advertindo sobre o risco de se situar a criança

num lugar de adulto, Royo vai assinalar algumas conseqüências desastrosas para a criança quando lhe é retirado o tempo próprio da infância, quando lhe é cerceada a possibilidade de brincar, quando lhe são atribuídas liberdades de escolhas que ainda não pode fazer.

Apontando que “o mundo infantil se constrói com metáforas, dramatizações, representações, imitações, mitos, rituais [...]”⁸ e lembrando que “o que constitui a criança como homem e o diferencia do animal é o jogo”⁹, Royo adverte sobre o risco de se tratar a criança como adulto e, assim fazendo, se provocar um desaparecimento da iniciativa infantil, da liberdade com a qual a criança pode “investigar dentro de seguras fronteiras bem delimitadas pelos adultos”¹⁰.

Este desaparecimento possível do mundo infantil me incitou ao trabalho e me fez ousar trazer, aqui, algumas considerações iniciais a respeito deste tema.

Pensar em desaparecimento do mundo infantil me levou à questão do sujeito do inconsciente, tema deste nosso Encontro. Levou-me a perguntar se poderíamos pensar a questão do desaparecimento do mundo infantil como algo da ordem de um evanescimento.

Pareceu-me que, a partir de Freud e de Lacan, o desaparecimento poderia ser entrevisto como evanescimento e isto porque o infantil, o chamado infantil pela psicanálise, “é a estrutura, isto é, o efeito do significante na constituição do sujeito do inconsciente”¹¹ e, como tal, ele se manifesta, sempre, necessariamente, numa alternância: aparece e desaparece.

Vale a pena lembrar que Lacan, em 1968, no seu *Seminário Livro 16: De um Outro ao outro*, nos diz “que no nível da frase, qualquer que seja o sujeito, vamos encontrar, sempre, a criança”¹². O infantil aparece e desaparece, constantemente, nos atos e nos ditos da criança e da criança no chamado adulto. O mundo infantil aparece e desaparece como uma sístole e diástole, como uma pulsão.

⁸ ROYO, M. Acerca de la desaparición del mundo infantil. In: *El Niño-Revista del Campo Freudiano*, op. cit., p.58.

⁹ Id., loc. cit.

¹⁰ Id., loc. cit.

¹¹ LEFORT, Rosine e LEFORT, Robert, L'infantile et le féminin, In: *Archives de psychanalyse* N.R.C. La Diagonale Française. Paris: Éolia, p. 3.

¹² LACAN, J. *Séminaire Livre 16: D'un Autre à l'autre*. 13 novembre, 1968. Inédito

O EVANESCIMENTO DO MUNDO INFANTIL

Como no bloco mágico a que Freud se refere em um de seus textos em 1925¹³, neste aparecer e desaparecer, nisto que estamos chamando evanescimento do mundo infantil, há o aparecimento e o desaparecimento de um escrito ali onde o inconsciente, estruturado como uma linguagem, se dá a ler.

Para falar da criança em psicanálise, esta criança que permanece no adulto, necessário se faz trazer o infantil não no nível do comportamento mas no nível de alíngua.

Na sua Conferência em Genebra sobre o sintoma vamos encontrar Lacan a dizer:

Tenho visto, muito bem, crianças muito pequenas - não apenas as minhas. O fato de que uma criança diga *talvez, ainda não*, antes de ser capaz de construir verdadeiramente uma frase, prova que há, aí, uma peneira através da qual a água da linguagem passa e chega a deixar, nesta passagem, alguns detritos com os quais ela vai jogar e com os quais terá de se virar.¹⁴(tradução nossa).

É ainda, neste momento de seu ensino, que Lacan vai dizer que “Freud se deu conta de que havia coisas que ninguém podia dizer que o sujeito falante não as soubesse sem sabê-las”¹⁵. Ele diz que há algo a destacar aí: “o significante é alguma coisa que está encarnada na linguagem”¹⁶.

Uma vez que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, o infantil pode ser considerado, como estando em todas as formações do inconsciente. Neste sentido, podemos dizer que o infantil na criança, e na criança do adulto, é a poesia, é o romance, é o chiste, é o esquecimento, é o lapso, é o sonho, e, até mesmo, o pesadelo.

Quanto ao brincar da criança, disto nos fala Freud quanto a sua importância: a criança, ao brincar, e isto desde a mais tenra idade, situa as coisas do mundo em nova ordem, tal como faz o poeta ao criar.¹⁷ Sobre este brincar da criança, talvez possamos, hoje, dizer que mes-

¹³ FREUD, S. Uma nota sobre o Bloco Mágico. In: _____. *Edição standard...*, op. cit., v.XIX, p. 290.

¹⁴ LACAN, J. Conferencia en Ginebra. In: _____. *Intervenciones y Textos 2*. Bs.As.Argentina: Manantial, 1988. p.129

¹⁵ Id., loc. cit.

¹⁶ Id., loc. cit

¹⁷ FREUD, S. Escritores criativos e devaneios In: _____. *Edição standard...*, op. cit., v. X, p. 149-158.

mo num mundo marcado pelos avanços da tecnologia, ali onde o material que lhe é oferecido é distinto do que se lhe oferecia antes, ainda assim, mesmo assim, a criança continua tentando manter o mundo infantil.

Em relação ao desaparecimento do mundo infantil no sentido de Royo, diríamos que pode ser relativo às tantas exigências do mundo adulto que privam a criança de usufruir o tempo da fantasia e do devaneio. Parece-nos, no entanto, que a criança busca não se sujeitar a isto. Nos vários momentos da efetuação da estrutura, a criança busca encontrar novas formas de brincar e de reivindicar o seu estatuto de criança ainda que seja criando novos sintomas.

A partir desta criança assim concebida, mais uma pergunta vem se apresentar: a que nos referimos quando falamos do adulto, de um mundo dos adultos? Num primeiro momento, talvez pudéssemos dizer que, a partir do que nos ensina a psicanálise sobre o infantil, é como se toda tentativa de se falar deste adulto, soasse como se se falasse de um estágio a ser alcançado, estágio no qual não mais houvesse este aparecimento e desaparecimento dos significantes da infância.

Quando, comumente, se fala de adulto se espera fazer entender com este termo um estado de permanência, de não evanescimento do mundo infantil. Sendo assim, do que se trataria, neste adulto assim suposto? Não seria algo da ordem de um permanecimento de um mundo no qual a divisão do sujeito estaria abolida e, talvez, aí, encontrássemos a fera apontada por Aristóteles?

O sujeito do suicídio

Soraya Carvalho

Este trabalho foi desenvolvido a partir da escuta de pacientes que tentaram o suicídio por envenenamento e que foram atendidos no CIAVE-BA, entre os anos de 1991 e 2003.

Procuo, inicialmente, fazer uma incursão teórica com o intuito de fundamentar o caminho que venho percorrendo e as articulações que pude fazer ao longo desses 12 anos.

Apesar da singularidade de cada um dos quase 2.600 casos atendidos neste período, algumas questões me surgiram: O que leva um sujeito ao ato de dar a morte a si mesmo? Por que, para alguns, a angústia desencadeada por uma perda adquire um caráter insuportável precipitando-os num ato suicida?

Em “A clínica do sujeito na depressão”, Quinet¹ afirma que nos três casos, melancolia, luto e depressão, trata-se da mesma estrutura, ou seja, a perda de um significante mestre, S_1 . Este S_1 corresponde ao Ideal do eu.

Em 1914, no texto “Luto e Melancolia”, Freud² afirma que, tanto no luto quanto na melancolia, trata-se “da perda de uma pessoa amada ou de uma abstração colocada em seu lugar, como a Pátria, A Liberdade, um ideal”, etc. Vale salientar que, muito embora Freud se refira à pessoa amada como um objeto, ele não se está referindo ao objeto pulsional, o objeto *a*. “Esta perda é da ordem de um ideal”. Segundo Quinet, “o que está em jogo é um significante idealizado que serviria de sustentação para o sujeito. Uma vez perdido, o sujeito responderia como uma melancolia”³.

Na neurose, por sua vez, esse S_1 ocuparia o lugar de semblante capaz de escamotear a falta de um significante no Outro. Esse S_1

¹ QUINET, Antonio. A clínica do sujeito na depressão. In: _____. *Extravios do desejo: depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Marca d'Água, 1999, p. 141.

² FREUD, S. Luto e melancolia [1917]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIV, p.275.

³ QUINET, Antonio. A clínica do sujeito da depressão, op. cit., p.131.

O SUJEITO DO SUICÍDIO

também corresponderia ao Ideal do eu, e a perda desse ideal desencadearia o processo em que o sujeito se vê confrontado com a falta, desembocando no trabalho do luto.

Nas “Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise”⁴, Freud situa o Ideal do eu no nível do Ideal do Outro (dos pais). O Ideal do eu seria o herdeiro do narcisismo do sujeito e funcionaria como sustentáculo do narcisismo infantil.

Dessa forma, se esse S_1 corresponde ao Ideal do eu, e ele se encontra estruturalmente vinculado ao Eu ideal $i(a)$, uma perda que se dê no nível do Ideal do eu, conseqüentemente, provocará um abalo narcísico na imagem do eu, e tal abalo poderá ser sentido tanto no luto, como na melancolia, quanto na depressão.

No Seminário V, no capítulo “As insígnias do ideal”, Lacan⁵ acrescenta que “O Eu ideal é constituído a partir das insígnias do Ideal do eu que sempre é um Ideal do Outro”. Ainda neste Seminário, ele complementa que o Ideal do eu intervém em funções que muitas vezes são depressivas ou até agressivas em relação ao sujeito. Mais adiante, ele afirma: “É a instauração no sujeito dessa nova função chamada Ideal do eu que vai modelar as relações do sujeito com seu objeto”.

O suicídio melancólico

Estudando a melancolia, Freud conclui que o eu não pode matar a si mesmo, salvo quando ele toma a si próprio como um objeto, dirigindo para si a hostilidade que deveria dirigir ao objeto.

A análise dos sujeitos melancólicos nos mostra um sujeito aniquilado e devastado pelo Outro. Exemplifico com o fragmento de caso de um paciente que, diante da pergunta que fazia ao Outro sobre seu desejo, obtinha como resposta: “Você não vai ser nada na vida, não vai dar pra nada”. Aos três anos foi à cama da empregada (que dormia no mesmo quarto que ele), procurar o que havia dentro da calcinha. Por esse fato, foi severamente castigado e condenado:

⁴ FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: _____. *Edição standard brasileira...*, op. cit., v.XXII.

⁵ LACAN, J. As insígnias do ideal. In: _____. *Seminário V: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1999, p. 299.

CLÍNICA DO SUJEITO

“Esse menino é uma aberração! Se não for educado com muito pulso se tornará um maniaco sexual!”

Proveniente de uma família extremamente religiosa, foi desde muito novo relegado, culpabilizado e punido pelas travessuras dos irmãos.

Não existia no desejo do Outro qualquer possibilidade de sua inserção. O Outro lhe virava as costas, reduzia-o a nada, como o único lugar possível de ocupar naquela família. Era como se, reduzindo-o a nada, tivesse sua sexualidade pervertida neutralizada.

Esse sujeito passa sua infância apanhando e sua adolescência ouvindo a reafirmação de sua incapacidade. Cumpre o desejo do outro, deixando os estudos aos 14 anos e passando a ser ajudante do pai em serviços pesados. Ao completar 20 anos, seu pai lhe veta a mulher amada, impondo-lhe uma mulher ideal, a religiosa. Ainda virgem, casa-se com ela aos 23 anos para satisfazer o pai. Logo depois, seu pai adoece e começam, a partir daí, a estabelecer uma relação mais amigável.

O pai assume para ele, nesse momento, a posição de ideal com o qual passou a se identificar profissionalmente, e a partir do qual passou a receber um certo respeito e consideração. Agora, era um pai velho que dependia dele, dos seus serviços.

Neste momento de sua vida, seu pai morre e ele entra em depressão profunda, fazendo várias tentativas de suicídio.

O suicídio neurótico

Quem é esse sujeito que, diante da recusa do amor do outro, é capaz de precipitar-se numa tentativa de suicídio? Por que essa recusa se torna insuportável e ele precisa, através de seu ato, punir o outro ou mesmo tentar, de forma desesperada, fazer ouvir seu apelo, sua demanda de amor e de reconhecimento? Por que a perda de uma posição de gozo pode levá-lo a experimentar angústia tão dilacerante?

M. é uma garota de 16 anos que está sempre envolvida em intrigas: na rua, na escola, com os namorados. Seus relacionamentos geralmente terminam porque seus namorados se envolvem com suas amigas com quem a traiu.

“Isso foi insuportável, ele não podia fazer isso comigo”, chorava ela, após tentar o suicídio. Perder seu amado para a outra, a fez per-

O SUJEITO DO SUICÍDIO

der uma posição de gozo, na sua fantasia, posição que ocupava ante esse S_1 , ideal de homem e de pai que se tornara seu namorado.

M. é filha de pais separados, tendo sido criada pela mãe e pela avó desde bebê. Por volta dos quatro anos, sua mãe arrumou um novo companheiro, deixando-a com a avó, o que a fez sentir-se muito mal: “Por que razão minha mãe não me levou com ela? Acho que ela não gostava de mim”. Seu pai também se casou de novo e não a levou para morar com ele. Já entrando na adolescência, foi quase violentada pelo padrasto, mas não acreditaram na sua versão. Por isso se afastou da casa da mãe.

Alguns anos depois, quase foi estuprada por três assaltantes. Ao procurar apoio junto à mãe, esta lhe respondeu: “Bem feito, quem manda andar em lugar deserto?” M. completou: “O que mais está doendo não são as porradas que levei dos assaltantes, mas a dor de saber que não represento nada para ela. Ela não se importa comigo. Estou sozinha. Não tenho ninguém. Viver para quê?”

De uma certa forma, terminava repetindo a situação de abandono, troca e traição com as suas amigas e namorados, reeditando sua história a cada novo envolvimento amoroso.

Em ambos os casos, temos um Outro exigente, que pune e critica. Diante do perigo, não protege nem acolhe. Muitas vezes, diante de uma tentativa de suicídio chegam a dizer: “Por mim, morre, não vou levar para o hospital”.

O sujeito, seja ele melancólico ou neurótico, depois do ato de tentar matar-se, expressa sempre uma certeza e uma dúvida: a certeza de estar no mundo sozinho e desprovido de proteção e a dúvida quanto ao amor do outro, manifestado com a pergunta: “O que mais posso fazer para obter o seu amor?”

Tanto no suicídio melancólico quanto no suicídio neurótico, constatamos uma não inscrição ou mesmo uma inscrição comprometida desses sujeitos no desejo do Outro.

No Seminário V, Lacan⁶ diz:

[...] a criança revela depender do desejo da mãe, da primeira simbolização da mãe como tal, e de nada mais... No desejo da criança,

⁶ LACAN, J. As insígnias do ideal. In: _____. *Seminário V: as formações do inconsciente*, op. cit., p. 299.

CLÍNICA DO SUJEITO

em seu desejo próprio, esse ser é essencial. O que deseja o sujeito? Não se trata da simples apetência das atenções, do contato, ou da presença da mãe, mas da apetência do seu desejo! [...] o desejo da criança é o desejo do desejo da mãe.

Seja num suicídio por *acting-out* ou passagem ao ato, no suicídio o sujeito sempre se defronta com o real da angústia. Alguns sujeitos suportam, outros, porém preferem dar a morte a si mesmos.

A capacidade de se defrontar com a angústia e não se precipitar num ato suicida está intimamente relacionada ao fato de como este sujeito foi capturado pelo desejo do Outro desde a sua pré-história. Ter um lugar no desejo desse Outro garante ao sujeito a possibilidade de estar no mundo escolhido e protegido do real da angústia.

O sujeito, quando não reconhece um lugar no Outro ou mesmo quando reconhece este lugar, mas como um lugar sem consistência, liga-se à vida de uma forma extremamente frágil e precária, precipitando-se num ato suicida sempre que esta sua condição de falta de inserção no Outro é reeditada, sempre que se retira o S_1 que estivera fazendo suplência a esta falta.

Portanto, não dispor de um desejo do Outro deixa o sujeito sem garantia, sem proteção, de uma certa forma, “à mercê” do real.

Para este sujeito, morto pode ser a única forma de dispor de um lugar no Outro, ou morrer poderá livrá-lo para sempre da angústia de constatar que não há, na dialética do desejo do Outro, qualquer possibilidade de sua inserção.

O sujeito e o sintoma¹

Vitória Eugênia Ottoni Carvalho

Para falarmos da conjunção sujeito-sintoma em psicanálise, temos que partir da hipótese inicial de Freud, “Há o inconsciente” e das formações que dele decorrem, especialmente o sintoma, bem como recorrer ao que diz Lacan, quando enuncia a sua hipótese na lição de 26 de junho de 1973, no *Seminário XX*:

Minha hipótese é a de que o indivíduo que é afetado pelo inconsciente é o mesmo que constitui o que chamo o sujeito de um significante. [...] Dizer que há um sujeito, não é outra coisa senão dizer que há hipótese. A única prova que temos de que o sujeito se confunde com esta hipótese e de que é o indivíduo falante que o suporta, é a de que o significante se torna signo. É porque há o inconsciente, a saber, a língua, enquanto que é da coabitação com ela que se define um ser chamado falante, que o significante pode ser chamado a fazer signo [...] O sujeito não é jamais senão pontual e evanescente, [...] É aqui que nós devemos retornar a Aristóteles. Por uma escolha a qual não se sabe o que o guiou, Aristóteles tomou o partido de não dar outra definição de indivíduo senão o corpo – o corpo enquanto organismo, o que se mantém como um, e não o que se reproduz.²

Resumidamente, podemos dizer que a hipótese que Jacques Lacan assume como sua, formula que o indivíduo no sentido de Aristóteles – quer dizer, o corpo enquanto vivente, o qual tem sua consistência própria de real e não apenas a imagem do corpo – é o mesmo que o sujeito afetado do inconsciente. Esta hipótese coloca o enlace entre

¹ Este texto foi estabelecido a partir de trechos da tese de doutorado em psicopatologia fundamental e psicanálise, intitulada *Le corps vivant, topos du symptôme*, especialmente os capítulos IV, VI e VII, le Sujet, le Corps e le Symptôme, respectivamente.

² LACAN, J. *O Seminário, livro XX: Mais ainda*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1985, p. 194-195.

O SUJEITO E O SINTOMA

o sujeito, produto do simbólico, efeito do simbólico, e o real do corpo enquanto indivíduo vivo. Segundo Soler, a noção de indivíduo, deve ser tomada como isto que se conta e que implica um corpo gozoso: “Para que a individualidade orgânica torne-se um corpo [...] é preciso que o significante introduza o um”³.

Não resta dúvida de que o conceito de sujeito seja fundamental no ensino de Lacan, mas pode haver alguma hesitação no que diz respeito à noção de indivíduo. Pois bem, ao contrário do que se pensa habitualmente, Lacan sempre se interessou pelo indivíduo; este aparece desde o início das suas pesquisas até o fim dos seus trabalhos. Apesar de, enquanto noção, não ter o mesmo peso que a categoria de sujeito, pelo menos ele o toma para mostrar a diferença entre um e outro; de todo modo, ele não pode prescindir do indivíduo. É isto que ele mesmo diz, implícita ou explicitamente, quando declara sua hipótese no *Seminário Mais ainda* ou em *A ciência e a verdade*⁴.

Há neste texto, datado de janeiro de 1966, uma *nuance* que não pode ser negligenciada e que nos dá a medida do que Lacan entende por sujeito: “Veiculado pelo significante em sua relação com outro significante, ele deve ser distinguido severamente tanto do indivíduo biológico quanto de qualquer evolução psicológica subsumível como sujeito da compreensão”⁵. Nos deteremos pois no indivíduo, no que ele nos permite “distinguir severamente” o sujeito de toda forma de individualidade empírica.

O vocábulo latino, *individuum*, é a tradução do termo grego *atomos*, que significa coisa materialmente indivisível, cada um dos corpúsculos que não se repartem, os átomos. A despeito de ter surgido no mais longínquo passado da reflexão filosófica, a noção de indivíduo só foi realçada e valorizada a partir da concepção moderna de mundo⁶.

Do ponto de vista lógico, numa hierarquia de gêneros e espécies subordinadas, chama-se *indivíduo* o ser representado pelo termo in-

³ SOLER, C. Le corps dans l'enseignement de Lacan. *Quarto*, n.16. p. 46.

⁴ LACAN, J. La science et la vérité. In : _____. *Écrits*. Paris : Seuil. 1966. p. 875.

⁵ LACAN, J. A ciência e a verdade. In : _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998. p.890.

⁶ RENAULT, A., *L'individu: réflexions sur la philosophie du sujet*. Paris: Hatier. 1995.

ferior desta série, ele não designa nem um conceito geral nem comporta mais divisão lógica. Este termo é dito singular, isto é, o indivíduo é o sujeito lógico que admite predicados e que não pode ele mesmo ser predicado de nenhum outro⁷.

Do ponto de vista biológico, *indivíduo* é o ser vivo cujas partes cooperam de forma duradoura e bastante estreitamente para que a interrupção desta sinergia leve ao desaparecimento ou, pelo menos, a uma transformação considerável das funções que ele manifesta. Mas, nos diz G. Canguilhem, em biologia tudo resta a fazer, pois a biologia deve tomar o vivo por um ser significativo e “a individualidade, não como um objeto, mas como um caráter na ordem dos valores”⁸.

Para a nossa disciplina, *indivíduo* é o indivíduo biológico afetado por um inconsciente, tal como explicitado na hipótese lacaniana. E o sujeito, o que se entende como tal? Quem atende pelo nome de sujeito na psicanálise? Começemos por estabelecer o contraponto com a filosofia.

Subjetividade é um termo abrangente, ou seja, uma noção genérica que reúne uma série de outros conceitos com os quais mantém uma relação necessária, cujo conjunto encerra uma problemática: consciência, consciência de si, auto-referência, autodeterminação, eu, personalidade, mente, espírito, apenas para citar os mais relevantes. A “subjetividade” designa, por excelência, uma época da história da filosofia, chamada filosofia moderna, inaugurada por Descartes no século XVII, na qual a subjetividade é o argumento fundamental⁹.

Tomado em seu sentido literal, o vocábulo “sujeito” adquire a legitimidade de um elemento do léxico filosófico no sentido da tradução latina *subjectum*, a partir do grego *hipokeimenon*, cuja principal acepção filosófica foi estabelecida por Aristóteles: aquilo que está na base, isto que porta ou é o suporte de; daí poder ser traduzido por “subjacente” ou por “substância”¹⁰. Na filosofia moderna, o conceito de sujeito funciona como uma expressão indicadora do ser do

⁷ LALANDE, A. Vocabulaire technique et critique de la philosophie. Paris: Quadrige :PUF. 1993.

⁸ CANGUILHEM, G. Le vivant et son milieu. In : _____. *La connaissance de la vie*. Paris: J. Vrin. 1998.

⁹ BICCA, L. *Racionalidade moderna e subjetividade*. S. Paulo: Loyola, 1997.

¹⁰ Cf. DHERBEY, G. R. *Les choses mêmes: la pensée du réel chez Aristote*. Lausanne: L'Âge d'homme. 1983. p.183-191.

O SUJEITO E O SINTOMA

homem enquanto um todo, isto é, o sujeito empírico que é a união do corpo e da alma ou, de outro modo, designa a estrutura formal da subjetividade, unicamente acessível pelo viés de uma auto-reflexão intelectual, como no racionalismo cartesiano. Tal concepção de uma subjetividade fixa se prolonga através da história da filosofia ocidental e só será colocada em questão pela primeira vez com Hegel.

Contudo, a significação do sujeito para a psicanálise não é a mesma que para a filosofia. As palavras e mesmo os conceitos usados pela psicanálise existiam antes de Freud e se encontravam à disposição do discurso corrente assim como das concepções da racionalidade. Todavia ele os transforma, seja resgatando-os do nível da opinião, seja modificando a significação cultural que lhes havia sido imposta anteriormente. Ao se instalar na modernidade como pensador singular, é sabido que Freud recorre a modelos epistêmicos, científicos ou filosóficos que lhe serviram de base, entretanto, ao mesmo tempo é capaz de subvertê-los e transgredir seus cânones metodológicos para ter acesso a um objeto inédito¹¹. Assim, a psicanálise provoca uma revolução nos saberes constituídos que lhe serviram de modelos, construindo um discurso sem precedentes.

A psicanálise se desloca e nos coloca desde o seu começo num registro singular da linguagem, deste modo, da origem da sua produção teórica até o termo de sua obra, Freud se movimenta no domínio da linguagem. Uma narração alegórica freudiana, análoga às figuras da dominação e da servidão em Hegel, certamente não exporia o surgimento do homem a partir do mundo natural, provavelmente narraria o aparecimento do sujeito a partir da linguagem. Apesar da « pura e simples distância » de Freud em relação à dialética – ele adjetiva como *dunkel*, “obscuro”, o regime especulativo da Razão hegeliana¹² – podemos considerar tal narrativa a partir de Lacan. Para E. Roudinesco, é junto a Kojève que Lacan aprende a fazer o texto freudiano dizer aquilo que ele não diz. “Ele dota o freudismo de um sistema filosófico no qual a subjetividade escapa à psicologia do ego”¹³.

¹¹ Para compreender a atitude de Freud em relação à ciência e à filosofia, cf. ASSOUN, P.-L. *Freud, la philosophie et les philosophes*. Paris: PUF 1995.

¹² Cf., sobre isto, ASSOUN, P.-L. *Freud, la philosophie et les philosophes*. Paris: PUF 1995. p.348-353.

¹³ ROUDINESCO, E. *Histoire de la psychanalyse en France, 1925-1985*. Paris: Fayard. 1998. v.2. p.152.

Segundo Paul-Laurent Assoun¹⁴, a psicanálise testemunha o paradoxo do sujeito: o sujeito é o «preconceito necessário» da sua teoria e da sua prática. Mais precisamente, este pressuposto, ela o produz desenvolvendo sua experiência *sui generis*: a psicanálise define a categoria de “sujeito” através do uso que ela faz e que correlativamente exige a sua construção metapsicológica. Esta é a mesma idéia que desenvolve S. Žizek a partir do conceito kantiano de “mediador evanescente”¹⁵, tomado no sentido preciso do real freudiano e lacaniano, isto é, a estrutura de um elemento que, apesar de não estar realmente presente em nenhum lugar e, como tal, seja inacessível à nossa experiência, não deve deixar de ser pressuposto e construído retroativamente, para que todos os outros elementos mantenham sua consistência. Para Assoun, tal é o paradoxo que faz trabalhar a metapsicologia. Apesar do caráter inoperante da categoria de «sujeito» em Freud, que sempre fez pouco uso explícito e normatizado de qualquer outro instrumento filosófico, a função «sujeito» atravessa toda a sua teoria e sustenta sua prática¹⁶.

Para Bertrand Ogilvie, o objeto mesmo da reflexão lacaniana é a reintrodução do sujeito. Segundo este autor, Lacan não oferece uma nova definição do sujeito, entretanto articula pela primeira vez questões que, até então, não haviam jamais sido colocadas em relação: uma caracterização antropológica, uma deficiência fisiológica, “aberrações” estruturais de comportamento (as formações do inconsciente) e uma linguagem¹⁷.

Ao recorrer à lingüística – não como lingüista, é bom que se diga, mas enquanto psicanalista, uma vez que a sua abordagem da linguagem se faz a partir da experiência específica da psicanálise¹⁸ – Lacan constata que ela nos desembaraça da “subjetividade original”, motora e autônoma, suscitando a questão da “subjetividade produ-

¹⁴ ASSOUN, P.-L. *Introduction à la métapsychologie freudienne*. Paris: PUF. 1993.

¹⁵ ŽIZEK, S. *Subversions du sujet*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes. 1999.

¹⁶ ASSOUN, P.-L. *Introduction à la métapsychologie freudienne*, op. cit.

¹⁷ Cf. OGILVIE, B. Lacan: la formation du concept du sujet (1932-1949). Paris: PUF. 1993.

¹⁸ OTTONI CARVALHO, V. E. Mémoire de DEA em Théorie psychanalytique: *Une relecture de l'Esquisse avec Lacan*, 1997. Cf. sobre esta questão ARRIVÉ, M. *Langage et psychanalyse, linguistique et inconscient*. Paris: PUF. 1994. Cf. também MILNER, J.-C. *L'œuvre claire: Lacan, la science, la philosophie*: Paris: Seuil. 1995. p.97: «O Lacan linguista é, de fato, um Lacan matemático».

O SUJEITO E O SINTOMA

zida”, tardia e dependente; a subjetividade “assujeitada”, da qual Lévi-Strauss descreve perfeitamente o meio, as condições de possibilidade, mas não a produção e a natureza¹⁹.

Alguns autores falam de um esvaziamento ou mesmo de uma negação do sujeito por parte do que se chama “discurso estruturalista”. Vale ressaltar que o rótulo de “estruturalismo” também não se coaduna com o que se pode dizer sobre o pensamento de Lacan. O que se toma como negação do sujeito, é de fato a negação de uma certa idéia do sujeito. Contudo, esta confusão é desprovida de fundamento, uma vez que Lacan não substitui um sujeito por outro, mas desenvolve a relação entre “o sujeito verdadeiro, isto é, o sujeito do inconsciente”²⁰, e a representação errônea, apesar de inevitável, que ele faz dele mesmo: o sujeito no sentido corrente, “popular” e “metafísico”²¹.

Se o inconsciente é um fato que advém da lógica pura, dito de outro modo, do significante, tal como afirma Lacan, é, portanto, a partir da sistematização racional e do aprofundamento da questão do sujeito, bem como da estrutura do significante que o rodeia e apreende conferindo-lhe o estatuto de uma realidade acessível, que podemos caracterizar o inconsciente como “este inacessível comandando as configurações particulares que toma esta estrutura em nível do sujeito”²². Eis aí o alicerce racional que elimina toda concepção do inconsciente como força obscura e misteriosa.

Em 1932, na sua Tese, Lacan já nos indicava que a apreciação dos elementos constituintes da personalidade só pode se dar efetivamente através de “um estudo experimental do sujeito, do qual, até o momento, apenas a psicanálise nos oferece a técnica aproximada”²³. Apesar de falar em personalidade e de sujeito num outro contexto, esta frase é de uma atualidade admirável. Seguramente, houve um longo caminho percorrido entre a personalidade, a pessoa e o sujeito do significante. Com efeito, a personalidade na tese pode ser entendida como o indivíduo apreendido como o sujeito do sentido,

¹⁹ Cf. OGILVIE, B. Lacan : la formation du concept..., op. cit.

²⁰ LACAN, J. Introduction au commentaire de Jean Hyppolite sur la *Verneinung* de Freud. In : _____. *Écrits*, op. cit., p. 372.

²¹ Cf. OGILVIE, B., op.cit., p. 43.

²² Cf. OGILVIE, B., op.cit., p.38.

²³ LACAN, J. *De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité* (1932). Paris: Seuil. 1980.

sujeito passível de ser compreendido em uma intencionalidade²⁴ enquanto a pessoa, para o pensamento laciano é o correlato do sujeito do enunciado²⁵.

Ao partirmos do pressuposto fundador da psicanálise “Há o inconsciente” e das formações que dele decorrem, sintomas, sonhos, lapsos, chistes, podemos dizer que na sua prática a psicanálise opera sobre um indivíduo afetado de um inconsciente. Lembremos que no ser humano, diferentemente do animal, falta a inscrição do objeto, que é primariamente objeto sexual. O indivíduo biológico traz consigo uma hiância que lhe faculta ser afetado pelo sujeito que emana do real. Com Lacan, este indivíduo coincide com o sujeito do inconsciente, donde podemos concluir que, em sua prática, a psicanálise encontra por *co-incidência* um sujeito.

Dito isto, estamos autorizados a nos perguntar, legitimamente, como o faz C. Castoriadis²⁶: Quem é este sujeito que vem à análise? Quem tem sintomas, quem sonha e nos conta seus sonhos ou passa ao ato? Ainda que a psicanálise não encontre jamais “em pessoa” o inconsciente, ela não apenas percebe os seus efeitos, como ainda os apreende e deles se ocupa devidamente. Então, é possível afirmar que, na sua prática, a psicanálise encontra um ser humano em carne e osso, que fala uma língua bem particular, que tem ou não tem idéias, comportamentos, orientações e desorientações, enfim, sintomas. Se a idéia de sujeito do filósofo, não é a mesma que aquela teorizada por Lacan, no entanto podemos testemunhar, na nossa prática analítica, no que ela tem de mais técnico, que encontramos uma “nebulosa” (pessoa consciente, psiquismo inconsciente, ser social, corpo ou indivíduo biológico) enquanto fenômeno humano que se apresenta a nós.

Quem diz indivíduo biológico diz corpo, mas a que corpo queremos nos referir? Seria este o corpo do qual nos ocupamos enquanto psicanalistas? O corpo que nos concerne é o corpo vivo, *topos* do sintoma, lugar do significante e das identificações imaginárias, bem como espaço do gozo.

²⁴ LEGUIL, F. Lacan avec et contre Jaspers. *Ornicar?*, n. 48, 1989, p.16.

²⁵ ZIZEK, S. *Subversions du sujet*, op. cit., p.22.

²⁶ CASTORIADIS, C. L'état du sujet aujourd'hui. *Topique-Revue freudienne*, n. 38 p.7-40, nov. 1986.

O SUJEITO E O SINTOMA

Sabemos que Lacan introduziu, com vagar, o corpo, ao longo do seu ensino: do corpo mortificado correlato do sujeito mortificado pelo significante e definido como falta-a-ser, ele acaba por afluir ao falasser, isto é, o sujeito mais o corpo. Abordar sujeito e sintoma implica passar pelo corpo, instância e estância incontornáveis. Mas, depois de Freud e Lacan, faz-se necessário pensar “corpo e alma” como estruturados pela linguagem em uma relação outra que aquela das substâncias cartesianas.

Nós não falamos do corpo da mesma forma que o discurso médico. Para este, o corpo é tomado como uma coisa em si, regido por uma ordem de determinação fisiológica exclusiva, considerando-se em geral, sua representação ou seus efeitos sem se estabelecer nenhuma relação com qualquer estrutura. Na perspectiva psicanalítica, ao contrário, o corpo é concebido no campo das relações do sujeito ao Outro. O corpo é “por excelência lugar de passagem do objeto e do Outro, de onde *nasce* o sujeito”²⁷. Neste contexto, existe uma relação estrutural com aquilo que determina o sujeito enquanto tal, a saber, o objeto. Ora, se o corpo não é uma coisa em si, se ele não é apenas uma instância, teria ele seu lugar no que diz respeito às leis mínimas da organização, onde podem intervir os conceitos metapsicológicos da teoria freudiana?

Sem entrar no vivo da discussão, é possível, no entanto, nos darmos conta de que a psicanálise, enquanto saber constituído dos processos psíquicos inconscientes, intervém no domínio da problemática do corpo e modifica as relações entre o psíquico e o somático²⁸. A este propósito, Assoun estima que só vamos bem compreender o que diz a psicanálise se fizermos uma revisão daquilo que se entende por *somático* e a sua posição própria. Segundo este autor, é porque “*não há Inconsciente do Corpo, mas um saber do saber inconsciente que o saber do Corpo se encontra (irreversivelmente) revisado*”²⁹.

Leitor atento de Freud, Lacan o toma ao pé da letra e leva em consideração as conseqüências da revolução freudiana que desestabilizou as relações entre o psíquico e o somático. Pensar o corpo a

²⁷ ASSOUN, P.-L. *Introduction à la métapsychologie freudienne*, op. cit.

²⁸ FREUD, S. L'intérêt de la psychanalyse. In : _____. *Résultats, idées, problèmes*. Paris: PUF, 1991. v.1, p.200.

²⁹ ASSOUN, P.-L. *Introduction à la métapsychologie freudienne*, op. cit., p. 160.

partir de um quadro cartesiano, além de lhe conferir o estatuto de uma substância nos conduz a impasses. No *Seminário IX*, Lacan nos fala sobre o enigma concernente ao modo como o sujeito pode ter acesso ao seu próprio corpo e sobre a famosa união e desunião entre corpo e alma, “ponto de aporia sobre o qual todas as articulações filosóficas vieram se desfazer”, perguntando em seguida se não seria dada aos analistas a possibilidade de encontrar a passagem³⁰.

Dez anos depois, no *Seminário XX*, ele nos aponta uma saída. Na verdade, ela se constitui como o resultado de uma revisão elaborada ao longo de todo o seu ensinamento, sobre o antagonismo entre o afetivo *versus* o intelectual, contra o qual ele se opunha. Retomando as substâncias cartesianas, ele nos mostra que elas se concebem e se combinam de uma outra maneira, bastante modificadas e contempladas agora a partir de uma nova substância: a substância gozosa. Aí ele introduz uma substância com um estatuto singular e que implica alguma coisa a mais que o *partes extra partes* – modo mecânico onde o corpo é visto como um objeto, uma máquina e funcionando como tal – da *res extensa*.

Não se trata de uma simples substituição, a substância gozosa vindo no lugar da substância extensa e o sujeito do significante, “sujeito sem qualidade”³¹, no lugar da substância pensante; com a sua proposição, Lacan revela uma estrutura completamente diferente. Ele fala de algo que é, ao mesmo tempo, extensão e pensamento, pelo fato de sua inserção ocorrer num ponto anterior ao seu advento para um sujeito. Efetivamente, Lacan mostra o entrelaçamento do pensamento sem qualidade que pode ser assimilado ao significante acrescido do gozo. Gozar corporiza o corpo a partir do significante, o que torna possível um pensamento subjetivado, portanto, é este gozo determinado pela marcação do significante sobre o corpo que corporiza o indivíduo e propicia o advento do sujeito e do pensamento subjetivado. É preciso notar que, para Lacan, o significante não é empregado como sinônimo do significante lingüístico; para a psicanálise, ele tem uma amplitude muito maior, incluindo os significantes não lingüísticos, podendo ser uma imagem, um sintagma,

³⁰ LACAN, J. *Le Séminaire, livre IX : L'Identification*. Inédito, lição de 02/05/1962.

³¹ MILNER, J.C. *L'oeuvre claire*, op.cit., p.34 e subs.

O SUJEITO E O SINTOMA

uma frase inteira, uma palavra, um fragmento de palavra, um murmúrio, um gesto³².

Dito isto, nossa problemática enunciada a partir da hipótese de Lacan pode-se expressar assim: o indivíduo, o corpo afetado pelo inconsciente, que suporta o sujeito de um significante e coabita com *alíngua*, é afetado por esta, que, ao mesmo tempo, vivifica e produz a incidência de gozo sobre o corpo. Em outras palavras, o corpo vivo onde se inscreve o significante e onde se produz o gozo, é o lugar privilegiado do sintoma, ou melhor, é o próprio sintoma. Sabemos que alíngua, inicialmente – ao nos afetar “por tudo isto que ela comporta como efeitos que são afetos” –, institui o ato fundador do sujeito, sujeito de um significante, que coincide com o indivíduo, sendo, por isto mesmo, totalmente distinto dele. É desta afetação do indivíduo por alíngua que se pode definir o ser-falante, “*parlêtre*” em termos lacanianos, a saber, o sujeito mais o corpo, o sujeito mais a substância gozosa.

O corpo vivificado pelo significante corresponde, portanto, ao enunciado: a incidência do significante sobre o corpo produz o gozo, daí podermos inferir que o corpo vivo não é apenas o lugar do sintoma, mas é o sintoma, ele mesmo, que revela a coincidência entre o sujeito do significante e o indivíduo afetado do inconsciente. Corpo e sujeito manifestam-se no sintoma, correligionários do significante.

O Sintoma: substância gozosa que palpita na alma

A palavra sintoma reenvia a acidente, a evento fortuito, e muito particularmente, ao signo que indica uma doença. O verbo grego *συμπίπτω*, *sympiptó* (syn=com, pipto=cair), significa literalmente cair junto, sobrevir ao mesmo tempo, encontrar-se, superpor-se totalmente. O substantivo, *το συμπτωμα*, sintoma, significa rebaixamento, daí coincidência, encontro, evento fortuito e, particularmente, evento infeliz e má sorte. O latim medieval utilizou esta palavra para designar em geometria, a superposição de uma figura sobre outra, fazendo-as coincidir ponto por ponto. A partir do século XVI, o sintoma revestiu-se de um caráter médico; posteriormente, o sentido de signo, de evento precursor se estendeu para outros domínios não médicos.

³² LACAN, J. *Le Séminaire, livre V: les formations de l'inconscient*. Paris: Seuil, 1998. p.L474-475.

O sintoma é o conceito que, ao mesmo tempo, nos coloca diretamente no campo do sofrimento e o motivo pelo qual os indivíduos batem à porta tanto dos médicos quanto dos psicanalistas. Assim, como falamos sobre o corpo de um modo diverso daquele da medicina, também pensamos o sintoma sob uma outra perspectiva. Para a medicina, os sinais são manifestações objetivas, sejam físicas, tais como um exantema, a dilatação cardíaca, as modificações respiratórias ou do pulso, ou químicas, albuminúria, hiperglicemia, bem como tantas outras expressões que se reconhecem ao exame do paciente. Os sintomas, ao contrário, são transtornos subjetivos, como o mal-estar ou a dor que o paciente experimenta, mas que o médico não percebe ao exame físico e cujo conhecimento só se adquire através da anamnese, sendo difícil estabelecer sua comprovação. Tomamos aqui, como sintoma singular e paradigmático, a angústia enquanto efeito da estrutura do sujeito, “afeto” que repete e reitera o trauma originário, o desamparo, “a natureza própria da realidade humana”, da qual não se escapa.

Para a psicanálise, a angústia é o único sintoma que depende do real, e que se produz no real, entendido neste contexto como aquilo que não pode ser completamente simbolizado pela palavra, isto é, ele não é esta realidade ordenada pelo simbólico, chamada pela filosofia de “representação do mundo exterior”. Isto não significa que a angústia tenha sido tomada como um sintoma no sentido tangível, mensurável e, portanto um sintoma médico. O sintoma do qual se trata, então, é a angústia enquanto afeto que “não engana”, assim como todos os seus equivalentes somáticos³³.

O afeto assim como o sintoma são *eventos corporais*, e, por este fato, todos dois mantêm uma relação com o gozo. O primeiro se opõe ao gozo e é o resultado da sua transformação, o segundo, além da estratégia para evitar a situação de perigo assinalada pelo desenvolvimento da angústia, é ao mesmo tempo uma mensagem e certa “condensação de gozo”.

Pode-se definir a angústia como a vivência corporal da ansiedade. Angústia e ansiedade, termos comumente utilizados como sinô-

³³ FREUD, S. Qu'il est justifié de séparer de la neurasthénie un certain complexe symptomatique sous le nom de névrose d'angoisse (1895). In : _____. *Névrose, psychose et perversion*. PUF : Paris, 1992. p.15-38.

O SUJEITO E O SINTOMA

nimos, designam um sentimento penoso de espera ou um medo sem objeto, estado afetivo doloroso, desencadeado por um perigo imaginário inconsciente ou como sinalizador deste; alarme que dispara à aproximação do objeto da fantasia.

A maior prova de que o inconsciente tem uma incidência sobre o corpo é dada pelo sintoma. O ser humano é atravessado pela linguagem, que desenha e recorta seu corpo, agita-o de modo pulsional, automático: o ser vai formalizar esta agitação. O sintoma é um modo através do qual o ser vai dar um sentido à turbulência corporal, conseqüentemente, o sentido do sintoma é aquele dado pelo ser à Coisa insensata que agita o corpo. Mas o sentido escapa ao sujeito consciente, o disfarce do sentido é o efeito do trabalho da letra da linguagem. Vemos, então, que o sintoma é um resultado do impacto insensato da linguagem sobre o corpo e o ser.

Nó de significantes e de significados³⁴, o sintoma é um escrito que através da *letra*, tenta resolver o real com o qual aquele que fala é confrontado. Por esta razão, ele é uma resposta original na qual se enuncia uma verdade. Entretanto, consecutivo ao gozo que a linguagem introduz e estruturado como esta mesma linguagem, o sintoma porta nele este gozo e repete os reverses nos quais se debate o sujeito. O sintoma é uma letra escrita pelo ser, com o sujeito, e é isto que fulgura nas palavras de Lacan:

[...] a neurose é uma questão que o ser coloca para o sujeito “lá de onde ele estava antes que o sujeito viesse ao mundo” [...]. Trata-se aqui daquele ser que só aparece no lampejo de um instante no vazio do verbo ser, e eu disse que ele formula sua questão para o sujeito. Que significa isto? Ele não a coloca *diante* do sujeito, pois o sujeito não pode vir ao lugar onde ele a coloca, mas ele a coloca *no lugar* do sujeito, ou seja, que neste lugar ele coloca a questão *com* o sujeito, como se enuncia um problema *com* uma caneta e como o homem de Aristóteles pensava *com* sua alma³⁵.

³⁴LACAN, J., *Télévision*, Paris: Seuil, 1974, p. 22.

³⁵LACAN, J. L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. In : _____. *Écrits*, op. cit., p.520.

O sintoma é a fixação do gozo inaugural, ele é a condição primeira do aparelhamento de um corpo. A palavra é a senha que permite ao ser falante circular no campo do real sem renunciar ao saber, em um regime de trocas que o protege dos efeitos devastadores do Outro do Gozo absoluto. Deste acordo, ou como diria Freud, deste compromisso, o ser falante goza sempre sob o modo sintomático. A palavra do sintoma não é senão um caso particular da localização do significante, da sua necessária encarnação. O sintoma tem, portanto, necessidade do corpo para se exprimir, sobretudo na sua face de gozo.

Em 1966, Lacan declara aos estudantes de filosofia: “Não é a sua consciência que o sujeito está condenado, é a seu corpo”³⁶. Para viver sob a sentença desta condenação ao corpo, é preciso pagar a dívida simbólica, até mesmo traficar entre linguagem e gozo, funcionamento inteiramente sintomático. Um corpo só se torna humano à medida que ele se inscreve em um sistema de transações onde o Gozo é trocado em palavras, convertendo as aspirações ao gozo em cadeias de discurso articulado.

Ao estudar a origem da histeria Freud descobre nas suas pacientes uma “manifestação de terror”, em que as palavras faltam diante de alguma coisa que deixa o psiquismo fundamentalmente em falta, ele fala de uma “lacuna no psiquismo”³⁷. Isto nos impõe uma primeira conclusão: este núcleo que resiste a toda palavra e que gera a angústia “ex-siste” ao simbólico e, conseqüentemente, pertence ao Real. No primeiro Lacan, tudo é suposto cair sob a determinação do significante, isto é, do simbólico; no segundo Lacan, há uma primazia do real e do gozo, deslocando-se aquilo que diz respeito à causa, como exterior ao determinismo da ordem simbólica. Esta segunda fase da teoria nasce quando Lacan introduz o Real do corpo como causa, o corpo operando pelo viés da pulsão como causa para o inconsciente, permitindo-lhe assim dar um novo estatuto ao inconsciente, calcado sobre o que se passa no sujeito e seu corpo³⁸.

³⁶ LACAN, J., «Réponses à des étudiants en philosophie sur l'objet de la psychanalyse», *Cahiers pour l'Analyse*, n. 3, 1966, p. 8.

³⁷ FREUD, S., Manuscrit K. In : _____. *La naissance de la psychanalyse*. PUF: Paris, 1991. p.136-137.

³⁸ LACAN, J. *O Seminário, livro XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1985.

O SUJEITO E O SINTOMA

Ao precisar o estatuto da angústia, Lacan situa o Real neste lugar. A angústia é, pois, o encontro com o desejo do Outro enquanto desejo que se manifesta como um aspecto do real. Ela é, então, percebida como a sensação do desejo do Outro, um Outro desejante, enigmático, interessado em um gozo inominado, aquele do qual Freud faz surgir tanto da figura do pai da horda primitiva quanto da mãe fálica, uma sorte de ser a quem falta alguma coisa que bem poderia ser ele, o sujeito. Em função da angústia, este sujeito vai articular seu fantasma, isto é, reconsiderar-se no campo do Outro e se tornar o suporte desta questão articulável. Como ele não sabe que objeto ele é no desejo deste Outro, impõe-se a questão: O que sou eu para ele? O que ele quer de mim? Meu corpo? Meu próprio ser? Ele chega, assim, ao impasse do neurótico em face do desejo do Outro: o Outro demanda a minha castração. Antes que ele possa articular seu desejo ao desejo do Outro, o sujeito é afetado no seu corpo.

Neste momento, a sensação do desejo do Outro está muito próxima, um Outro que não tem mais nada daquele outro benevolente do espelho, cuja voz afável e mediadora parecia tornar o sujeito transparente a si mesmo, mas um Outro terrificante que o desfaz literalmente da sua imagem especular. É neste instante de embaraço, da “inquietante estranheza” ocasionada pela sensação de despersonalização, momento de destituição subjetiva quando se desfaz a sua identidade e o sujeito precisa renunciar ao suporte fantasmático do seu ser, na aflição total, que ele “levanta a suspeita de estar reduzido ao próprio corpo”³⁹. E, a partir dos desenvolvimentos estabelecidos anteriormente, acrescentaríamos: “suspeita estar reduzido ao seu sintoma”.

Para falar do sintoma psicanalítico, a fenomenologia dos sintomas médicos não nos serve como base para a elaboração de uma estrutura clínica. Em nosso caso, o sintoma terá o estatuto de um conceito articulado a outros que formam os fundamentos da teoria. Assim, o sintoma analítico exige deciframento e, para tal, supõe ir-mos além dos fenômenos e das aparências desse sintoma, dos quais se nutre a queixa do indivíduo, para articulá-lo aos significantes capitais liberados pelo sujeito ao longo de uma análise. Uma constatação

³⁹ LACAN, J. La troisième. *Letres de l'ECF*, n. 16, 1975. p.199.

clínica patente é que os pacientes fazem uso dos seus sintomas; em contrapartida, o sintoma tem seus hábitos e exigências.

Em seu texto de 1926, *Inibição, Sintoma e Angústia*, Freud assinala o uso do sintoma feito pelos pacientes e sua “utilidade” na luta contra a ansiedade. Com efeito, ele nos mostra que os sintomas são formados para evitar a situação de perigo, a castração e seus derivados assinalados pelo aparecimento da angústia. Estes sintomas permitem um ganho, denominado “benefício secundário da neurose”, o qual vem ajudar o “eu” no seu esforço de incorporação do sintoma, reforçando sua fixação. Mas existe um sintoma que o sujeito não utiliza, bem ao contrário, é usado por ele. Desde as entrevistas preliminares, é possível percebermos a diferença fundamental que divide o conjunto dos sintomas: uma série que o sujeito utiliza e um sintoma único que utiliza o sujeito. Este último se produz no registro do real e os primeiros dizem respeito ao domínio simbólico-imaginário. Em termos de diagnóstico diferencial, estas duas formas de sintoma correspondem à distinção freudiana entre neuroses atuais e psiconeuroses; divisão que se presta não apenas para o estabelecimento do diagnóstico diferencial, como também para se pensar a constituição do sintoma a partir do corpo.

Desde os seus primeiros estudos sobre a histeria, Freud já havia dito que em toda psiconeurose há um núcleo de neurose atual, coisa que ele repete em *Para introduzir a discussão sobre o onanismo* (1911)⁴⁰. Para ele, as neuroses atuais constituem a antecipação somática das psiconeuroses e fornecem o material de excitação o qual é “psiquicamente selecionado e revestido, de tal sorte que, falando de um modo geral, o núcleo do sintoma psiconeurótico, este grão de areia no centro da pérola, é formado por uma manifestação sexual somática”⁴¹. Mais tarde, na XXIV conferência de introdução à psicanálise, *O estado neurótico comum*, ele retoma o mesmo tema para reafirmar a importância das excitações somáticas libidinais, que funcionam como um estímulo e desempenham o mesmo papel do grão de areia que o molusco recobre com camadas de substância nacarada.

Assoun chama nossa atenção para esta metáfora tomada de empréstimo à ostreicultura, que, bem utilizada, permite apreciar do lado

⁴⁰ FREUD, S. Pour introduire la discussion sur l'onanisme. In : _____. *Résultats, idées, problèmes*. Paris: PUF, 1991. v.1.

⁴¹ FREUD, S. Pour introduire la discussion sur l'onanisme, op. cit., p.179-180.

O SUJEITO E O SINTOMA

do corpo, enquanto terra de acolhimento do fantasma, a complexidade e o interesse clínico deste processo. Deste modo, a neurose se desenvolverá a partir da excitação, “*expressão sexual somática*”, e como reação a esta, revestindo-se de uma substância “simbólica”, ao longo da sua história de vida. “Tudo começa por uma “qualquer coisa” no corpo, o grão de areia somático é propriamente a embreagem da máquina neurótica”⁴². A preocupação em articular estas dimensões marca o percurso de Freud e Lacan nas suas teorizações sobre o sintoma. Todos dois descobrem que é esta raiz, este grão de areia, que serve tanto de ancoragem indelével a todo sintoma como de ponto de obstrução à eficácia terapêutica.

No discurso corrente e no discurso médico, o sintoma é considerado como uma anomalia, uma patologia, alguma coisa que impede o bom funcionamento do ser social. Para a psicanálise, o sintoma é o companheiro de gozo; pensado como anomalia, ele aparece acidental e contingente, enquanto como companheiro de gozo ele é necessário. Segue-se a isto que não existe sujeito sem sintoma. Isto impõe uma diferença no que concerne à intenção terapêutica: se o sintoma é um obstáculo acidental, podemos procurar reduzi-lo ou mesmo fazê-lo desaparecer, esta é a saída terapêutica de uma análise. Mas, para um psicanalista, se é possível transformar ou modificar suas formas quando elas são dolorosas ou desagradáveis para o sujeito, não se pode produzir um sujeito sem sintomas. Esta novidade que a clínica estrutural anuncia, permite uma nova percepção da função do sintoma que a generaliza e reduz a sua conotação patológica.

É bem verdade que uma análise apresenta efeitos terapêuticos, que reduzem algumas formas de sintoma, mas, seja qual for a extensão destes efeitos, o sintoma deixa um resto irreduzível, mesmo numa análise que chega ao fim, sobre isto o texto freudiano é cristalino: ao fim de uma análise, restam sempre manifestações residuais, o fator quantitativo, onde se fixa para cada um o gozo que supre a falta de relação sexual. Afinal, é sempre o sintoma, na sua singularidade, que assegura a copulação do sujeito e do seu gozo, a saber, do sujeito com o seu corpo.

⁴² ASSOUN, P.-L. *Leçons psychanalytiques sur Corps et Symptôme*. Paris: Anthropos :Economica, 1997. v.1. p.32-33.



SUJEITO E GOZO

O homem contra o sujeito

Carlos Pinto Corrêa

[...] não encontro uma resposta quando me pergunto quem sou eu. Um pouco de mim eu sei: sou aquela que tem a própria vida e também a tua, eu bebo a tua vida. Mas isso não responde quem sou eu!¹

De pessoa a sujeito

Parece irresistível a vocação que o homem possui para estar sempre voltado para o seu exterior, fugindo àquilo que tem de mais próximo que é o seu próprio interior. Os olhos do homem levavam-no à contemplação do circundante, como se estivesse permanentemente sendo desafiado pelos órgãos dos sentidos a buscar sempre um encadeamento mais além, escapando de si mesmo. As primeiras disposições do homem primitivo foram de entender a natureza à qual estava submetido. Uma perplexidade ante o desconhecido à qual segue a tentativa de explicações místicas ou sobrenaturais capazes de aplacar sua angústia ou conformar-se com a submissão. Tomemos como ponto de partida uma das mais interessantes e decisivas peças literárias sobre o homem e sua luta: a *Odisséia* de Homero. Além de ser um cânone da literatura ocidental, esta obra revela a base arquetípica da própria condição humana que ambientou o surgimento da filosofia grega.

Encontramos os personagens enfrentando diversidades em condições metafóricas que bem expressam o antigo ou o atual, a essência do existir que não mudou em 25 séculos. Desse modo, observamos a presença do sagrado com o predomínio da lei divina. Não se trata, entretanto, de uma relação Sujeito-Objeto, pois a divindade

¹ LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. p.143.

O HOMEM CONTRA O SUJEITO

penetra e participa da vida dos mortais. O sobrenatural é acessível através de uma relação próxima entre os deuses e os homens. Eles se odeiam, se amam, se invejam e, até no casamento entre eles o sobrenatural é apresentado de modo demasiadamente humano. As forças opostas existentes dentro dos homens são, na verdade, um reflexo do conflito entre os deuses que regem o mundo. O simples ato de Odisseu encontrar, providencialmente, um cervo para compartilhar com os companheiros de viagem, é prontamente interpretado como intervenção divina a seu favor. As questões internas estão submetidas a elementos divinos e tudo que possa levar o homem a algum tipo de reflexão sobre a possibilidade de ser senhor de si mesmo, é prontamente explicável por uma vontade superior que submete o homem a um outro intangível e inexorável. Ainda mais metafórica é a caminhada de Odisseu adentrando a terra e conduzindo o seu remo, símbolo das lides do mar. No interior bem distante, depara-se com o agricultor e sua pá de revolver os grãos. Pá e remo são dois objetos tão semelhantes e tão distantes como opostos. A luta do homem na terra e no mar, na vida e na morte, possibilita momentos especiais do existir. Este é o ponto máximo que atinge o ser, como espécie de encontro do Graal. Para nós, uma ilusão, pois sabemos que o sujeito só pode aparecer no lugar onde a pulsão se torna uma representação ligada às redes de representações que compõem o psiquismo. A submissão da vida às condições externas sagradas transforma o que seriam as representações, em real, fazendo parte da luta do homem contra o sujeito.

Os primeiros filósofos buscaram também, no infinito, um sentido que sustentasse a vida, argumentando sobre o *télos*, o *logos* e o deus. As reflexões sobre as origens também deixavam o homem como contemplador ou como objeto derivado de uma fusão de elementos básicos ou de uma vontade divina, à qual não tinha acesso. O ser era uma instância desde os pré-socráticos. É categorizado por Parmênides como pensar: “ser e pensar são a mesma coisa”. Esta noção de ser está longe de nos levar ao sujeito, já que não permite uma incursão sobre a subjetividade. Fundamenta-se no princípio da identidade e no princípio da não contradição. Estamos aqui longe de uma concepção dialética, de modo que “o ser é e o não ser não é”.

Pouco nos ajuda a repensar o sujeito da metafísica no que tange a matéria e forma, principalmente por se referir ao predicável (qualidade, quantidade, etc). Mas, de qualquer forma, é bom lembrar que esta concepção influenciou a todos os filósofos até Kant, que tinha em mente a proposta da oposição entre o objetivo e o subjetivo assumido por outros autores alemães. Para Kant² o sujeito é o *eu penso* da consciência ou autoconsciência que determina e condiciona toda a atividade cognoscitiva: “Em todos os juízos sou sempre o Sujeito determinante da relação que constitui o juízo. Para o eu, para o ele ou para aquilo (a coisa) que pensa, a representação é apenas de Sujeito transcendental dos pensamentos”. Como psicanalistas, podemos dizer que em Kant o Sujeito é tomado como atributo do eu. O eu é sujeito na medida em que determina a união entre sujeito e predicado na formação dos juízos.

Heidegger vai-nos mostrar como não só os pré-socráticos, mas também toda a metafísica trataram do ente escapando da conceitualização do ser. Ele substituiu a pergunta dos filósofos clássicos – o que é o ser? Por – qual o sentido do ser? Sua noção de *Dasein* introduz um significado do ser aí, estar aí, que nos reporta a uma abertura ao subjetivismo. De todos os entes, o homem é o único ao qual é funcionalmente exigida uma solução para o problema do existir. Usando nossos termos, estamos assim ante a angústia da falta primordial do homem, a simbolização necessária ao surgimento do sujeito.

A invenção de Heidegger contaminou o pensamento europeu e gerou polêmica e desconfiança. De sua entrada na França, teve o *Dasein* traduzido por *Être-là*, o que provocou estranheza no autor alemão. Palmier sugeriu certa vez traduzir *Dasein* por *être-le-là* e quando interrogado em uma palestra sobre o *Dasein no ser e no tempo*, falou que (*Das Da des Seins*): *é o lá do ser*. Heidegger reagiu prontamente dizendo que não, “pois tudo está aí”. É neste ponto que a filosofia toca especialmente o que a psicanálise vai colocar como sujeito.

Lacan, no Seminário *O objeto da psicanálise*, de 25 de maio de 1966, tomou o quadro de Velásquez, chamando atenção para “você não consegue me ver, lá de onde eu olho você”. O lá está elidido, este mesmo lá que define o *Dasein*, como se resolvesse dizer que há um

² KANT, I. [1781]. Diálogo transcendental II. In: _____. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

O HOMEM CONTRA O SUJEITO

ser aí, “... neste lugar vazio, intervalo não marcado, está lá onde precisamente se dá a queda do objeto (*a*) sob esta denominação mantida em suspenso”³. Feita esta aproximação, podemos tomar a interessante reflexão de Célio Garcia, que propõe uma virada na tarefa do pensar filosófico que tem no *Dasein* espécie de encontro realizador do sujeito, pela questão do objeto (*a*). A partir daí, o problema se desdobra.

É preciso ainda falar de Hegel e sua aproximação com Freud no conceito de repetição que foi tratado em conferência clássica, pronunciada por Jean Hyppolite e estudada por Lacan. Wine⁴ sugere, a partir desta conferência, que “a marca hegeliana está reforçada no texto de Freud e no sentido que recebe da teoria lacaniana. O eixo central do texto freudiano se articula de um lado, com o destacar-se da função intelectual e do outro, com a pulsão de morte, enquanto disjuntiva, separadora e geradora de negações”. O pensamento, como tal, já surge afetado por uma denegação. A negatividade é o fundamento da dialética hegeliana. É a negatividade que comanda o devir criativo do homem, o seu *ser para a morte* e, finalmente, o seu acesso à sabedoria. O estatuto da negatividade é um dos pilares da reformulação estruturalista que Lacan faz com sua releitura da obra freudiana. Com a *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel, aparece a questão do advento do homem a partir do natural, mas Labarrière acrescenta que não se trata somente disso, mas da própria estrutura humana como tal, da diferença do homem em relação ao animal e não de sua gênese a partir dele. Aqui, surge um lugar para uma analogia entre o pensamento hegeliano e a teoria psicanalítica de Freud e Lacan, que também pensa o advento do sujeito por via da negação.

O quarto capítulo de *A Fenomenologia do Espírito* de Hegel, conjugado com a leitura do quinto capítulo de *Além do Princípio do Prazer*, de Freud, aproxima o conceito de pulsão de morte e do desejo que ela sustenta. Hegel ajuda a demonstrar o quanto a subjetividade, na teoria psicanalítica, tem como essência a pulsionalidade pura, movimento sem origem e sem fim, que se desloca produzindo novas

³ LACAN, J. *O objeto da psicanálise*. Seminário do dia 25 de março de 1962. (Apud WINE, N. *Pulsão e inconsciente*: a sublimação e o advento do sujeito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

⁴ WINE, N. *Pulsão e inconsciente*: a sublimação e o advento do sujeito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

diferenças. Hegel descreve ainda a estrutura da consciência de si como diferente de outras formas de consciência já descritas. A forma de consciência que é específica do homem é a consciência de si, que é desejo. E lembra mais, só se chega à sua verdade ao encontrar uma outra consciência viva. Também para Lacan a consciência perde o seu ser enquanto dado estável, ele chama *falçessor*, a falência do ser do sujeito barrado () ao acesso de sua plenitude existencial.

Esta interseção da filosofia com a psicanálise proposta por Lacan se mostra decisiva para o estabelecimento das relações entre os sonhos e o desejo. Foi diante de um público constituído por filósofos que Lacan informou que a descoberta freudiana teria transformado definitivamente todas as concepções anteriores do sujeito, como também do saber e do desejo. “O Sujeito da psicanálise não seria o sujeito absoluto estudado por Hegel, nem o ideal do sujeito abolido da ciência. Para a psicanálise, o Sujeito não seria natural como queria Sade, seria um Sujeito irremediavelmente dividido, como demonstrou Freud, ao que Lacan acrescenta que isso aconteceria pela relação dele, Sujeito, com a linguagem”⁵.

O sujeito esquecido das ciências sociais

O pensamento sistematizado científico seguiu a mesma linha reacionária contra o sujeito no aparecimento das ciências. Há uma cronologia cujas explicações se iniciam pelo que está mais distante do homem como a astronomia, a matemática, a física, a química, e só muito posteriormente aparecem as ciências ditas sociais. A ascensão da burguesia e a queda da Bastilha são acontecimentos coletivos que favoreceram o surgimento do pensamento social como indagativo e interpretativo. É intrigante como o homem inicia o estabelecimento da crítica sobre tudo aquilo a que esteve submetido por imposição divina: o poder do rei emana de Deus. A troca de sinais da verdade estabelecida reduziu o novo enunciado: o poder emana do povo e em seu nome deverá ser exercido. Já ficou velha a esperança aqui sintetizada, mas foi a *chance* do homem na ampliação

⁵ LEITE, M. P. S. *Psicanálise lacaniana: cinco seminários para analistas kleinianos*. São Paulo: Iluminuras, 2000. p. 94.

O HOMEM CONTRA O SUJEITO

de sua crítica, buscar suas razões internas. Este pensamento social produziu a Sociologia, conhecimento que pretendia revolucionar a posição do homem em seu meio. A ambição de ser ciência, levou a sociologia ao abandono de questões primordiais e Durkheim estabeleceu as regras do método sociológico. A descrição do fato social como aquele que é geral e exerce coerção, retira a questão da subjetividade e recoloca o homem na sua condição de peça de uma coletividade ou de um conjunto. Da ocasião, a Economia Política chegou mais perto procurando entender a noção de utilidade limite e consumo que poderia ter desembarcado na questão do desejo ou a noção de falta econômica que acenava para importantes razões de ordem psicológica. O estabelecimento do valor econômico estava ligado à escassez do produto: em condições normais, o ar não tem preço por sua abundância, o diamante por sua raridade vale muito. Mas nem tudo que é raro tem valor, pois a mediação se dá pelo desejo do homem, e este desejo decorre do sentido de sua falta. Nesta linha de raciocínio, o homem se teria tornado o sujeito da economia, mas foi derrotado pelos números de Keynes, fundador de uma espécie de meta-economia, que transcende ao sujeito. Como lembra Heidegger, o homem usa a ciência apenas para o ente. Sem usá-la para o ser, não poderia chegar ao sujeito.

O último rebento da eclosão das ciências sociais foi a Psicologia. Dominados os campos do saber e da tecnologia pelas ciências, finalmente o homem se colocou como objeto de seu próprio entendimento. O aparecimento da chamada psicologia científica nos sugere, mais uma vez, uma tentativa de o homem escapar do sujeito que sempre temeu encontrar. O experimentalismo e o behaviorismo, pedras básicas lançadas por Wundt e William James, formaram os caminhos para explicar a conduta, sem comprometimento, como um fato cuja observação pode esclarecer sobre um bicho que reage a estímulos de modo programado. Digamos que, em seu movimento reflexivo, a psicologia clássica chegou até à consideração da pessoa. O termo expressa a relação do homem com o mundo e, em seu viés etimológico, traz o sentido de *persona*, *personalidade* como máscara, que sociologicamente expressa a possibilidade do homem na representação de papéis, mais determinados pelas atribuições que lhe são propostas ou impostas, do que no atendimento de suas questões internas.

O sujeito da psicanálise

O aprofundamento definitivo, produzido pela psicanálise na questão do sujeito, está marcado por dois cortes principais. Como foi dito acima, o primeiro decorre da evolução do conceito de pulsão em Freud e o segundo, dos acréscimos introduzidos por Lacan a partir da *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel.

A idéia de pulsão foi introduzida por Freud em 1905 (“Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade”) com o nome de *Trieb*, mas só em 1914 se torna um conceito, ainda assim como hipótese especulativa. É em 1920, em “Além do princípio do prazer”, que encontramos um compromisso para alteração estrutural da teoria psicanalítica com a criação da pulsão de morte. Nesse trabalho, o radicalismo do conceito de pulsão, ainda ligado ao instinto, exige de Freud o retorno ao dualismo libidinal criando a pulsão de morte. Este dualismo, em vez de preservar o naturalismo reinante na época, produz um rompimento. A quebra do radicalismo do conceito de pulsão de morte abre a possibilidade de criação do estatuto do sujeito na teoria psicanalítica. Mas é na conferência XXXI, “A dissecação da Personalidade Psíquica”, de 1932, que, na tentativa de sintetizar a relação fragmentária e conflitante entre eu, isso e supereu, Freud melhor colocou o destino da pulsão previsto pelo tratamento psicanalítico. “*Wo Es war soll Ich werden*” (lá onde isso estava o eu deve advir) significa que o eu deve ir-se constituindo a partir do isso (id). Desfeito o mal-entendido que tanta polêmica provocou na tradução para o inglês, torna-se evidente que a origem continua sendo a moção pulsional do isso (id). A organização do eu se dá pela colocação das impressões em cadeias significantes, em inscrições estatuídas. Isto não basta ao eu para ficar aberto às emergências do sujeito e deixar que novas inscrições se façam.

Como vemos, o sujeito aparece no lugar onde a pulsão torna-se uma representação ligada às representações que compõem o psiquismo. Aqui já entramos nos ensinamentos de Lacan, para entender que o sujeito surge no lugar em que algo do real consegue fazer-se representar no campo do simbólico. Aquilo que em termos freudianos é o lugar de articulação entre a pulsão e o inconsciente, para Lacan é onde o sujeito do inconsciente está. O lugar do sujeito está

O HOMEM CONTRA O SUJEITO

na interseção entre o real e o simbólico. O sujeito do inconsciente é o instante efêmero da transformação de algo do real pulsional em elemento que venha a constituir o campo simbólico.

Mas a psicanálise não restringe o lugar do sujeito ao puramente simbólico. Como lembra Násio, o sujeito é o poder e a potência do significante de significar, potência que é real, contida nas possibilidades da força energética da pulsão. Assim como a pulsão, que só pode ser deduzida e não abordada em si, o sujeito também é deduzido da constelação dos efeitos da representação significativa.

O homem contra o sujeito autobiografado

A escrita constitui, antes de tudo, o vencimento do desafio da memória, produzindo uma espécie de democratização e dessacralização da palavra, podendo ir até a sua banalização. Platão⁶ denunciou que esta exterioridade da escrita se opõe à visão interior da alma ou se define como um *pharmakon* artificial. Este *pharmakon* possui a ambigüidade de um remédio que cura, ou um veneno que traz a morte. É ainda Platão que afirma que a escrita é desvio, afastamento que não leva de volta à origem, mas ajuda a prescindir da origem. Este afastamento nos conduz a uma perda da verdade possível. O *pharmakon* é como a associação livre, técnica tão promissora no começo de sua utilização. Através dela, a psicanálise confirmou, a duras penas, o quanto a fixação no discurso produzido era enganosa. Parecia que, pedindo ao paciente para que dissesse tudo o que lhe viesse à mente, teríamos o material reprimido, mas logo se entendeu que as associações ocultavam mais do que revelavam. A associação e o *pharmakon* não nos conduzem facilmente à verdade do sujeito.

O escrito literário, ficcional ou não, memorável ou obscuro tem estado sempre muito próximo da psicanálise. É para nós histórica a pergunta feita a Freud sobre quem seriam os seus mestres. Ele teria apontado para sua estante onde estavam os livros clássicos da literatura mundial e de autores seus contemporâneos. Shakespeare foi fonte constante de inspiração no trabalho de Freud, do mesmo modo

⁶PLATÃO. *Pharmakon*. (apud) DERRIDA, J. A farmácia de Platão. São Paulo: Iluminuras, s.d.

que Lacan tomou Joyce, Marguerite Duras, Gide, Sade e outros autores ao tratar de questões cruciais para a psicanálise.

Na literatura, existe uma ficção do si mesmo resultante de uma necessidade que todas as pessoas têm de “contar-se”. Existe aquele que conta e aquele que é contado. Sujeitos e objetos da linguagem estão circunscritos basicamente na referência imaginária. A literatura escrita, como já pensava Platão, nos traz duas experiências temporariamente distantes: o pensar e o escrever. Mas existe ainda um terceiro tempo em que o escrito chega ao outro quando ocorre um certo fracasso na representação do “si mesmo” proposto inicialmente.

Podemos tomar as autobiografias como uma espécie de ficção sobre si mesmo. Aparentemente, o discurso ou o texto autobiográfico seria uma possibilidade de o sujeito se revelar. Como mostramos em nosso trabalho “Criar para quem”, toda a criação literária tem um destino, e ao escrever esta autobiografia, o autor sempre o faz para um outro. Não se trata de uma posição transferencial onde poderia emergir o sujeito do inconsciente ante o suposto saber, mas um encontro pretendido com este outro escolhido. É um conflito insolúvel entre o atendimento às demandas internas e o Outro, leitor imaginário quando escreve. Gerbase lembra que “o sujeito pode ser definido em relação ao fadings, ao cansaço que é fruto da relação entre o sujeito e si próprio, não entre o sujeito e o mundo”⁷. Parece-nos que as autobiografias sejam produzidas mais pela relação do sujeito com o mundo e deste modo se oporiam ao sujeito.

Entre revelar e ocultar, deve-se lembrar que na literatura da época de Freud predominavam as fontes literárias presas ao romantismo e ao realismo, com narrativas claras que evidenciavam um saber do escritor sobre os personagens. Era como se o autor passasse ao leitor os assuntos já interpretados, cabendo a este (leitor) uma posição identificatória com quem escreveu.” A literatura contemporânea a Lacan, após o surrealismo, se caracteriza pelo rompimento das significações e pela queda do saber do lado do autor. [...] a literatura contemporânea se caracteriza como um ato e não mais como um

⁷ GERBASE, Jairo. *O problema crucial da psicanálise é o lugar do sujeito*: ementa da conferência. Belo Horizonte: Escola do Campo Lacaniano, 2003.

O HOMEM CONTRA O SUJEITO

saber capaz de interpretar”⁸. Os lapsos, a elisão das excessivas e por menorizadas descrições, permitem ao leitor um outro tipo de envolvimento em que sua própria interpretação pode dispensar ou prevalecer sobre o pensamento expresso do autor.

Assim, também as autobiografias deixaram de ter as extensas e minuciosas narrativas mnêmicas e passaram a oferecer lacunas e linguajar próximos a um saber que não se dá conta da verdade. Por esta via, elas continuam tão obscuras quanto antes, embora mais interpretáveis psicanaliticamente. Sempre é possível um pensar psicanalítico, pois “a experiência psicanalítica não é outra coisa senão o estabelecer que o inconsciente não deixa fora de seu campo nenhuma de nossas ações”⁹. É claro que toda autobiografia como qualquer obra literária fala do inconsciente, mas é diferente a disposição de psicanalisar ou interpretar psicanaliticamente a literatura da possibilidade do autor querer deixar emergir o sujeito do inconsciente através da obra literária e, principalmente, da autobiografia. Diante da impossibilidade de comunicar o irrepresentável, restará ao autobiografando o consolo de que o homem ganhou a luta contra o sujeito que permanecerá velado no texto.

Na poesia, o significante funciona sozinho (*va de soi*), mas na autobiografia (*ne va pas de soi*), os significados estão ressignificados pela interpretação do autor que escreve para um outro imaginário. A autobiografia é uma tentativa de ser mestre de si mesmo, espécie de defesa, ao invés do exame da relação do sujeito consigo próprio. A autobiografia é o oposto da seção analítica.

Para concluir, nas ciências, na filosofia, na literatura, sempre existiu uma dificuldade no homem de pensar sobre si mesmo. Sócrates confessava não saber. Pensar é não saber e, mais, quando se pensa não se pretende saber, quando se pretende saber não se pensa. Assim, o homem tem vivido sem saber de si, mesmo com a proposta psicanalítica de revelar o sujeito do seu inconsciente.

⁸ FLEIG, M. O dizer poético e a clínica psicanalítica. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. Psicanálise e Literatura, Porto Alegre, 1998, p. 76.

⁹ LACAN, J. a instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud [1966]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 496.

Referências

- CORRÊA, C. P. Criar para quem. *Estudos de Psicanálise*. Recife: Círculo Brasileiro de Psicanálise, n. 22, 1999.
- DERRIDA, J. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, s.d.
- DURKHEIM, E. [1956]. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Nacional, 1960.
- FLEIG, M. O dizer poético e a clínica psicanalítica. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. Psicanálise e Literatura, Porto Alegre, 1998.
- FREUD, S. [1905] Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. VII.
- FREUD, S. (1914) – Sobre o narcisismo. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV.
- FREUD, S. [1920] Além do princípio do prazer. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVIII.
- FREUD, S. (1932) Conferência XXXI: a dissecação da personalidade psíquica. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXII.
- GARCIA, Célio. [1968]. O ser na filosofia e na psicanálise: être là; Pa, In: Lima, Celso Rennó (Org.) *Anais do II Congresso da EBP: rumo ao âmago da cura psicanalítica*. Salvador: Escola Brasileira de Psicanálise, 1998.
- GERBASE, Jairo. *O problema crucial da psicanálise é o lugar do sujeito: ementa da conferência*. Belo Horizonte: Escola do Campo Laciano, 2003.
- HEGEL, G. W. F. *A fenomenologia do espírito*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- HEIDEGGER, M. *Sobre o humanismo: carta a Jean Beaufret*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Cultrix, 1998.

O HOMEM CONTRA O SUJEITO

HYPPOLYTE, Jean. Comentário falado sobre a “Verneinung” de Freud: apêndice. In: _____. LACAN, J. [1954]. *Escritos*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

KANT, I. [1781]. Diálogo transcendental II. In: _____. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

LABARRIÈRE, J. P. *Introducción à une lecture de la phénoménologie de l'esprit*. Paris: Aubier-Montaigne, 1979.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud [1966]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. *O objeto da psicanálise*. Seminário do dia 25 de março de 1962. (Apud WINE, N. *Pulsão e inconsciente: a sublimação e o advento do sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LEITE, M. P. S. *Psicanálise lacaniana: cinco seminários para analistas kleinianos*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

NÁSIO, J. D. *A criança magnífica da psicanálise, o conceito de sujeito e o objeto na teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

WINE, N. *Pulsão e inconsciente: a sublimação e o advento do sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

As pulsões, seus destinos e o sujeito em análise

Clarice Gatto

Primeira questão: qual a relação entre a noção de pulsão em Freud e a de gozo (*jouissance*) em Lacan? Em que a distinção demonstrada por Freud para os destinos possíveis da pulsão aparelha o psicanalista na direção do tratamento?

Segunda questão: se um sonho, via régia da psicanálise, testemunha a existência das *formações do inconsciente* e o sintoma testemunha o retorno do recalçamento, pergunto: será que posso referir os *destinos da pulsão* à estrutura da fantasia e, por conseguinte, ao modo de gozar de um sujeito além do princípio do prazer, em sua *versão do pai* (*pèreversion*)?

A fim de responder a essas questões, retomo, no final de minha exposição, um fragmento de análise para demonstrar a especificidade do conceito de pulsão na experiência psicanalítica.

Os destinos da pulsão

O conceito de pulsão é tributário de um outro conceito fundamental para a psicanálise, a transferência. É a partir da experiência psicanalítica que as pulsões podem ser identificadas na práxis apenas por seus *destinos*. Como escreve Freud: a inversão no contrário, o retorno sobre a própria pessoa, o recalçamento e a sublimação. Sendo assim, “a pulsão é indissociável do tratamento e da análise na transferência”, conforme afirma Guy Clastres¹.

Freud também precisou, observa Jairo Gerbase, “de diferenciar as atividades auto-eróticas (o chupar, o onanismo da primeira infância, o prazer da micção e da defecação) das primeiras manifestações

¹ CLASTRES, Guy. Trois rêves. *Trêfle*, Toulouse, n.2, p.65-72, jan 2001.

da libido na criança (prazer de ver, de mostrar-se, de sofrer, etc.) onde já se trata da escolha de objeto, isto é, onde a presença do outro torna-se essencial. Do outro, do corpo do outro, de parte do corpo do outro ou, finalmente, de algo que o simbolize”².

A pulsão – *der “Trieb”* – funciona para Freud “como uma noção de fronteira entre psíquico e somático, como representante psíquico oriundo das excitações que chegam à psique pelo interior do corpo, e como uma ‘exigência de trabalho’ (*Arbeitsanforderung*) que é infligida ao psíquico em consequência de sua conexão com o corpóreo”³. É essa *exigência de trabalho*, como veremos, expressa através da gramática discursiva que nos interessa no tratamento psicanalítico.

Do texto de Freud *A pulsão e seus destinos*, de 1915, recolho dois esquemas: o primeiro, “a pulsão escópica” que serve a Freud para demarcar a estrutura mais bem acabada da atividade presente na *força (Drang)* pulsional, e, segundo, “o caso do amor e do ódio” cujo enredo nos remete à estrutura da fantasia presente no texto de Freud *Uma criança é batida*, de 1919.

Do texto de Lacan, no grafo desejo, nos *Escritos*⁴ recolho o seguinte para pensarmos os destinos da pulsão: ele inscreve a fórmula da fantasia ($\diamond a$) do lado esquerdo e a pulsão com a fórmula da demanda pulsional ($\diamond D$) do lado direito, no último andar do grafo onde ele situa o eixo da enunciação. O losango \diamond , no final do seu ensino, é o lugar do nó que nucleia o complexo de Édipo ao inominável do segundo tempo da fantasia, que é inconsciente para Freud⁵. O nó topológico que concerne ao complexo de Édipo na estrutura do sujeito é para Lacan, no seminário *A identificação*, dotado de um duplo imperativo: de um lado, a demanda de amor aparece como incondicional; de outro, a emergência do desejo é identificada como o desejo do grande-Outro⁶.

² GERBASE, Jairo. Fantasia masoquista e traço de perversão. *Falo*, Salvador, n.4/5, p.61-64, jan./dez. 1989.

³ FREUD, Sigmund. Triebe und Triebchicksale. *Studienausgabe*. Frankfurt a. M.: S. Fischer. Band III, p. 85.

⁴ LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 831.

⁵ S() / Gozo ?! Castração / d : infinitivos da demanda *se fazer: caro, ver, comer, caro, etc.*

⁶ LACAN, J. Le séminaire: L'identification: aula de 21 de março de 1962.

Erik Porge, em seu artigo “Comme est dit du père”⁷ chama a atenção para uma distinção fundamental feita por Lacan entre duas cadeias que se opõem: a cadeia da fantasia (Fig.1), conforme a apresentação de Lacan na aula de 22 de outubro de 1973 no *Seminário 20, Mais Ainda*, e a cadeia da relação sexual (Fig.2) um anel simples com um falso nó de trevo, porque, se retirarmos o anel, o nó se desfaz, conforme a aula de 10 de fevereiro de 1976 no seminário *Le Sinthome*⁸.

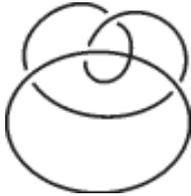


Fig 1
Cadeia da fantasia



Fig 2
Cadeia da relação sexual

Na Fig.1 Lacan simboliza o sujeito “– permitindo reconhecer no anel simples, que troca com o oito interior, o signo do objeto *a* – ou seja, da causa pela qual o sujeito se identifica com seu desejo”⁹. Desde a aula de 24 de junho de 1964, de *O seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, o oito interior (sem o anel) ilustra diversos elementos que compõem lugares na análise, por exemplo: D = a linha da demanda, I = linha da interseção “identificação”, T = ponto da transferência e d = desejo, sendo o circuito interno (oito interior) o lugar do desejo causado pelo objeto pequeno “*a*”, conforme ilustra o desenho abaixo (Fig.3) e “situa o analista sobre essa linha I, o ponto de identificação fascinante, e *a*, o objeto, no ponto de partida da linha, onde ele escreve T, ponto de base da transferência”¹⁰.

⁷ PORGE, Erik. Comme est dit du père. *Littoral*, Paris, n.11, p.247-263, fev. 1984.

⁸ LACAN, J. *Le séminaire: Le sinthome*. aula de 10 de fevereiro de 1976, p.106.

⁹ LACAN, J. *O seminário, livro 20: Mais Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982, p.186.

¹⁰ GRANON-LAFONT, Jeanne. *A topologia de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. p.86.

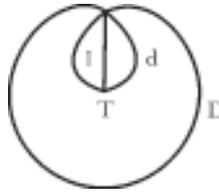


Fig 3
Cross cap/Oito interior

Na Fig.2, Lacan demarca a cadeia da relação sexual, suporte do que há de relação (*rappor*t), é ela que permite o acesso ao vivo¹¹.

A pulsão escópica (*Schautrieb*)

Quando Freud nos apresenta o par de opostos: *olhar* e *se mostrar* (*voyeur* e *exibicionista*, na linguagem da perversão), demonstra os três tempos do percurso da pulsão. Ele retoma os mesmos estádios do exemplo anterior proposto para o sadismo, mas não da mesma maneira: a) 1º tempo: *o olhar*, enquanto atividade dirigida sobre um objeto estrangeiro, indica a direção ativa; b) 2º tempo: o abandono do objeto, o retorno da pulsão escópica sobre uma parte do próprio corpo *ao mesmo tempo*, a inversão em passividade e a colocação do novo alvo: *ser olhado* indica a direção passiva e c) a instalação de um novo sujeito ao qual se mostra para *ser olhado por ele*, indica a direção reflexiva. Conforme a leitura de Jacques-Alain Miller, o gozo (*jouissance*) é um quarto tempo lógico da elaboração do conceito de pulsão proposto por Lacan. É um conceito, nos diz Miller, “que reunifica a libido e a pulsão de morte”¹².

Em *O Seminário 11*, Lacan destaca esse novo sujeito para dizer : “não que ali já houvesse um, a saber, o sujeito da pulsão, mas que é

¹¹ LACAN, J. *Le séminaire : Le sinthome*, op. cit., p.106.

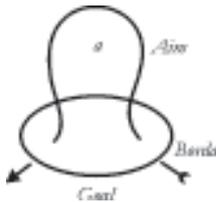
¹² MILLER, Jacques-Alain. *Lacan elucidado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p.364. [Será que poderíamos pensar a noção de gozo pulsional com a direção imperativa tributária do encontro com o real, traumático, nó que amarra a castração? “O real é o choque – nos diz Lacan em *O Seminário: livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979 – “o fato de que isso não se arranja imediatamente. O real é a separação do *princípio do prazer*, sua dessexualização”, p.169].

SUJEITO E GOZO

novo ver aparecer um sujeito. Esse sujeito, que é propriamente o outro, aparece no que a pulsão pôde fechar seu curso circular. É somente com sua aparição no nível do outro que pode ser realizado o que é da função da pulsão¹³. (É no *discurso do analista*, conforme a aula de 19 de dezembro de 1972 do Seminário 20, que se realiza a equação do sujeito no lugar do outro).



Ainda no Seminário 11, Lacan ilustra, através da flecha (Fig.5), o movimento pulsional. Movimento em curso circular que sobe e desce, que atravessa, *Drang* que ela (a pulsão) é na origem, e desenha a superfície constituída como a borda, que é considerada na teoria como a fonte, a *Quelle*, isto é, nos diz Lacan, “a zona dita erógena na pulsão. A tensão é sempre um fecho, assinala Lacan, e não pode ser dissolidarizada de seu retorno sobre a zona erógena¹⁴”.



- Aim = trajeto (inglês)
- Borda = fonte, zona erógena
- Goal = meta
- a = objeto

Freud se serve, nessa perspectiva, do mesmo princípio utilizado em *Para a introdução do narcisismo*, ao abordar as formas do amor nos caminhos para a escolha de objeto¹⁵, ao nos apresentar o verbo nas vias ativa, passiva e reflexiva, nos dá a ver a posição do sujeito na

¹³ Id., *ibid.*, p.169.

¹⁴ Id., *loc. cit.*

¹⁵ Ama-se: 1) Conforme o **tipo narcisista**: a) *was man selbst ist (sich selbst)* o que **se** é mesmo (si mesmo); b) *was man selbst war*, o que **se era** mesmo; c) *was man selbst sein möchte*, o que **se gostaria mesmo de ser** e d) *die Person, die ein Teil des eigenen Selbst war*. **a pessoa que era** uma parte do próprio 'si mesmo'.

gramática pulsional de onde certamente nos leva a deduzir o que Lacan denominará de gozo (*jouissance*). O que significa dizer que “o *sujeito* é o termo sobre o qual se faz uma declaração”¹⁶ e exerce uma atitude no âmbito do processo verbal, podendo ser de *atividade*, de *passividade* e de atividade e passividade ao mesmo tempo. O sujeito ora pode estar no lugar de *agente*, ora no lugar de *objeto*. Ora pode ser *determinado*, ora *indeterminado* ou simplesmente *inexistente*. É aí, nos diz Lacan, que se encontra o sentido da palavra *sujeito* no discurso analítico. “O que fala sem o saber me faz *eu*, sujeito do verbo. Isso não é suficiente para me fazer ser”¹⁷.

O caso do amor e ódio

A inversão quanto ao conteúdo (gramatical do discurso), ou seja, a transformação da pulsão em seu contrário (material) só se observa em um caso, a transposição do amor em ódio. Freud nos diz que preferia colocar *o amar* como a expressão da tendência sexual total, mas ele não pode fazer isto, simplesmente porque *o amar* é narcísico e uma *pulsão parcial* da sexualidade como qualquer outra. O amar é suscetível de três oposições das quais ele aproxima a segunda do modelo gramatical da pulsão escópica: a) amar – odiar; b) amar – ser amado e c) amar e odiar, tomadas em conjunto, opõem-se ao estado de indiferença ou indiferença (*Indifferenz oder Gleichgültigkeit*).

Amar – ser amado corresponde justamente ao retorno da atividade sobre a passividade, e se deixa restabelecer a uma situação fundamental como na pulsão escópica¹⁸.

No segundo tempo da fantasia, em *Uma criança é batida*, Freud nos diz que há recalçamento e regressão. Há recalçamento do amor pelo pai (para o menino e para a menina): por causa da consciência de culpa (o futuro *supereu*) e também “porque as crianças ingressaram numa nova fase de desenvolvimento, na qual são compelidos a recapitular, a partir da história da humanidade, os recalcimentos de

¹⁶ CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME/MEC, 1972.

¹⁷ LACAN, Jacques. *Le séminaire, livre XX: Encore (1972-1973)*. Paris: Seuil, 1975. p.108.

¹⁸ Essa situação se enuncia: “amar a si mesmo”, o que é para nós a característica do narcisismo. Freud nos aponta que a vida psíquica é dominada por três polaridades: a) sujeito (eu) – objeto (mundo exterior), b) Prazer – Desprazer (*Lust - Unlust*), c) Ativo – Passivo.

uma escolha de objeto incestuosos. Na nova fase, nenhum produto mental dos impulsos de amor incestuoso que esteja inconscientemente presente, é assumido pela consciência; e nada que já tenha alcançado a consciência é dela expulso. Ao mesmo tempo em que ocorre esse processo de recalçamento, surge um sentimento de culpa. Este é também de origem desconhecida, mas não há dúvida de que qualquer que seja, está ligada aos desejos incestuosos e justificada pela persistência desses desejos no inconsciente”¹⁹.

Este segundo tempo é um índice de um recalçamento que participa do fundamento mítico do complexo de Édipo, de sua própria estrutura, tal qual Freud a explica. Na ocasião desse processo, há inversão da fórmula “ele apanha” em “eu apanho” [o que muda é o sujeito]; mas, pelo fato de ser tomada pelo prisma sexual – seduções, primeiros gozos –, há substituição da fórmula invertida pela precedente. “*Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação*, e dessa última fonte deriva a excitação libidinal que se liga à fantasia”²⁰. Como nos diz Lacan, é na substituição de um significante por outro que se produz um efeito de significação.

Podemos escrever a operação:

ser batido → significação fálica do amor pelo pai.
ser amado

Na fantasia, conforme Erik Porge²¹, a significação fálica, ou o falo como significação produzida pela substituição, torna-se o signo do amor do pai. Nesse tempo, o voto “ser amado” é recalçado, inconsciente. Sua formação – por regressão e substituição – é também inconsciente, segundo Freud. Na fantasia, tal qual é articulada por Freud, o voto inconsciente é sua formulação, sua enunciação. Daí a importância da transferência que possibilitam as escansões significantes.

“Há um recalçamento inerente ao desejo, para quem o falo é o ponto nó”²². “Que o falo seja um significante impõe que seja no lugar

¹⁹ FREUD, Sigmund. Uma criança é espancada. In: ___. *Obras psicológicas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. CD-ROM.

²⁰ Id., *Ibid.*

²¹ PORGE, Erik. *Comme est dit du père*, op. cit., p. 252.

²² Id., loc. cit.

do grande-Outro que o sujeito tem acesso a ele. Mas, como esse significativo só se encontra aí velado e como razão do desejo do grande-Outro, é esse desejo do grande-Outro como tal que é imposto ao sujeito reconhecer, quer dizer, o Outro enquanto ele próprio é sujeito dividido pela *Spaltung* significativa²³, nos diz Lacan.

O segundo tempo da fantasia é a chave do desejo do sujeito, nos ensina Freud. O sujeito não pode enunciar o desejo sem perder o sentido de sua representação, de suas imagens narcísicas. Para Freud, é necessária a existência de um tempo a mais nas transformações da fórmula da fantasia: inarticulável como tal... “O que é inarticulável é o fundamento de um fundamento: ou ainda o fundamento de uma nomeação, pois é a nomeação que funda”²⁴.

O sujeito em análise

Fotógrafo de profissão, ocupa-se, por opção, da página policial de um jornal popular. Está em análise há três anos, tendo interrompido o tratamento durante um ano. Em sua demanda de tratamento, pergunta: por que perde tão rapidamente a paciência com os outros? Por que não suporta ficar calado? Isto, reconhece, o prejudica muito. Ao falar de seus amores, diz preferir desejar todas as mulheres! Já havia feito outras análises.

1º Sonho: *Desta vez o cenário é uma favela carioca. O sonhador adentra o beco e se põe em pé de costas para a rua na porta de um bar no qual beberica um refrigerante quando ouve o barulho da polícia e a voz de um delegado muito conhecido por sua crueldade. Aos gritos, o tal delegado escolhe um transeunte qualquer para servir de exemplo. O delegado bate nele, bate muito e o deixa caído no chão, sozinho, pois nessa hora todos correm. O sonhador diz não poder olhar a cena, apenas ouvir o que ocorre e morrer de ódio do tal delegado, destacando em seu relato o caráter passivo perante aquela cena aberrante. Ele fica muito angustiado. Ao final do relato, ele se lembra de uma sombra a qual interpreta como sendo a de sua mãe, dela ele não vê o rosto.*

Do sonho, eu desejo saber o nome do delegado. O nome revela o sobrenome estrangeiro que remete ao patronímico do analisante.

²³ LACAN, Jacques. A significação do falo. *Escritos*, op. cit., p.700.

²⁴ PORGE, Erik, op. cit., p.253.

Sonho cuja estrutura imaginária se repete durante o tratamento, semelhante ao primeiro tempo da fantasia descrita por Freud: “o meu pai está batendo na criança”.

2º Sonho: *O sonho é muito curto, de cuja imagem restam apenas duas frases “eu sonhei com meu pai”. “Ele me batia muito, muito mesmo”. [“Estou sendo espancado pelo meu pai”: a pessoa encontra-se na posição de objeto].*

Desses dois significantes, emerge uma lembrança de quando criança com o pai: lembrança de humilhação, de não se sentir amado pelo pai, de *estar passivo* perante a falta de paciência de seu pai para lhe ensinar matemática. Do significante *passivo* que o incomoda bastante pois o sujeito o associa à “posição feminina” – como observa Freud que fazem as crianças –, emerge um outro significante – “você parece um molóide” – cuja *exigência de trabalho* move o sujeito²⁵ no vaivém pulsional que o identifica/desidentifica ao rivalizar com os outros. Porém ainda na obediência de uma demanda que se torna seu objeto, demanda a qual se queixava servir. Os significantes pululam inteiramente sem sentido, aos poucos vai sendo possível remontar uma história, desmontar as identificações, cernir: sujeito, gozo, satisfação, resto inominável.

Na minha opinião, o conceito de pulsão é fundamental para operarmos a práxis da psicanálise porque permite distinguir as duas cadeias que atravessam o percurso de uma análise: a cadeia da relação sexual, ilustrada pelo anel simples e nó de trevo (Fig.2), com sua cota de impossível de um saber sobre o gozo, e a cadeia da fantasia, ilustrada pelo anel simples e um oito interior (Fig.1), que torna possível a experiência de fazer vacilar o sujeito perante seus atos.

Referências

CLASTRES, Guy. Trois rêves. *Trèfle*, Toulouse, n.2, p.65-72, jan/2001.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME/MEC, 1972.

²⁵ Como ensina Lacan “o significante, ao contrário do signo, não é o que representa alguma coisa para alguém, é o que representa precisamente o sujeito para um outro significante”, na aula de 6 de dezembro de 1961, no Seminário da *Identificação*.

AS PULSÕES, SEUS DESTINOS E O SUJEITO EM ANÁLISE

FREUD, Sigmund. Triebe und Tribschicksale. In: __. *Studienausgabe*. Frankfurt a. M.: S. Fischer, Band III.

FREUD, Sigmund. Uma criança é espancada. In: __. *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. CD-ROM.

GERBASE, Jairo. Fantasia masoquista e traço de perversão. *Falo*, Salvador, n.4/5, p.61-64, jan./dez. 1989.

GRANON-LAFONT, Jeanne. *A topologia de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: __. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. A significação do falo. In: __. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire: L'identification (1961-1962)*. Paris: Association Freudienne Internationale, 1997, (Publication hors commerce)

LACAN, Jacques. *O Seminário: livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

LACAN, Jacques. *O Seminário: livro XX: Mais, ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire: Le Sinthome (1975-1976)*. Paris: Association Freudienne Internationale, 1997, (Publication hors commerce).

MILLER, Jacques-Alain. *Lacan Elucidado* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

PORGE, Erik. Comme est dit du père. *Littoral*, Paris, n.11, p.247-263, fev.1984.

O Supereu e o imperativo de gozo

Marcus do Rio Teixeira

Quando recebemos o convite, feito por Angélica Teixeira – a quem agradecemos a oportunidade de estar aqui –, para falar sobre este tema, nos colocamos inicialmente uma questão. Esta questão, que nos pareceu um tanto ingênua, diz respeito à naturalidade com que nos referimos à definição lacaniana do supereu. De fato, esta definição já faz parte das nossas referências teóricas há tanto tempo que costumamos esquecer – ou, no caso das novas gerações de analistas, saltar – a definição freudiana, evitando cotejá-la com a leitura de Lacan. A nossa questão poderia ser resumida desta forma: Lacan está sendo coerente com Freud quando fala do supereu?

A abordagem do supereu em Lacan nos chama a atenção, logo de início, pelo caráter provocador da sua definição aforismática, que inclui o conceito de gozo, considerando-o uma injunção feita pelo supereu ao sujeito. À primeira vista, esta definição parece entrar em total contradição com a definição freudiana. Primeiramente porque, se abordarmos o conceito freudiano de supereu superpondo-o ao conceito de gozo, constatamos, de imediato, que para Freud o supereu só poderia ser definido como instância que interdita, que proíbe, que tolhe o gozo – aí entendido, no caso, como gozo sexual, porque é preciso frisar que, para Freud, o gozo de que se trata é, sem dúvida alguma, o gozo sexual. O supereu freudiano é, portanto, a instância que vai interditar o acesso do sujeito ao gozo sexual, e Freud lista todas as conseqüências sintomáticas decorrentes, tanto da tentativa de cumprir esta proibição (auto-exigência neurótica), quanto das tentativas de burlá-la (sentimento de culpa).

Passamos muito rapidamente por esta parte, uma vez que todos vocês possuem bastante familiaridade com o tema. O supereu aparece na obra de Freud, sobretudo em *O Eu e o Isso*, como uma instância relacionada com a consciência moral, com a proibição, com o sentimento de culpa. Freud se refere a ele como herdeiro do complexo de Édipo, ou seja, como uma introjeção da autoridade das

figuras parentais, notadamente da figura do pai – do pai real, como diria Lacan – resultante dos desdobramentos da fase final do complexo de Édipo. Ao que parece, ainda estamos aqui em uma concepção do espacial do dentro e do fora (diversa da topologia moebiana de Lacan), na qual algo que vem do exterior, ou seja, essas proibições provenientes do casal parental, são incorporadas pelo sujeito. Há também toda uma discussão entre os analistas da época e mais tarde entre os pós-freudianos sobre a origem do supereu. Fala-se de um supereu que seria herdado diretamente do supereu paterno e se discute a existência de um supereu arcaico ou a proeminência da cultura sobre algo de inato. Para Freud haveria ainda um problema específico no que diz respeito ao supereu feminino: uma vez que para as meninas faltaria um bom motivo para abandonar o Édipo, elas permaneceriam nele por um tempo “indeterminado” e a sua dissolução seria incompleta. Como conseqüência, diz ele, a formação do supereu nas mulheres seria prejudicada e essa instância não conseguiria adquirir a intensidade que dela seria esperada. Esta observação controversa de Freud não é, no nosso ponto de vista, tão discutida quanto mereceria entre nós. De todo modo, é curioso que os analistas prefiram citar mais uma frase atribuída a Freud, que diz do seu não-saber sobre a posição feminina, do que outras, como esta, que revelam um saber provocador.

Um outro ponto que se destaca na concepção freudiana do supereu é a sua extrema crueldade – esta é a maneira como Freud a ele se refere – sua exigência desmedida, sua falta de conexão com a realidade. À medida que o eu se esforça no sentido de alcançar uma nobreza moral, um estado análogo à santidade, que ele busca atender essas exigências que são justamente impossíveis de serem cumpridas, o supereu se torna ainda mais exigente. Para Freud, portanto, o supereu é uma instância cruel e que não tem noção da realidade. Suas exigências desmedidas não são, na realidade, simples exigências morais que o sujeito poderia cumprir desde que aceitasse abrir mão de seu gozo. Ao contrário, essas exigências tornam-se maiores e mais absurdas à medida que ele busca atendê-las.

Ao consultarmos, para esta apresentação, o *Index* de Henry Krutzen – que foi de grande utilidade – chamou nossa atenção a extrema escassez das referências de Lacan a este conceito na sua

obra. Se compararmos com outros termos, como por exemplo, o Ego, o *Moi*, veremos que eles possuem uma quantidade muito maior de citações na obra de Lacan, ao longo do seu *Seminário* – sendo citados várias vezes ao longo das aulas de um mesmo *Seminário* – e dos *Escritos*. O supereu, por sua vez, aparece predominantemente nos primeiros *Seminários*, sobretudo no *Seminário 1, Os escritos técnicos de Freud*; e nos *Seminários* imediatamente posteriores até o 7 ou 8. Em seguida as referências se tornam cada vez menores e mais espaçadas. Às vezes, elas consistem em uma única frase em todo um ano de ensino. Finalmente, há essa famosa referência que aparece no *Seminário 20, Encore*, que na verdade é precedida de uma formulação mais completa no *Seminário 18, De um discurso que não seria do semblant*. Em seguida, uma única citação no *Seminário L'insu*, e isso é tudo que existe nos *Seminários* de Lacan sobre o supereu. Nos *Escritos*, o conceito comparece mais longamente em seu artigo sobre Psicanálise e Criminologia, e em seguida ele se resume praticamente a uma frase, uma frase de efeito que Lacan repete insistentemente, citando a si mesmo – sua definição do supereu como “esta figura obscena e feroz”. Lacan não se estende muito além desta definição.

Não pretendemos fazer aqui uma leitura exaustiva da concepção lacaniana do supereu ao longo dos *Seminários* mas diríamos, brevemente, que no *Seminário 1*, quando do seu retorno a Freud, trata-se para Lacan de um trabalho de precisão, de depuração dos conceitos freudianos. A leitura lacaniana do supereu situa-se nessa linha de trabalho: trata-se de tomar o conceito freudiano e lapidá-lo, aparar suas arestas, depurando-o do ranço da *ego-psychology*, até chegar a uma definição essencial. O que é interessante nesse início do seu ensino, nos anos 53/54, é ele que praticamente antecipa a sua definição posterior do imperativo. Ele já afirma então que o supereu se define como sendo um imperativo; mais ainda, ele o reduz ao enunciado, a uma manifestação do Simbólico, uma espécie de ponta do Simbólico que se destacaria e que restaria como enunciado puro. Ou seja, ele remete o supereu ao campo da linguagem, ao enunciado e ao significante. No *Seminário 3, As psicoses*, Lacan vai novamente aproximar o supereu do significante. Retornaremos a este ponto mais adiante. Além disso, ele vai destacar na definição freudiana o aspecto de “lei insensata” – é assim que ele denomina o supereu – uma lei

que não tem noção de realidade, uma lei sem sentido e, como ele diz, uma lei que, no limite, é a própria negação ou o próprio desconhecimento da lei. Trata-se de uma lei tão exagerada que, no limite, ela é a sua própria negação. Observem, porém, que nesse período Lacan ainda permanece próximo à definição do conceito de supereu no sentido estritamente freudiano. O supereu nesse momento ainda é um conceito que ele retoma de Freud e que ele procura depurar, mas que ele interpreta de modo fiel a sua aceção freudiana. Por exemplo, ele justifica a sua definição do supereu como figura obscura e feroz remetendo esta ferocidade à crueldade freudiana, tal como Freud define o supereu – trata-se da crueldade em relação ao eu.

Nos anos seguintes, encontramos referências ao supereu aproximando-o da Voz, no *Seminário 10, A Angústia*, e outras definições esparsas que vão se estender ao longo desses primeiros *Seminários*. Cabe destacar, por exemplo, a distinção da instância do Ideal do eu. Finalmente, no *Seminário 18, De um discurso que não seria do semblant* – preferimos manter este termo no original por tratar-se de uma tradução muito problemática – Lacan vai retomar de forma um tanto repentina este conceito, em passagens curtas, porém extremamente marcantes, nas quais destaca a sua importância na teoria freudiana e aponta a sua relação com o gozo. No decorrer do Seminário ele comenta, de passagem, que “o supereu é a única coisa da qual jamais tratei”. Ele vai anunciar então, no final da última aula deste Seminário: “eu trago aqui alguma coisa para vocês guardarem na mão...” Em seguida, anuncia de maneira bombástica que “na verdade, a grande novidade da segunda tópica de Freud é o supereu”. Ele vinha de falar, justamente, do pai da horda primitiva, e nessa passagem aproxima o supereu deste pai que é, justamente, o ao-menos-um que escapa à castração: “E o que é que esse Pai, com efeito, diz, no declínio do Édipo? Ele diz o que diz o supereu. O que diz o supereu – não é por nada que eu nunca o abordei verdadeiramente – o que diz o supereu é ‘Goza!’”

Segundo pudemos verificar, esta é a primeira formulação do supereu como imperativo de gozo, apesar de ser menos citada entre nós que a formulação posterior do *Seminário Encore*. Lacan vai finalizar com uma citação da Bíblia, extraída do Eclesiastes: “Goza tanto quanto tu és, goza. Goza com a mulher que tu amas”. E ele conclui

de modo irônico, dizendo: “É mesmo o cúmulo do paradoxo porque é justamente do amor que vem o obstáculo”. Trata-se aqui de uma referência à famosa clivagem freudiana do desejo masculino entre o objeto do amor e o objeto do desejo. Lacan passa o *Seminário* seguinte sem voltar a se referir ao supereu e, exatamente um ano depois, no seu *Seminário 20, Encore*, ele continua como se não houvesse feito uma interrupção, retornando exatamente ao ponto onde havia parado e falando do gozo, numa última referência ao supereu, na qual reafirma que ele é o imperativo do gozo – é essa instância que diz: “Gozal!” Mais adiante, há uma única referência no *Seminário 24* e mais nada.

A primeira impressão ao fazer esse percurso da abordagem do supereu na obra de Lacan é que ele parece inicialmente não saber muito bem o que fazer deste conceito freudiano, que é uma espécie de batata quente em suas mãos. Entretanto, esta formulação tardia do *Seminário 18*, parece nos indicar uma outra via, onde Lacan na verdade procura dar uma nova roupagem a este conceito, onde não se trata mais de uma depuração do conceito freudiano, mas de uma leitura propriamente sua, uma apropriação lacaniana do conceito do supereu. Nesse sentido, nos parece que ele adota uma abordagem que, apesar de estar delineada no conceito de Freud, avança em outra direção. Voltemos aqui à questão que levantamos no início: Freud e Lacan estão dizendo a mesma coisa quando falam do supereu? Eles estão falando do mesmo gozo? Para Freud, como vimos, trata-se sem dúvida do gozo sexual. E quanto a Lacan, seria o mesmo? A resposta a esta questão é essencial para respondermos esta questão, pois se ambos falam do gozo sexual, haveria uma contradição, uma vez que, segundo Freud, o supereu seria uma instância interditora desse gozo, enquanto para Lacan seria uma instância que proferiria um comando ao gozo. Por outro lado, se Lacan estiver se referindo a um gozo que não o sexual, um gozo, por exemplo, do fracasso, do sofrimento neurótico, do sintoma, poderíamos dizer então que se trata de uma leitura da concepção freudiana que não entraria em contradição com aquela, mas que buscaria repensá-la à luz de um novo aparelho conceitual.

Para esclarecermos este ponto, devemos lembrar de como o próprio Lacan define o gozo sexual. Para ele, trata-se de um gozo

O SUPEREU E O IMPERATIVO DE GOZO

que diz respeito ao gozo fálico, um gozo que é limitado pelo significante, e que tem, necessariamente, que sofrer uma escansão, cujo modelo *princeps* é o orgasmo masculino. Ou seja, é preciso haver uma subida e um declínio da tensão, uma pausa necessária até mesmo biologicamente, para que o sujeito goze novamente. E quanto ao gozo imposto pelo supereu, será que poderíamos pensá-lo da mesma forma? Uma pista estaria na observação feita por Freud acerca das exigências feitas pelo supereu, as quais ele considera exageradas, desmedidas, incompatíveis com a realidade. Neste caso, o mandato de gozo do supereu seria impossível de ser cumprido. Este gozo seria, talvez, próximo não do gozo fálico, do gozo sexual, mas sim do que Lacan denominou gozo do grande Outro. Lacan parece dar uma pista nesta direção quando aproxima o supereu do pai da horda primitiva, daquele que é, justamente, o pai que escapa à castração. Trata-se do grande Outro, mas do grande Outro não castrado. Este imperativo de gozo imposto pelo supereu diria respeito, portanto, a um gozo do grande Outro, um gozo não-sexual, não-fálico, ilimitado, que não encontraria algo que pudesse detê-lo, uma barreira. A injunção ao gozo seria impossível de ser cumprida, justamente, porque, caso fosse cumprida, seguindo ao pé da letra o imperativo do supereu, o que o sujeito encontraria seria sua própria morte, o seu desaparecimento enquanto sujeito. Pois uma vez que o sujeito se arrisque a ir ao extremo do gozo do Outro, deste gozo que não possui limite, a única coisa que poderá detê-lo será, justamente, a morte. Estamos falando aqui de um gozo que consome o sujeito no sentido que uma vela é consumida pela chama, cujo modelo mais próximo na nossa clínica é, precisamente, o gozo do toxicômano, que vai até o extremo, até encontrar a *overdose*. Lacan retomaria portanto a formulação freudiana do supereu, resumindo-o ao puro imperativo que impede o acesso do sujeito ao gozo fálico, um comando a avançar até o extremo do gozo do Outro, que poria em risco o sujeito.

Quanto ao interesse decrescente de Lacan por este conceito, podemos entendê-lo como uma constatação de que o supereu não era necessário no seu aparato conceitual em uma fase posterior do seu ensino. Isto porque, na medida em que ele trabalha o conceito, reduzindo-o ao enunciado, aproximando-o do significante, a instância freudiana é de certa forma absorvida pelo significante-mestre,

pelo S1, que Charles Melman vai chamar de manifestação concreta do imperativo categórico. O S1 assume na teoria lacaniana as funções de comando, de imperativo, que cabiam ao supereu, com a vantagem de não incorrer no risco de psicologização que a segunda tópica propicia, por remeter este comando a um puro significante. Restaria a articulação com a dimensão do gozo, que permite pensar a posição subjetiva na situação de sujeição ao Outro e aquilo que o sujeito vivencia nesta situação como gozo. Talvez isso explique a volta tardia de Lacan sobre esse conceito e a sua referência elogiosa no *Seminário 18*.

Para concluir, colocaríamos uma última questão: qual seria a pertinência do conceito de supereu na contemporaneidade? Faria sentido, seguindo Lacan, retomar ainda um conceito freudiano como este ou deveríamos abandoná-lo, na medida em que na obra final de Lacan ele de certo modo não lhe confere a mesma importância que outros conceitos?

Parece-nos que o supereu possui uma pertinência na clínica contemporânea, embora de uma forma naturalmente diferente daquela que lhe dava Freud. Esta diferença se daria no sentido de que ele se faz presente, hoje em dia, como um imperativo do gozo que provém, não mais das instâncias do casal parental, desses grandes Outros reais a que Freud se referia, tampouco desse grande Outro não barrado, do Deus do Antigo Testamento, mas de um outro tipo de lugar que seria, justamente, aquele que nós designaríamos, genericamente, como o social. Dessa forma, o imperativo superegóico, na contemporaneidade, chegaria a nós proveniente, não mais da família ou da tradição religiosa, mas do anonimato dos discursos a que somos submetidos pela cultura, pela mídia. É desde este lugar que nos chegam os imperativos do supereu, imperativos que conhecemos bastante e dos quais poderíamos citar alguns dentre os mais conhecidos, os mais frequentes na nossa sociedade, que se apresentam sempre sob a forma de enunciados, como Lacan ressaltou. Quais seriam estes imperativos na sociedade contemporânea?

Poderíamos citar, dentre eles: “Tenha um corpo belo e saudável.” “Seja rico e famoso.” “Tenha uma vida sexual intensa e prazerosa.” E, finalmente, mas não por último: “Seja feliz.” O mais interessante aqui é que nós podemos notar que as manifestações sintomáticas

O SUPEREU E O IMPERATIVO DE GOZO

mais comuns na contemporaneidade e que apresentam um desafio, não somente à clínica psicanalítica, mas à clínica médica, se apresentam como uma resposta a estes imperativos, mas uma resposta em negativo. Então, nós temos, em resposta à injunção de ter um corpo belo e saudável, a anorexia, a bulimia, e também poderíamos incluir aí talvez a toxicomania. Quanto a ser rico e famoso, o que se apresenta é a exclusão social e a delinqüência, sobretudo na forma como aparece, em sua expressão recente, a delinqüência entre os jovens de classe média e média alta. A respeito da injunção a ter uma vida sexual intensa e prazerosa, aumentam os casos do que os médicos chamam, eufemisticamente, não de impotência, mas disfunção erétil. E, recentemente, há uma tentativa de definir clinicamente um equivalente feminino para que se possa encontrar mesmo medicamento para a mulher. E, finalmente, atendendo ao imperativo de felicidade, temos o mal da moda, a depressão

Notem que tais enunciados, que outrora seriam assumidos meramente como votos, anseios, apresentam-se em um caráter imperativo, sob a forma de injunções desse social anônimo às quais o sujeito se esforça para obedecer, o que lhes confere uma dimensão nova, propriamente superegóica. Observem também que nas manifestações sintomáticas que daí decorrem poderíamos perceber tanto uma submissão do sujeito a estas injunções, quanto uma maneira pela qual ele reagiria a este gozo ilimitado que lhe é imposto. Os novos sintomas da contemporaneidade podem ser lidos como um modo de reação do sujeito contra a reificação que lhe é imposta pelo laço social, onde o sintoma surge como uma derradeira manifestação contra o seu apagamento.

Referências

FREUD, S. O ego e o id. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIX.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXII.

SUJEITO E GOZO

KRUTZEN, H. *Index référentiel du Séminaire de Jacques Lacan*. Paris: Anthropos, 2ª ed., 2003.

LACAN, J. *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

LACAN, J. *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ª ed. rev., 1988.

LACAN, J. *O Seminário, livro 10: A angústia*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1997. Edição sem fins comerciais.

LACAN, J. *O Seminário, livro 18: De um discurso que não seria do semblante*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1995. Edição sem fins comerciais.

LACAN, J. *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

AUTORES

ANGÉLIA TEIXEIRA

Analista Membro da Escola de Psicanálise do Fórum do Campo Lacaniano – Salvador. Membro da Associação Científica Campo Psicanalítico – Salvador. Professora da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Mestre em Teoria Psicanalítica (UFBA-UFRJ)

CARLOS PINTO CORRÊA

Psicanalista fundador do Círculo Psicanalítico da Bahia

CLARICE GATTO

Psicóloga. Psicanalista. Pesquisadora da FIOCRUZ – RJ. Membro da Escola de Psicanálise do Fórum do Campo Lacaniano – Rio de Janeiro

CHRISTIAN INGO LENZ DUNKER

Psicanalista. Professor da Pós-Graduação em Psicologia da Universidade São Marcos. Membro do Fórum do Campo Lacaniano – São Paulo

DIDIER CASTANET

Doutor em psicologia. Psicanalista Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (Toulouse e Belo Horizonte), A.M.E.

IDA FREITAS

Psicóloga. Especialista em Psicologia Clínica. Psicanalista. Membro da Associação Científica Campo Psicanalítico – Salvador. Membro da Escola de Psicanálise do Fórum do Campo Lacaniano – Salvador.

JAIRO GERBASE

Analista Membro da Escola de Psicanálise do Fórum do Campo Lacaniano – Salvador. Membro da Associação Científica Campo Psicanalítico – Salvador. Diretor da Associação Fóruns do Campo Lacaniano.

JOSÉ ANTONIO PEREIRA DA SILVA

Psicólogo. Psicanalista. Membro da Associação Científica Campo Psicanalítico – Salvador. Membro da Escola de Psicanálise do Fórum do Campo Lacaniano – Salvador

MARCUS DO RIO TEIXEIRA

Psicanalista. Editor da *Ágalma*. Autor de *Genealogia do banal* (1981), *A feminilidade na psicanálise e outros ensaios* (1991)

ROSELI MARIA RODELLA OLIVEIRA

Psicanalista. Membro do Projeto Freudiano. Membro da Escola de Psicanálise do Fórum do Campo Lacaniano – Aracaju

SONIA CAMPOS MAGALHÃES

Psicóloga. Psicanalista. Analista Membro da Escola de Psicanálise do Fórum do Campo Lacaniano – Salvador. Membro da Associação Científica Campo Psicanalítico – Salvador.

SORAYA CARVALHO

Psicanalista. Membro da Associação Científica Campo Psicanalítico – Salvador. Psicóloga do CIAVE – Centro de Informação Anti-veneno-Ba

VITÓRIA EUGENIA OTTONI CARVALHO

Psicanalista. Professor Adjunto do Departamento de Neuropsiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia – UFBA



Topologia do Sujeito
Sujeito e Discurso
Clínica do Sujeito
Sujeito e Gozo

Apoio:



Fundação de Amparo
à Pesquisa do Estado da Bahia



9788589388023

SECTI